

mira pois que elle agora esteja desesperado, por isso que se acha envolvido no seu proprio jogo, e desapontado pela falta do saque que elle esperava havia de obter com uma invasão conjunta no Transvaal, e porque vê com espanto, que a causa dos seus adversarios foi esposada por aquelles mesmos que elle tinha esperado fossem seus amigos e auxiliares.

Provas para robustecer o que foi avançado por sir Theophilo Shepstone, não existem, como já dissemos; emquanto pelo contrario a actual attitude dos zulus para com o governo, e a renovação de hostilidades no paiz de Secocoeni, e no dos Griquas, na fronteira occidente-meridional, são a mais flagrante contradicção a essas affirmações do commissario.

O que atraz fica dito são alguns dos principaes argumentos que nós temos a adduzir para nos desempenharmos das instrucções de que nos encarregaram, e comquanto estejamos promptos a discutir outros pontos que possam ser apresentados em defeza ou justificação da annexação, não julgamos por agora necessario descer a maiores minuciosidades.

Temos ordem de sustentar com a voz do povo o protesto contra a annexação, e ao mesmo tempo de sollicitar humildemente, mas ardentemente, a consideração da sua causa por parte de Sua Graciosa Magestade. Protestamos contra a annexação da Republica da Africa Austral pelos seguintes motivos:

1.º Porque foi uma violação da convenção celebrada no rio Sand em janeiro de 1852 entre os commissarios de Sua Magestade e os representantes dos emigrantes lavradores.

2.º Porque os boatos ácerca da natureza dos disturbios no Transval, e o perigo para a paz e segurança das colonias proximas assim ameaçadas, e em que se baseavam as instrucções de sir Theophilo Shepstone, eram grosseiras exagerações, e não representavam a verdadeira situação do paiz.

3.º Porque a condição inserida nas instrucções de sir Theophilo que exigiam o assentimento dos habitantes, ou d'um razoavel numero d'elles, ou do Parlamento, não foi cumprido.

4.º Porque o Governador Britannico não pôde com justiça servir-se da desculpa de que a falta de defeza, e a desorganisação da Republica, e as invasões dos indigenas e seu consequente perigo para as colonias britannicas,

tornaram necessaria a intervenção da sua auctoridade, por isso que esses males, se com effeito existiram, eram o directo resultado e a consequencia de actos dos seus proprios representantes, como acima demonstrámos.

Ao concluirmos uma carta sobre um assumpto de tão vital importancia para os nossos concidadãos, para aquelles que luctaram em trabalhos e em perigos durante longos annos, na unica esperanza de conservarem a sua liberdade tão custosamente alcançada, não podemos deixar de sentir a enorme responsabilidade que nos incumbe; e se nós não conseguirmos accender no Governo de Sua Magestade a convicção da lisura e da justiça da nossa causa, será isso unicamente devido á imperfeição com que lh'a apresentamos.

Pensamos comtudo que destruimos completamente cada argumento que foi adduzido para justificar o acto de que agora pedimos a annullação, e descançamos com a mais completa confiança no senso de justiça e integridade da nação Britannica.

Sabemos que como povo sujeito, e que foi espoliado por taes meios da sua independencia, só podemos contar com um futuro de muitos annos de amargos soffrimentos, de inimizades, de abandono de lares, e de peregrinações bravias e desnorteadas; emquanto pelo outro lado, isto é, com a justiça e com a liberdade, ha toda a rasão para esperar que o Transvaal se unirá, dando as mãos aos Estados visinhos e colonias, para trabalharem juntos pela mutua prosperidade e felicidade, e para a dilatação da civilisação e do christianismo pelos sertões a dentro.

Pedimos agora sinceramente ao Governo de Sua Magestade, que ordene a prompta retirada do Administrador do Governo do Transvaal, bem como a das tropas e empregados, e que restitua ao paiz a independencia que lhe foi formalmente reconhecida pelos Governos da Allemanha, da França, da America, da Hollanda, da Belgica, e de Portugal.

Temos a honra de ser, Senhor, vossos muito obedientes e humildes servos. — (a) S. J. P. Kruger, P. J. Joubert, Delegados. — W. Ed. Bok, Secretario.

Ao muito honrado *sir Michael Hicks-Beach*, Principal Secretario de Estado de Sua Magestade para as colonias.

(Continúa)

AUGUSTO DE CASTILHO.

PELO MUNDO

EUROPA



subscrição aberta para auxiliar o intento do ministro da marinha — o fundar na Africa portugueza estações civilisadoras — tem sido acolhida do melhor grado pelo paiz.

A nosso ver é este o meio mais realisavel de podermos civilisar o indigena africano e simultaneamente de tomarmos posse de facto de muitos territorios que só de direito hoje nos pertencem, direito que nos está em muitas partes sendo contestado por muitas nações européas, que, muito mais ricas e activas do que nós, continuamente estão enviando numerosas expedições para pontos das nossas possessões africanas.

A subscrição é de todo o paiz e bom fóra que pequeninas discussões politicas desaparecessem ante ideia tão patriótica. Felizmente o *Seculo*, jornal republicano, com um patriotismo muito para louvar n'esta questão calou os odios que nutre contra as instituições monarchicas e applaudindo a ideia do ministro abriu uma subscrição com o mesmo fim.

— O Instituto geographico internacional de Berne acaba de sub-metter ás numerosas sociedades geographicas um projecto da ereação d'uma Eschola internacional da preparação para viagens, pedindo-lhes a sua coadjuvação e principalmente as suas observações.

O ensino n'esta escola será essencialmente pratico.

Depois d'algumas lições preparatorias, destinadas a expôr, ou antes a recordar os elementos da geographia e das sciencias subsidiarias, e depois d'alguns exercicios destinados a tornar os alumnos aptos para operar, os estudos serão feitos no campo e terão a forma d'uma conversação acompanhada de demonstrações e d'applicações. Frequentes excursões a pé darão assumpto para observações. No regresso d'estas excursões, os dados colhidos serão coordenados, os desenhos serão concluidos, os itinerarios e os mappas serão feitos segundo as notas tomadas e os objectos trazidos examinados e classificados.

A ultima parte do curso será uma viagem de tres ou quatro mezes nas costas do Mediterraneo, nas costas meridionaes da Italia e da Hespanha e no norte d' Africa: em Marrocos, na Algeria, na Tunisia, etc.

AFRICA

Na data das ultimas noticias de Loanda, havia regressado áquelle porto a canhoneira *Bengo*, vinda do Zaire, aonde tinha conduzido os missionarios destinados ao Congo e os officiaes encarregados de apresentar ao rei o presente enviado pelo governo portuguez.

A má escolha da epoca por ser a das cheias, e a permanencia da canhoneira *Noki*, enquanto esperava a volta dos expedicionarios, fizeram que esta viagem fosse fatal á guarnição da canhoneira.

A entrada de Loanda apenas cinco praças estavam aptas para o serviço, e o proprio commandante jazia no leito prostrado por intensas febres.

Sobre promeiores da viagem, nada se havia ainda publicado e é provavel em vista da composição da expedição, que esta não possa fornecer grandes esclarecimentos scientificos sobre o caminho percorrido.

A canhoneira á sahida do paquete partiu para Mossamedes, por ser o clima mais proprio para o restabelecimento da guarnição.

— O governo inglez, depois de encetadas novas negociações diplomaticas, em que o nosso embaixador em Londres, o sr. Dantas, obteve o mais assignalado triumpho, desistiu do tratado de Lourenço Marques, contra o qual tanto a opinião do paiz se revoltára.

Agora parece-nos a proposito dar os seguintes esclarecimentos enviados por um cavalheiro que lá vive.

A bahia de Lourenço Marques foi descoberta em 1544, fundando-se alguns annos depois, e só durante dous ou tres mezes do anno, no tempo da monção, uma improvisada feito-

ria, que não ousava tomar feição definitiva, pelo receio das traições dos cafres. Posteriormente fundou-se um estabelecimento, mas este, por ficar fóra do alcance dos recursos e soccorros frequentes da capital, esteve sempre em condições mais que precarias, e sujeito ás invasões de naturaes e de estrangeiros, que por mais de uma vez nos desapossaram e deitaram fóra.

O clima da grande parte d'estes dous districtos, porém, é o mais asado da provincia para a saude dos europeus, e para a aclimação das arvores fructiferas e uteis a que estamos costumados; e os naturaes, que são de uma constituição physica e moral evidentemente superior á dos que habitam mais ao norte, são naturalmente mais activos e industriosos que elles.

O porto de Inhambane é pelo menos tão bom como o de Quilimane, e o de Lourenço Marques é o melhor de toda aquella costa d' Africa entre Moçambique e o Cabo da Boa Esperança.

Em rasão de não terem aquelles sertões sido, como os da Zambezia, tão devassados por nós, os cafres, que têm sido menos perturbados talvez, vivem mais sob o regimen do dominio dos seus regulos, em pequenos estados organisados, que pela maior parte nos são sujeitos e tributarios. O numero d'estes regulos é muito consideravel, devendo a nossa politica tender sempre a impedir, por uma diplomacia bem conduzida, que elles cheguem a colligar-se contra a nossa auctoridade. De resto, estes povos são em geral ordeiros e bem intencionados, dedicados á agricultura. Alguns ha entretanto, e especialmente no districto de Lourenço Marques, que occupam grande extensão de terrenos, e que nos são sujeitos. Esses regulos, como, por exemplo, os de Maputo e de Moamba, são, e hão-de selo enquanto os não subjugarmos, uma origem de constantes preocupações.

Os districtos de Inhambane e de Lourenço Marques, além dos pontos de analogia que apontamos, têm mais o de terem os seus limites perfectamente definidos: ao sul com a Zululandia, a oeste com o Transvaal, ao norte com o districto de So-falla.

São, pois, aquelles dous portos que têm encetado relações com os boers; em 1846 visitou-os João Albazini, partindo de Lourenço Marques; em 1855 o padre Montanha partindo de Inhambane; mas em nenhum dos casos se estabeleceram relações, em consequencia da incuria, ou pouca largueza de vistas dos governadores.

ASIA

Segundo o relatório do *Recenseamento geral da população de Macau em 31 de dezembro de 1878* apresentado ao sr. governador da provincia de Macau e Timor, a população, em absoluto do districto administrativo de Macau era no acima referido dia de 68:086 europeus, chinas e de outras nacionalidades.

A população na China era de 4:554 europeus — a população chinesa de Macau Taipa e Colowane era de 63:532 — A proporção era de 7,16 p. c. e em 1871 esta proporção era de 8,24 p. c.

O total da população em 1871 era de 71:730 individuos — mas n'esse computo não entrou a população da Taipa e Colowane.

Deve observar-se que a extincção da emigração chinesa pelo porto de Macau é a unica causal d'esta differença, porque só corretores de colonos e empregados nos estabelecimentos da emigração chinesa eram em 1867 482 — além de uma media de 134 colonos. Havia em 1877 — 1867 meretrizes e em 1878, existiam 416, tendo as demais abandonado a colonia.

— Uma portaria do governador de Timor approvada pelo governador da provincia, nomeou uma commissão de que é presidente o major reformado Duarte Leão Cabreira, e secretario o pharmaceutico Costa Duarte, para estudar os meios de desenvolver a cultura do café, e de introduzir a cultura da canna de assucar e d'outros productos que possam dar-se na illa.

Lisboa, 25 de maio de 1881.

A. L.



VARINO — Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, segundo uma photographia d'Emilio Biel & C.^a e gravura de Hildibrand

TYPOS PORTUGUEZES

O VARINO

O HOMEM do mar tem na physionomia e no espirito um ár da rudeza do elemento grandioso com quem vive em contacto. As calmas e as rajadas alteraram-lhe as feições; reagindo contra as vagas, remando, velejando, vencendo as ressacas com a vara firmada contra o peito, alentando-se com as imprecações violentas, é comtudo submisso, sensível, e capaz de ser enganado pela sua

infantil ingenuidade. Nasce no trabalho rude da costa e cria-se n'elle; nas costas de Portugal os filhos dos pescadores vagam nús pelos areiaes, e matam a fome mariscando, ou divertem-se boiando nas ondas em pequenas bateiras; assim que são capazes de ajudarem os paes, vão com elles na companhia para o alto mar, e por lá dormem debaixo dos aguaceiros ou embrulhados na vela, ou mal agasalhados no paneiro. E' assim que

recebem a dura tempera de homens. A pesca não é a sua unica actividade; os accidentes da sua industria natural os obrigam a lançarem mão de todos os recursos. Em primeiro lugar o pescador é extremamente pobre, e para alcançar os aprestes indispensaveis, barco, rêdes, tarrafas, tem de matricular-se em uma companha, que é a tripulação de um barco de que é proprietario qualquer individuo dinheiroso que explora o seu capital por esta fórma. A companha soffre todos os trabalhos do mar e paga uma boa parte da pescaria ao dono do barco; o resto é dividido em quinhões, conforme a cathegoria de cada um, que soffrem ainda o desfalque do fisco, e as quotas para as irmandades devotas a que pertencem. São francamente desgraçados, e na sua miseria procuram o alimento e o estímulo do alcool. Elles proprios vão ao Porto vender o peixe pela rua, ainda com o passo fugitivo e na ponta do pé como quem está acostumado a atravessar as dunas da costa de Ovar. Esse espirito cosmopolita os traz tambem a Lisboa, e quando a industria da pesca falha, por causa das gran-

des invernias, vendem jornaes a dez reis e cautellas da loteria; os que ficam na terra trabalham nas marinhas, fazem rêdes, remendam-nas, torcem linhas, tingem-nas com o saião, e são excellentes cosinheiros de merendolas em que se come a caldeirada. Vivem em uma tempestade permanente, explorados por todos os que os cercam, a fazenda, o padre, o vendeiro local, e por fim morrem ou na catastrophe, ou pela imprevidencia; a familia conforma-se com a fatalidade, dizendo — coitadinho, foi cousa ruim que lhe deu. Tanto o ovarino, como todos os outros pescadores de Portugal, formam uma classe verdadeiramente abandonada a si mesmo; o estado pesa sobre ella com os mais duros impostos, mas não lhe dá piscinas, nem salvavidas, nem pharoes, nem escólas profissionaes de industrias annexas; a sua miseria subsistirá enquanto não comprehenderem a necessidade da associação, que entre elles está pervertida ou n'uma parceria sem equidade, ou na irmandade carola.

THEOPHILO BRAGA.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

MUITOS dos prisioneiros foram successivamente enviados para a sua patria, alguns entregues ás suas familias, outros simplesmente mandados para a provincia em que habitavam. Muitos foram perdoados sem condições; mas o mais das vezes era prohibido aos amnistiados o poder residirem em Varsovia. Uma centena d'elles talvez ainda estão no arsenal esperando tambem a sua hora de liberdade. Com certeza a sua situação é desgraçada; mas que paiz haverá em que a sorte do preso politico a não seja? Será na Virginia? Será na Irlanda? Será em França?

As probabilidades de evasão são poucas, tão grande é a vigilancia que os russos exercem nos seus prisioneiros. Nem uma unica tentativa de fuga pôde ter bom exito n'um periodo de doze annos. Querendo a todo o custo escapar-se um Polaco internado em Mezen, por Arkhangel não ser considerada

bastante segura, enganou o guarda e escondendo-se por entre os bosques da beira-mar alli se refugiou até que se apoderou d'um barco de pescadores; então fez-se resolutamente ao largo na esperança de ser recolhido por algum navio inglez ou sueco. Durante quatro dias e quatro noutes foi sacudido pelas vagas e molhado até aos ossos por um nevoeiro glacial. Mas não foi só isto. Devorado pelas torturas da fome e da sede, a cada momento sentia desfalecerem-lhe as forças. Os remos escaparam-se-lhe das mãos e, trazido á costa semi-morto, reputou-se feliz em poder trocar a liberdade por um bocado de pão. Quando o official encarregado de syndicar da evasão chegou á cidade, já o desgraçado estava na prisão dos seus companheiros d'exilio.

Se exceptuarmos a dôr que causa o estar detido n'uma terra triste e distante da patria, os insurgentes polacos são regularmente tratados. Os deveres que lhes impoem não

são acima das suas forças; são mais bem pagos do que os soldados que os guardam e alguns tem mesmo licença de exercer na cidade diferentes empregos. Antigamente podiam tambem dar lições, uns de dança, outros de desenho e ainda outros de linguas estrangeiras; mas esse favor é-lhe agora recusado com o pretexto de terem abusado da confiança das familias que os admittiam em casa.

Effectivamente não é cousa facil, quando se deixam os polacos descontentes misturarem-se com a população indigena, o impedir que o espirito publico se deixe influenciar pelas suas doutrinas e a policia muito ciosa grita logo que corrompem a mocidade.

Em geral o polaco é mais instruido do que o russo. Tem mais ideias, o espirito mais inventivo e um pensar mais pratico. Por isso não póde estar no meio de seres que lhe são inferiores sem d'elles se tornar o chefe. Sabe traduzir-lhes por palavras as suas aspirações, ensina-lhes os meios de as conquistar. Primeiro torna-se caixeiro; depois faz-se professor. Mandado para uma provincia distante chega, lenta, mas firmemente, á classe que lhe é devida. Uma ordem da policia não lhe pôde arrancar o talento; depois de ter cumprido a sentença fica como cidadão na terra em que o internaram e conquista uma carreira. Não é raro vel-o obter uma cadeira no professorado, entrar na magistratura judicial, ou, se serviu como militar, entrar no estado maior d'um general.

Todavia, atravez das vicissitudes da sua trabalhosa vida, não renuncia ás suas esperanças; no intimo da sua alma conserva-se Polaco e acaricia o sonho da liberdade, pela qual já soffreu o exilio. O paiz que lhe utiliza os serviços não póde n'elle ter confiança. Na hora da lucta ninguem póde affirmar que o Polaco não se entregará aos seus compatriotas, que se não servirá do poder que tem nas mãos para ferir com um golpe mortal a Russia que odeia. Os russos temem-lhe o tacto, a sua aptidão para o trabalho e na realidade é-lhe impossivel o avançar sem elle e com elle.

O Polaco que, depois d'annos d'exilio, recupera a liberdade, forma uma classe á parte; tem as qualidades que o soffrimento produz actuando em organizações poeticas e

que sentem vivamente. Chamam-lhe os *Siberianos*. Viajei alguns dias com um d'estes Polacos e fallando com elle, descobri uma outra face d'esta historia singular da vida do exilado.

XXIII

OS SIBERIANOS

«Estes versos são d'um Siberiano, disse-me o meu companheiro de viagem, depois de ter recitado algumas estrophes d'um poeta polaco.

— Um Siberiano?

— Sim senhor. N'estas provincias ha um povo de que o mundo nunca ouviu fallar; um povo novo, poderia eu dizer, porque, se physicamente faz lembrar os guerreiros que seguiram Sobieski até debaixo dos muros de Vienna, moralmente parecem-se com os frades pacientes e laboriosos que construíram os sanctuarios de Solovetsk. O tempo tornou-os soffredores. Tristes e socegados, são conhecidos entre nós pelo nome de Siberianos.

— São Polacos de nascimento?

— Sim, certamente, pelo nascimento, pelo coração e pelo genio. São os nossos filhos que soffreram a prova de fogo, os nossos filhos que já não esperavamos vêr no mundo dos vivos. Nós chamamos-lhes «os que tinhamos perdido». Na Polonia usamos uma phrase lugubre que acode aos labios dos amigos que se separam: «Nunca mais nos tornaremos a vêr». Por muitos annos estas palavras eram como uma sentença fatal. Um exilado, que passava para além dos Urals, nunca mais voltava; respeitava-se-lhe a memoria como se fosse a d'um morto. A não ser em sonhos, não podiamos esperar tornar a contemplar as feições queridas dos nossos irmãos e dos nossos filhos. Nos nossos dias, esta phrase é apenas uma lembrança do passado, um echo repetido. Em Vilna, em Kazan, em Kiew, em centenas de cidades, encontram-se colonias de Polacos que regressaram d'essas regiões malditas, e que agora vivem melancholicos e socegados nas suas casas; homens d'alta gerarchia, e de grande cultura intellectual, calcaram com os pés Tomsk e trouxeram para o Occidente um

coração puro, depurado pelo infortunio, mas não desalentado.

— Depois d'amnistia reconciliaram-se com o imperador?

— Reconciliaram-se com Deus. Não se illuda com as minhas palavras. Ninguem du-

vida que Alexandre II seja um principe bom e valente, tendo bastante rectidão para conhecer o seu dever, bastante honradez para o cumprir, posto que muitas vezes os obstaculos o detenham n'esse caminho. Mas Deus está acima de todos e seu Filho morreu por



MOÇO DE FRETES RUSSO — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

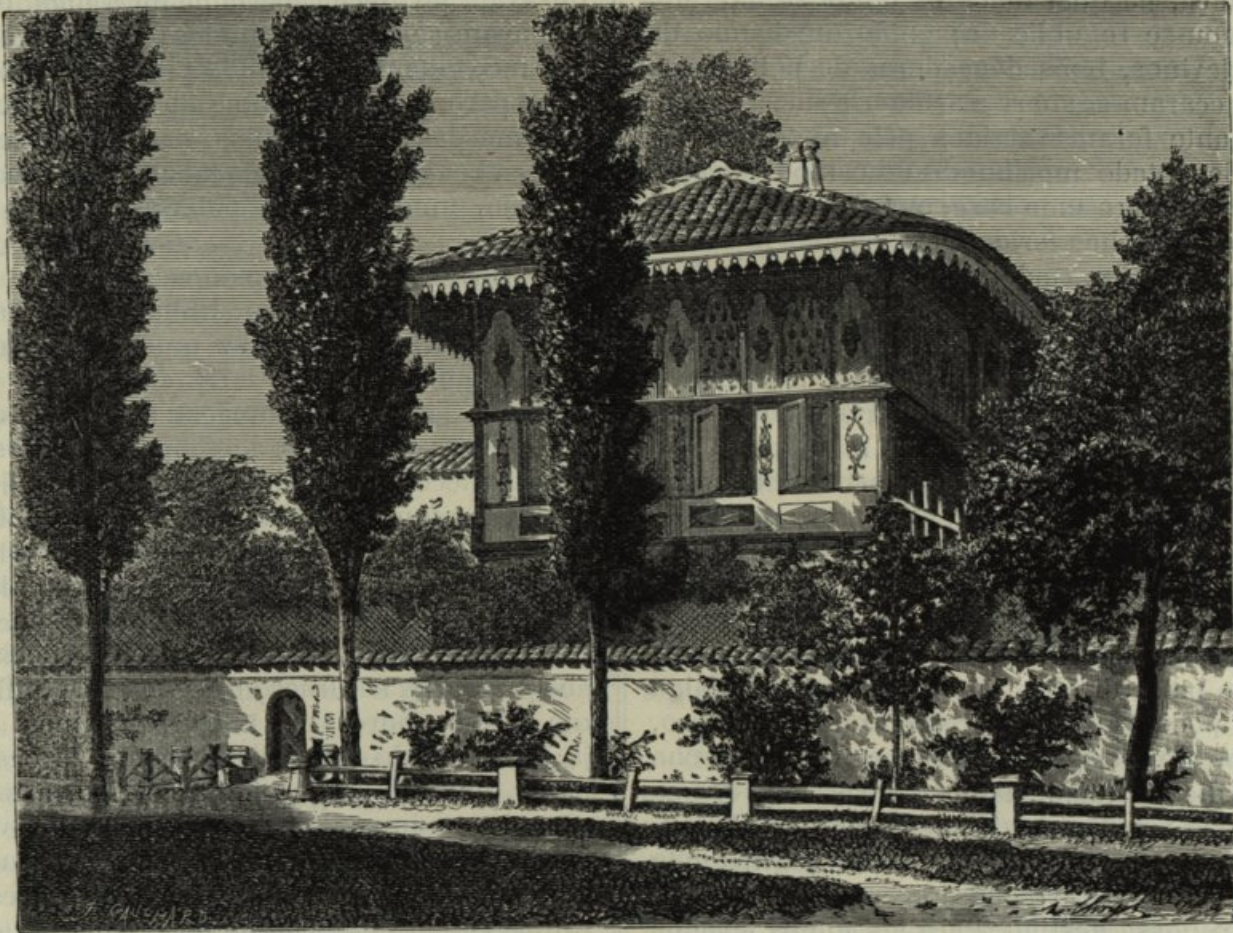
nós todos; o imperador é apenas um instrumento na sua mão potente. Julga-me talvez um mystico. Porque os meus companheiros têm fé n'um poder superior, os homens do Occidente, que em nada crêem, chamam-lhes sonhadores. E apesar de tudo e de todos, os nossos presagios verificam-se, observamos a nossa religião, respeitamos o nosso clero, obedecemos ao nosso Deus.

— Sempre ouvi dizer que os Polacos eram mulheres, no fervor com que rezavam, e nas batalhas leões, heroes, pela bravura com que combatiam.

— Como toda a mocidade do meu districto, acrescentou o meu companheiro depois d'uma pausa, eu tomei parte na insurreição de 1848, triste movimento, que nem mesmo tinha o merito de ser polaco ou eslavo. O le-

vantamento era devido a uma inspiração franceza. Eu viajára com um amigo pelo oeste da Europa; tínhamos-nos demorado algum tempo nas margens do Sena e do Rheno, e ahí tínhamos esquecido a religião das nossas mães, acostumando-nos a considerar a Polónia como sendo a França do Norte. Diziamos-nos republicanos e julgávamos-nos uns

grandes philosophos; mas o idolo, a quem dedicávamos o nosso culto, era Napoleão, cujas bandeiras tantos dos nossos compatriotas tinham conduzido á morte. Já não frequentávamos as egrejas, tínhamos até renegado os nossos padres polacos. Odiávamos o czar e detestávamos os Russos com toda a nossa alma. Dois annos antes que a repu-



O ANTIGO PALACIO DO KHAN TARTARO, EM BATJHI-SÉRAI — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

blica fosse proclamada nas ruas de Paris, voltamos a Varsovia, na esperança de, por qualquer modo, abalarmos o poder do czar; mas a repressão adiantára-se á nossa empreza; Carcovia, a ultima das nossas cidades livres, tinha sido annexada ao imperio d'Austria no proprio dia em que a *tarantasse* em que eu vinha parava á porta da casa de meu pae. A França esforçava-se por nos alimentar a confiança n'ella; nas reuniões que tínhamos com os nossos amigos, abandonávamos os velhos hymnos, as palavras polacas de contra-senha pelas senhas e can-

tos parisienses. Em outros tempos cantávamos em côro o *Filho de Bethelém* e então, obedecendo a uma influencia estrangeira, levantamos-nos ao som da Marselheza. Tínhamos-nos tornado estrangeiros no seio da nossa propria patria; o coração dos nossos compatriotas não estava connosco. As mulheres affastavam-se de nós, o clero olhava-nos com desconfiança; todavia, a impopularidade que acolhia as nossas ideias, provocava as nossas gargalhadas. Dizíamos que dispensávamos o concurso d'esses padres e d'esses espiritos tacanhos; que necessidade tinha-

mos d'homens que sempre tinham sido escravos, de mulheres que sempre tinham sido enganadas? Pelos burguezes, pelos ten-deiros e pelos padeiros, tínhamos o mais profundo desprezo. Quem ouvira já fallar n'uma revolução feita por negociantes? Nós eramos nobres: nós não podíamos aceitar a coadjuvação d'estes lapuzes. Depois chegou o momento das desillusões. Essa França, na qual todos os olhos se fixaram, tornou-se republicana; então um bando de valdevinos, bons dançadores de polkas, arremecaram-se sobre a artilheria russa e n'um instante foram varridos pela metralha. Eu fui levantado moribundo do campo e transportado para uma casa, onde fizeram o curativo ás minhas feridas; em seguida levaram-me, com uma centena dos meus companheiros, para uma prisão, á espera de que fôssemos julgados por uma commissão imperial e condemnados á exhortação da nossa nobreza, ao exilio para a Siberia e aos trabalhos perpetuos nas minas. O meu amigo não se separára de mim e compartilhou a minha sorte.

— Foram para o exilio a pé?

— Oh! não. Nicolau, posto que naturalmente severo, não era homem capaz d'infringir a lei. Elle, principe, tinha o maximo respeito pelos direitos da nobreza, e um fidalgo não podia ser tratado como um bufarinheiro, como um servo; na nossa guia de marcha ia indicado que devíamos conservar todos os nossos privilegios até chegarmos a Tobolsk. Aqui é que estava a commissão permanente da Siberia encarregada de nos fazer conhecer o nosso destino. Para ahi fomos levados n'um carro leve puchado por vigorosos *ponneys*; quando as estradas eram boas, percorríamos duzentas *verstes* diariamente. Tínhamos posto cadeias nos pés, de maneira que não podíamos tirar as botas nem de dia, nem de noite; mas os habitantes dos steppes, que atravessavamos com a rapidez do relampago, mostravam-se para nós bons e humanos; davam-nos escondidamente pão, peixe e aguardente. Sabiam que eramos Polacos, e posto que os *popes* nos pintassem como inimigos de Deus, os Russos, mesmo os mais selvagens, testemunhavam aos exilados uma bondade enternecedora. E' facil distinguir um ladrão, do que é condemnado por crimes politicos, porque o carrasco imprime na tes-

ta e nas faces do ladrão um triple signal d'infamia, uma terrivel marca negra que nada ha capaz de fazer apagar; e se os aldeões tem por muito perverso um Polaco, porque é catholico, quando os vêem desgraçados, só para elles teem compaixão. Por duas vezes tentei fugir das minas, e em cada uma d'ellas, ainda que infructiferas, a bondade d'esta pobre gente me surpreendeu. Não ousavam favorecer abertamente a fuga, mas tornavam-se cegos e mudos; muitas vezes mesmo, quando, impellido pela fome e pelo desespero, eu de noite me atrevia a aproximar-me das suas cabanas, encontrava sempre, sobre o parapeito da janella, um bocado de pão, uma posta de peixe e um golo de *kwass*.

— Quem tinha alli posto isso?

— Os pobres aldeões; tinham-se privado do necessario para alliviar qualquer desgraçado como eu.

— Foi então que começou a estimal-os?

— Ainda não, mas a comprehendel-os e a reconhecer n'aquelles seres uns irmãos. Todavia, só muitos annos depois, é que lhes tive affeição. Eu era um sabio, diziam elles, e eu pensava que elles tinham essa opinião, porque dando-lhes eu o alimento ao seu espirito esfomeado, elles apenas obedeciam aos instinctos naturaes de selvagens. Emfim, um pobre padre veio visitar as minas. Eu já tinha ouvido fallar d'elle; conhecia o seu nome, os perigos que tinha corrido, a missão que se impozera, porque nas suas viagens, o padre Paulo não obedecia a outra inspiração que não fosse a sua; preferira esta propaganda evangelica ao sacerdocio quieto e cheio de commodidades que poderia exercer em qualquer cathedral d'uma grande cidade, porque entendia que os infelizes exilados tinham mais necessidade dos seus serviços do que os grandes do mundo. Por o ter ouvido dizer, eu sabia que elle percorria a Siberia, indo de mina em mina, d'officina em officina despertar nos catholicos lembranças da sua fé primitiva, celebrar missas, confessar, baptisar, abençoar uniões, rezar sobre tumulos recentemente fechados. Eu não dava a menor importancia á visita do digno sacerdote. Que podia fazer por mim um pobre padre voluntariamente internado nas solidões do deserto, sem influencia alguma nas regiões governamentaes, sem amigos

poderosos? Não era provavel que elle adorassee Napoleão, e certamente teria por Mazzini o mais profundo desprezo. Que pontos de contacto poderiam haver entre um tal homem e eu! Na noite da sua chegada fazia um frio glacial; o seu trenó estava quebrado, os lobos tinham-no escoltado. Uma especie de compaixão instinctiva pela sua idade e pelo seu soffrer me levaram para elle. Conduzi-o á minha chossa; quando o calor o reanimou, mesmo antes de tomar qualquer alimento fallou-me d'esse amor por Deus, que era toda a sua força. A' ceia utilisou-se do nosso pão negro e do nosso insipido caldo, e em seguida deitou-se embrulhado n'uma manta e adormeceu. Durante muitas horas fiquei sentado contemplando-lhe o rosto, os seus cabellos brancos esparsos por cima do travesseiro, os seus dois braços crusados sobre o peito. Se alguma vez um mortal dormindo teve a expressão pura e socegada d'um anjo, esta expressão tinha-a então o padre Paulo. São estes os homens feitos pela Igreja de Christo.

No dia seguinte fui visital-o; o nosso inspector tinha ordenado que o primeiro dia da visita do missionario fosse um dia de festa para os condemnados catholicos; elle fallou-me da patria e de minha mãe de tal fórma, que a minha alma se commoveu e que as lagrimas me banharam as faces. Depois, pegando-me na mão affectuosamente e encarando-me com a meiguice d'um pae, disse-me com voz meiga e insinuante: «Vós todos que estaes fatigados e oprimidos, vinde a mim e eu vos consolarei; bemaventurados os que choram, porque serão consolados; bemaventurados os mansos e humildes, porque possuirão a terra». Eu lera cem vezes estes versiculos, porque estimava o Novo Testamento, onde estão contidos textos democraticos; mas nunca eu sentira o poder d'aquellas palavras divinas antes de as ter ouvido ao padre Paulo. Compreendi então que eram a mim que ellas eram applicaveis. Parecia-me, que no ar que me envolvia, aspirava o bafo de minha mãe. Puz de lado a minha philosophia e ainda uma vez experimentei as suaves commoções que sentira na minha infancia.

A voz do meu interlocutor tinha um timbre baixo e suave, mas as notas eram firmes; feriam-me o ouvido como vibrações de cordas harmoniosas. Depois d'um mo-

mento de silencio, perguntei-lhe que effeito tinha produzido esta revolução nos seus sentimentos, nas suas relações com os Russos.

— Um christão, respondeu-me elle, não é escravo da carne. O seu primeiro pensamento é para Deus; o segundo para os filhos d'esse mesmo Deus; não só para aquelles que o acaso fez nascer nas margens do Vistula, nos Alpes, no mar Branco, mas para todos, nascessem elles, onde nascessem. Deixa a espada aos que um dia morrerão com espada. A sua arma é espirital, espera conquistar a humanidade com o amor.

— Então abandona a espada ao que assaz audacioso se apodere d'ella?

— Não; é a Deus, e não a nós, que compete designar os que cingirão a espada; armar segundo os seus designios, aquelle que d'isso julga digno. E' um dom terrivel e, aquelle que o possui, deve renunciar á felicidade.

— E todavia quantos anceiam por elle!

— E' verdade. Mas o que primeiro vê o fogo, é consumido pelo incendio. Observae quão differentemente se ajuisa da guerra quando se está convencido que todos os homens são filhos de Deus. Toda a guerra tem por fim matar alguém. Quem é esse alguém? Gostaria de pensar que n'um mundo futuro um impulso terrivel do destino o levasse a matar um anjo?

— Com certeza que não.

Comtudo os homens são anjos collocados n'uma esphera menos elevada. Nós ajuisamos das cousas segundo as nossas conveniencias pessoaes; conservamos-nos cegos até ao momento em que o amor de Deus se apodera dos nossos corações angustiados. Grande numero de Siberianos tem regressado á Polonia; mas entre esses exilados não ha talvez quem tenha voltado no estado em que veiu.

— Voltam mais velhos?

— Mais ajuisados. O padre Paulo e outros padres com elle parecidos, por que não é só elle a dedicar-se a este trabalho de dedicação, não trabalham inutilmente. Talvez até seja mais justo o dizer-se que vivem inutilmente; os serviços que elles prestam á alma dolorida do exilado não é a palavra que elles espalham, mas a doutrina que praticam. Os poetas e escriptores que passaram por estas provas, esses Siberianos regressados á Europa fazem-se notar pelo seu estylo

mais puro; quebraram as suas relações com a França e com os Francezes. Leem livros mais serios, fallam uma linguagem mais sobria. Se não fôra o amor pelo seu Deus e pela patria julgal-os-hiamos completamente domados. Pregam pouco e trabalham muito; visam principalmente ao que é grande e nobre; ainda que retirados, protestam com energia contra toda a effusão de sangue que uma necessidade absoluta não justifique, avaliam melhor os Russos; não necessitaram d'amnistia para sentir a fraternidade das tribus eslavas.

— Será o senhor panslavista?

— Não! Nós necessitamos d'uma politica mais larga, um alvo mais nobre. O partido panslavista ergueu uma muralha em volta de Kiew e queria levantar outra em roda da Russia. Tem como os Chinezes a paixão das muralhas. Moscou deve ser o seu ideal: uma muralha cercando Kremlin, uma segunda muralha encinta a cidade tartara, uma terceira rodeia a cidade propriamente dita. Do que nós precisamos é do velho grito de guerra de S. Jorge, o patrono dos nossos primeiros duques, das nossas cidades livres, da nossa fecunda Igreja.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

HANN é uma aldeia situada na bahia da Gorêa; poços cavados na areia serviam para as aguadas dos navios, antes que se tivessem reunido as nascentes de Dakar. Algumas casas de campo, alguns jardins tinham sido feitos em volta d'estes poços e os legumes da Europa eram aqui cultivados a par dos productos dos tropicos. Estes jardins só davam bons resultados, quando continuamente regados.

Hann era o ponto de reunião para os caçadores que tinham percorrido os campos durante a manhã. Os cestos com os almoços eram levados para ali e os marinheiros que traziam os caçadores lançavam as redes n'esta bahia tão abundante de peixe, que muitas vezes as vi rebentar pela extraordinaria abundancia de pesca.

Havia sempre um magnifico lume, e o almoço compunha-se d'explendido peixe e da caça que acabava de ser morta.

A alguma distancia de Hann existe um bosque de palmeiras. Entrando aqui nota-se, que as arvores estão furadas, junto do logar em que as folhas começam, por buracos rectangulares, que cabaças estão suspensas a estes orificios e em communicação com elles por meio d'uma folha arqueada em fórma de funil.

Os negros, ageis como *clowns*, abraçam-se com os troncos das palmeiras, e com pés e mãos sobem rapidamente até ao vertice,

onde lançam mão ás cabaças que estão cheias da seiva recolhida na palmeira durante a noite; é a este liquido que se chama o vinho de palmeira. Quando apenas começa a fermentar, esta bebida é assaz agradável, posto que tenha um gosto enjoativo; mas é preciso não a beber sem a filtrar, porque contém grande quantidade de larvas, que, tendo apenas a idade d'uma noite, são já fortes e vigorosas. Só se sangram as palmeiras de órgãos sexuaes masculinos.

Junto de Hann ha a famosa muralha de pedras soltas que serve de defeza á população do cabo Vert contra os golpes de mão dos *damels* do Cayor.

O inverno, que na Senegambia começa em julho, põe fim aos prazeres da caça. As proprias damas indigenas, que durante o verão habitam no campo, fogem para a Gorêa, evitando assim os efluvios pestilenciaes que as chuvas dos tropicos fazem levantar dos terrenos, que durante muitos mezes estiveram expostos á acção dos ventos do este e d'um sol ardente.

E' esta a occasião das sementeiras. Os negros semeam agora, e n'estas regiões a evolução dos vegetaes é tão rapida, que já em agosto as caules do milho miudo podem occultar um homem a cavallo. Então tambem as boababs se revestem com as suas formosas folhas e as trepadeiras, que por ellas sobem, florescem; os perfumes espalhados no ambiente são embriagadores. E' n'esta epo-

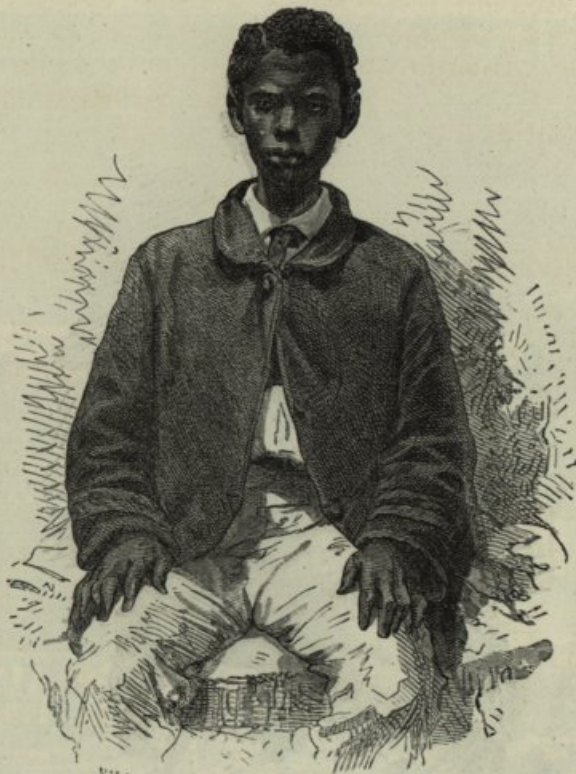
cha que esta região merece o nome de cabo Vert.

Em dezembro recolhem-se os milhos e arrancam-se as folhas das boababs. Os fructos d'estas arvores são tambem colhidos e a sua polpa, que contém uma semente vermelha, dissolvida em leite toma o nome de *sanglé*, e produz uma bebida refrigerante.

IX

Cazamance — Sedhion — Povos — Religião — Flora — Zikinchor — Bissagos — Boulam — Fouta Diallon — Rio-Menez — Povos — Karkandy — Forte de Bokey — Cataratas — Landoumans — O Seuto — Caminhos para o interior — Rio-Pongo — Mellacoréa — Estações.

A embocadura do Cazamance é defendida



UM CAIXEIRO DO SENEGAL — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

por bancos que teem entre si canaes profundos; as correntes são rapidas e a entrada é muito difficil nas occasiões de mau tempo; as aguas d'este rio, de leito muito apertado, banham valles fertes parallellos á bacia do Gambia; algumas pessoas pensam que o pantano Sougrodon é alimentado pelas aguas d'estes dois rios.

O primeiro estabelecimento que ahi fundamos, cerca de 1830, era uma simples feitoria situada na ilha Carabanne. Os Diolas, pertencente a uma das tribus aborigenes, agruparam-se em volta dos Yoloffs. Este agrupamento formou depressa uma aldeia.

Mais tarde foi necessario pensar em assegurar as communicações com o sertão; com este fim construiu-se um forte em Sedhion,

aldeia situada a trinta leguas do mar, e este lugar tornou-se a capital das feitorias francezas em Cazamance.

Em 1854 foi mister dar uma lição severa á gente de Cagnout.

Em 1864 os povos de Guimbering saquearam dois navios que haviam naufragado; foi tambem necessario enviar contra elles uma expedição que os submetteu.

De 1860 a 1866 diversos tratados feitos com os habitantes das margens do Cazamance, deram á França a posse inteira d'esse rio que, sem duvida, está reservado a gosar d'uma grande importancia em proximo futuro.

Os principaes povos, habitando as margens do rio, são os Yoloffs, os Gigonchs, os

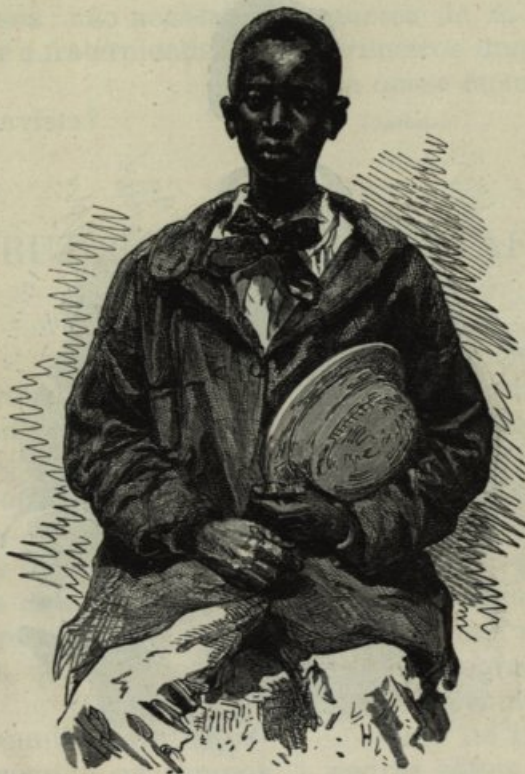
Bagnous, os Feloups e os Balantes, que habitam a parte inferior do rio; os Mandingues occupam a parte superior do rio, que deixa de ser navegavel a partir de Sedhion, situado no seu territorio.

Laço algum de nacionalidade reúne os povos do Cazamance, que além d'isso estão separados pela differença d'idiomas. Estas circumstancias tornam o nosso trabalho de

absorpção mais facil na Cazamance que no Senegal, onde o alcorão excitou o espirito guerreiro e desenvolveu o antagonismo religioso d'uma maneira muito ameaçadora para o futuro da colonia.

Todas as tribus indigenas são fetichistas, exceptuando os mandingues, dos quaes um grande numero abraçou o islamismo.

O fetichismo não tem sacerdotes officiaes.



UM CAIXEIRO DO SENEGAL — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

Alguns homens, dotados d'um espirito acima do vulgar, dizem-se feiticeiros; as aves, as arvores são objecto do seu culto; alguns idolos recebem tambem as suas homenagens: este objecto material não é aos seus olhos, se não a representação d'uma ideia immaterial a que não dão nome. Só os Feloups conhecem Deus sob o nome *d'emit*; applicam este nome ao sol, á lua, a todas as forças da natureza.

A flora da região do Cazamance é d'uma grande riqueza. As madeiras de construcção abundam ali e algumas resinas são d'uma grande riqueza. Do *bombax* dos botanicos fazem-se canoas que podem carregar até vinte toneladas. E' natural que o algodão e o café, que não se acclimatam nos jardins perto da

costa, adquirissem um grande desenvolvimento no interior, onde encontrariam riquissimas camadas d'humus, nascentes d'agua e onde estariam ao abrigo dos ventos desseccantes do norte, que atrophiam toda a vegetação.

Deixando a parte inferior do Cazamance, onde as margens estão invadidas por mangas, encontram-se palmeiras entre as quaes se distingue o coqueiro, a tamareira, a raphia, e a palmeira que produz o azeite (*Elais guineensis*); os indigenas colhem n'estas florestas o vinho de palmeira, de que são muito amadores.

As plantas alimentares cultivadas pelos indigenas são todas as differentes especies de milho miudo, o milho, a mandioca, os fei-

jões ou *niébé* e a batata dôce; as aroídeas o guimbombo, a laranja e a banana são cultivadas em logares que os negros preparam geralmente distantes das suas cubatas para evitar surpresas e para nunca ficarem sem recursos.

Os portuguezes possuem no Cazamance, Zikinchor, que é miseravel.

Os rios Cacheo, Bissao, Rio Grande Bolole pertencem á corôa Portugueza; um vasto archipelago por nome, ilhas Bissagos, agrupa-se na embocadura d'estes rios, formando entre si vastos pantanos.

As populações que vivem no continente e nas ilhas são geralmente valentes e pertencem aos Balantes ou Feloups e aos Biafares.



INTERIOR DO HOSPITAL DA GORÉA — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia

A mais importante d'estas correntes d'agua parece ser o Rio Grande que nasce em Fouta-Diallon.

O commercio por estes rios, que podia ser muito importante, está moribundo. Ha muito que os Inglezes desejam centralisar nas suas mãos o commercio de Fouta-Diallou. Em 1861 o governador de Serra Leôa foi a Bolama ¹, ilha situada a meio do canal que pelo sul dá acesso ao rio Bissau, onde estabeleceu um ponto militar; as alfandegas

que creou em Bolama repelliram o commercio europeu que já paga enorme em Geba e Bolólé aos portuguezes.

Os Mandingues e os Foulahs téem ajudado a implantar o islamismo que transfigurou o Africano, dando-lhes um orgulho insensato e transformando-o em soldado de Deus, sempre prompto a derramar o sangue dos infleis. Os chefes foulahs téem ares de muita importancia e são excessivamente orgulhosos. As suas relações com os Europeus são todavia impregnadas da maxima cortezia. Os musulmanos administram a sua justiça, rodeando-a de extraordinario aparato. Pelos fins do

¹ Bolama foi já reentregue ao governo portuguez.

seculo passado os valles d'estas montanhas, de que algumas attingem a alturas de tres e quatro mil metros, eram habitados pelos negros Jallonkés ou Diallonkés que, misturados com os Mandingues, se estendiam até á região habitada pelos Landoumaus, com os quaes conservaram communidade de linguagem; os Peuls viviam como simples pastores entre os Jallonkés. Os Peuls eram sectarios do Islamismo, mas continuavam a viver pacificos entre aquelles povos, até que se despertou o espirito guerreiro n'estas tribus. Sori-Ibrahin, educado por um marabuto, levou a cabo esta transformação no princi-

pio d'este seculo; á frente do seu bando fanatisado empreheudeu a conquista das regiões que hoje téem o nome de Feuta-Diallon; as suas armas vencedoras foram até Kaarta, a cento e sessenta leguas de Timbo, sua capital, onde elle impoz ao chefe de Boudou a obrigação de circumcisar-se.

O poder soberano tornou-se theocratico em Fouta e dividiu-se entre os dous ramos da familia de Sori-Abrahin, o que torna muito contingentes os tratados que se façam com o almamy que esteja no poder.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero antecedente)

*Carta do muito Honrado Sir M. E. Hicks-Beach
aos srs. Kruger e Joubert*

Rua Downing, 6 agosto 1878.

1. Dei a devida consideração aos documentos que me entregastes n'uma entrevista de 10 do passado, e vou primeiramente tratar da vossa carta de igual data. Esse documento apresenta habilmente e com moderação os motivos que vos levam, como delegados de uma porção dos habitantes do Transvaal, a instar para que tanto o representante da Rainha como as suas tropas e empregados civis, sejam retirados da provincia, estabelecendo-se o antecedente estado de cousas.

2. As observações que vos apresentei na nossa entrevista, devem ter-vos feito prever a minha resposta, e vem a ser, que essa é uma proposta que eu não posso acceitar; é porém rasoavel para vós, e conducente á boa intelligencia tão desejavel no verdadeiro interesse do Transvaal, que, antes de entrarmos n'um exame minucioso da vossa carta, eu repita aquella affirmacão em termos distinctos e claros.

3. E' impossivel, por muitos motivos poderosos, muitos dos quaes foram a fundo examinados no decurso de anteriores correspondencias, que a soberania da Rainha seja retirada; mas não obstante isso o Governo

de Sua Magestade não quer deixar de prestar a sua attenção a quaesquer representações, que digam que a sua acção foi arbitrária ou um acto injustificado de superior poder, nem parecer indifferente a qualquer opinião que se possa ter com respeito á validade das razões que n'um ou n'outro tempo justificam a sua politica.

4. É animado d'este sentimento que vou passar a examinar por partes as exposições e argumentos da vossa carta, e espero demonstrar que não foi precipitada, nem injusta, nem desnecessariamente que o Governo de Sua Magestade se intrometteu nos negócios do Transvaal.

5. Daes muita importancia á clausula inserida nas instrucções dadas a Sir Theophilo Shepstone, a 5 de Outubro de 1876, na qual se lhe ordena que não faça a annexação de qualquer districto, territorio ou Estado, «se não quando estiver convencido que os habitantes d'elle, ou que um rasoavel numero d'elles, ou o seu Parlamento, desejam ser «subditos da Rainha»; e apesar de começardes por dizer que n'estas alturas não é vosso desejo investigar os meios que convenceram o Governo de que esta clausula tinha sido prehenchida, dizeis que por suppôr que ella o tinha sido, é que o meu antecessor se recusou a discutir a opportunidade da annexação com a outra deputação.

6. Não acho necessario deter-me eu agora com a recepção feita á Sir Theophilo She-

pstone, e em seguida ás tropas da Rainha, as quaes provam que a proclamação da soberania de Sua Magestade foi geralmente bem acceite do povo. Nem estes factos foram contestados pelos Delegados que procuraram o conde de Carnarvon no anno passado. Tambem não farei senão uma allusão passageira ás resoluções do Volksraad e do Conselho Executivo, e ao protesto do Presidente Borigers, o que tudo era conhecido pelo meu antecessor, não obstante vós o citardes novamente em apoio do vosso argumento. Depois de os ter ponderado, em uma carta dirigida aos outros delegados a 18 de agosto, mais de uma vez declarou o conde de Carnarvon, e em termos bem explicitos, que não admittia discussões sobre a annexação; e por isso se recusou categoricamente a consentir, que a proclamação da soberania da Rainha fosse submettida ao resultado de um voto popular ou «plebiscito».

7. Não existe sombra de duvida que esta resposta dada aos delegados foi perfeitamente por elles comprehendida; porque na carta d'elles ao Conde de Carnarvon, de 28 d'agosto, diziam que, apesar de que se lhes negára um voto geral popular no Transvaal, restava-lhes a satisfação de conhecerem que a sua proposta tinha sido detidamente ponderada; e que depois da decisão do Conde sobre o assumpto da soberania de Sua Magestade, julgavam elles ser de todo inutil fallarem mais n'isso; e tendo elles reconhecido o desejo que tinha o meu antecessor de dar a mais escrupulosa attenção áquelles desejos do povo do Transvaal, que se podessem reputar justos e razoaveis, prometterám fazer todo o possivel para promoverem um sentimento geral de satisfação na Provincia.

8. O Governo de Sua Magestade tinha portanto direito de concluir que essa questão preliminar tinha sido finalmente posta de parte; e foi por isso com muita surpresa que me constou, que, devendo vós ter recente na memoria o que se passara um anno antes, e depois de ser a annexação um facto consumado ha muito, vós vos tinheis permittido, e (o que é ainda mais para lamentar) tinheis induzido outros a suppôr que esse acto podia ser annullado em harmonia com o pedido de um memorial; apresentando-se como argumentos, os mesmos do anno passado, ac-

crescidos apenas com as 6:500 assignaturas do memorial.

9. Não me é possivel ligar a mesma importancia que vós ao numero de assignaturas obtidas no memorial que correu pela Provincia. As difficuldades que tornaram de boa mente acceite a intervenção de Sir Theophilo Shepstone tinham já desapparecido, pelo auxilio de dinheiro e de tropas dado pela Inglaterra; e eu sei que, em uma população como a do Transvaal, e quando já tinha passado o perigo mais urgente, muitas pessoas que não tinham idéas bem firmes em assumptos politicos, teriam reluctancia ou medo de deixarem de assignar o memorial, com a pressão, que de mais a mais me consta foi feita no animo d'ellas.

10. Dizeis-me que o memorial foi assignado por perto de 6:000 pessoas. As circumstancias em que essas assignaturas foram obtidas estão perfeitamente explicadas na reflectida carta de admoestação que Sir Theophilo Shepstone fez dirigir ao snr. Kruger, a 31 de janeiro ultimo; e eu só posso acrescentar que me não é possivel encarar o memorial como representando a verdadeira e conscienciosa opinião d'aquelles habitantes do Transvaal, que são capazes de formar um juizo sobre tal assumpto.

11. Mas mesmo que a opinião dos homens adultos civilisados da Provincia tivesse sido mais satisfatoriamente procurada, deve ter-se em vista que sendo elles, em absoluto, muito pouco numerosos, e espalhados sobre um territorio que já contém um grande numero de indigenas, e que provavelmente ha de vir a ter uma enorme população de europeus, não podiam esses poucos ter razoaveis pretenções a influenciarem, por uma decisão obtida debaixo das circumstancias excepcionaes a que me tenho referido, os destinos futuros da Providencia.

12. Teria comtudo sido em todo o caso impossivel, resolver a questão da conservação ou retirada da soberania da Rainha, unicamente pela consideração da maioria das opiniões dos brancos, agora ou em qualquer outra occasião. Foi muito contra nossa vontade que resolvemos fazer a annexação. Tendo já o Governo de Sua Magestade grandes e instantes responsabilidades na Africa do Sul, não tinha desejo algum de acrescentar ao seu Imperio mais aquella Provincia, e por

isso só o fez actuado pela pressão de necessidade, que geralmente foi reconhecida como imperativa. Com um grande dispendio para o Governo da Metropole, libertámos o Transvaal das difficuldades em que tinha caído; estabeleceu-se a soberania da Rainha; e as razões que hoje prohibem que sejam annullados os passos que então se deram, são dez vezes mais ponderosas do que as que dictaram o proprio acto.

13. Quaes estas razões foram, acha-se admiravelmente explicado nos trechos que citaes de Sir Theophilo Shepstone; e posso desde já dizer, que adopto em globo as idéas que elle exprime, como sendo a justificação verdadeira e adequada da politica do Governo de Sua Magestade. As opiniões d'elle, deveis lembrar-vos, são corroboradas pelos extractos que elle apresenta da resolução do Volksraad, onde se diz que «as contribuições estavam na maior parte em divida, e que se tinha tornado impossivel em tal conjunctura, para o Governo, o continuar com a administração do paiz». E no seu discurso dirigido ao Volksraad, segundo diz o *Volksstem* de 20 de fevereiro de 1877, admittia o Presidente Burgers os embaraços financeiros, e a falta de recursos do Governo, accrescentando, n'outro discurso, que «o povo eſtava completamente desmoralizado, que se tinha perdido a fé em Deus, a confiança uns nos outros, e o credito em cada um.»

14. Mas comquanto vós admittaes, até um certo ponto, a debilidade militar e financeira do ultimo Governo do Transvaal, attribuis os perigos que n'ella se originaram á culpa do Governo Britannico, para o que citaes de proposito alguns factos na historia dos estabelecimentos Britannicos, com o fim de mostrardes, supponho eu, que elles tambem tiveram os seus erros e difficuldades.

15. Nunca é muito proveitoso discutir assumptos d'esta natureza, e muito menos quando as partes litigantes são e tem de permanecer ligadas uma á outra como membros do mesmo imperio; e portanto é mais importante que se esqueçam do que se criem novos pontos de queixa, que qualquer das partes supponha ter contra a outra, quer elles sejam imaginarios ou reas.

16. Julgo pois conveniente de minha parte, que a minha resposta a este ponto do vosso memorial seja laconica; mas bastará es-

pero eu, collocar no seu verdadeiro ponto de vista as relações do governo britanico com a extincta republica.

17. Quando em 1852 pela convenção do rio Sand, se reconheceu a independencia dos emigrantes lavradores, suppunha-se, sem duvida, que elles teriam meios de fundar um governo prudente e firme, que viesse a ser um baluarte e não uma origem de cuidados no resto da Africa do Sul.

18. Não havia portanto, já se vê, n'essa occasião, apprehensão de qualquer combinação de circumstancias, que podessem exigir o estabelecimento da auctoridade britannica além do Vaal. Não se póde, porém, duvidar, como muito bem diz Sir Theophilo Shepstone, que o reconhecimento da nova republica, ficava sujeito a essa implicita reserva. Mas o motivo de se não inserir expressamente essa reserva na convenção, é a propria natureza d'esse instrumento. Não havia necessidade que n'uma tal convenção se declarasse, que poderia vir um dia em que fosse necessario reaver o que se concedia, na eventualidade de deixar o povo, a favor de quem se fazia a concessão, de justificar as esperanças que n'elle se tinham fundado. Vós mesmos provavelmente admittireis que estão bem apparentes as circumstancias de provocação ou de necessidade que teriam justificado o governo britanico em estabelecer a sua auctoridade ao norte do Vaal, a despeito da convenção feita com os emigrantes.

19. A questão está em se saber se taes circumstancias existiam quando Sir T. Shepstone publicou a sua proclamação; e esta questão é uma d'aquellas a que, comquanto o governo de Sua Magestade esteja disposto a desempenhar-se leal e liberalmente dos seus compromissos, só elle póde ter direito de responder, por isso que é a potencia preponderante na Africa do sul, e a que é responsavel em ultima instancia pela sua paz e segurança.

20. A historia dos ultimos vinte annos está ahi para attestar a paciencia e a lealdade com que o governo britanico fez dilligencia para manter a convenção de 1852. Adheriu a ella, não obstante a pratica de se roubarem creanças, usada na provincia do norte, e que sendo uma flagrante violação da convenção, levantou uma violenta indignação tanto na Europa como na Africa do Sul.

21. Adheriu a ella, a despeito da injustificada proclamação de vastas anexações em 1868, que importavam na usurpação de largos tratos do continente africano, mesmo até ao lago Ngami, com que os fazendeiros emigrantes nada tinham, e sobre que elles não tinham nem sombras de direito.

22. Adheriu a ella, não obstante a republica regeitar a sentença do governador Keate na arbitragem de Bloemhof, á qual o chefe do Estado se tinha voluntariamente sujeitado; não obstante as posteriores tentativas para se apropriarem do paiz dos Betlapins e Baralongas, com grande prejuizo directo ou indirecto para a provincia de Griqualand Occidental; e não obstante as diligencias para assumirem o protectorado sobre o povo do Mussuate, passo que foi muito do desagrado do governador de Natal, por causa do effeito que nos zulos produziu.

23. Sei perfeitamente que o ultimo presidente deu as suas explicações com respeito a estes assumptos. Mas essas explicações eram de todo em todo inaceitaveis; e se agora me refiro a este ponto, não é com o fim de reabrir velhas discussões, mas unicamente por mostrarem estas transacções, quanto o governo britannico estava longe de considerar que todas as toleraveis picuinhas e provocações recebidas do governo da Republica, o justificavam em realizar as concessões que tinha outhorgado.

24. Não foi senão quando a imminente queda d'esse governo parecia ameaçar um desastre geral e immediato, que o governo britannico se adiantou para assumir as re-deas da auctoridade em um districto, em que o governo precedente tinha, excepto nominalmente, deixado de todo de existir.

25. Virando-me para outro lado, noto que se insinua no vosso memorial, que só foi com a marcha das tropas inglezas sobre Transvaal que o Ketchwayo se abalançou a fazer um movimento semelhante para a fronteira.

26. Parece d'aqui querer-se inferir que o Ketchwayo estaria mais disposto a entrar em guerra com a Grã-Bretanha do que com a republica do Transvaal.

27. É difficil argumentar-se sobre hypo-

theses que se não realisaram; mas parece-me haver fortes motivos para suppôr que se as nossas tropas não tivessem avançado sobre o Transvaal, já o Ketchwayo o teria ha muito tempo invadido e occupado.

28. Não posso deixar esta parte do assumpto que diz respeito ao Ketchwayo, sem expressar a esperanza que, no caso de ser esse o sentido que deve ligar-se á vossa linguagem, estareis promptos a repudiar qualquer intenção de insinuar que foi Sir T. Shepstone quem animou o Ketchwayo nas suas hostilidades contra o Transvaal. A verdade é, que, quando Sir T. Shepstone era empregado do governo de Natal, soffreu durante annos as hostilidades do Ketchwayo contra o Transvaal, e por isso o povo do Transvaal lhe deve a elle e ao governo de Natal, profunda gratidão.

29. O facto que citaes de terem os lavradores emigrantes ha muitos annos derrotado o Dingaan, está longe de provar que elles hoje podessem medir-se com o Ketchwayo, por isso que as armas de fogo que os indigenas d'então para cá adquiriram, alteraram essencialmente a tactica das guerras cafreas; e as circumstancias que tambem mencionaes da guerra com os basutos, provam a meu ver, quanto este paiz póde melhor sustentar difficuldades cafreas d'aquella ordem.

30. No caso que mencionaes, o revez soffrido pelas armas britannicas a principio, foi antes de muito tempo completamente resarcido, affirmando-se finalmente a sua supremacia.

31. No caso porém da guerra com o Secocoeni, depois de falhar o primeiro ataque, a força effectiva da Republica dissolveu-se e não pode ser substituida, de fórma que o governo do Transvaal ficou praticamente sem defesa contra os numerosos inimigos que tinha provocado.

32. Ha tambem na vossa carta uma errada supposição que deve materialmente affectar a justiça das vossas apreciações da politica da Africa do Sul, e tanto que, por dever de justiça para comvosco, não a posso deixar passar em silencio.

(Continúa).

AUGUSTO DE CASTILHO.

PELO MUNDO

EUROPA

SOB a presidencia do dr. Bocage reuniu-se no dia 6 a sociedade de Geographia de Lisboa.

Realisou-se n'esta sessão, como se havia annuciado, a conferencia do sr. Aimè Ollivier, distincto viajante francez, ha pouco chegado á Europa, depois da sua viagem na Africa, onde percorreu a distancia que separa a costa da Guiné portugueza de Tombuctu, a cidade outr'ora envolta em mysteriosos e densos veus.

O sr. Aimè Ollivier tem um typo distincto e sympathico, falla com muita facilidade e apresentou-se desprendido de quaesquer fórmas pretenciosas.

Deu excellentes indicações ácerca dos costumes dos povos que atravessou, referindo-se principalmente á região de Futa-Djallo, e descreveu com minuciosidade a flora dos paizes que teve occasião de estudar na sua extensa viagem.

Na breve exposição com que honrou a sociedade de geographia de Lisboa, o sr. Aimé Ollivier revelou um espirito altamente critico e um genio observador.

Assim mostrou quaes os meios de mais facilmente atravessar aquellos povos, pronunciando-se contra as violencias que, segundo elle, não dão os resultados que podem obter-se pela doçura e persuasão.

Referindo-se á fauna das regiões percorridas, fallou em antilopes, alli magnificas; em carneiros que teem pello curto e se distinguem, por consequencia, dos nossos; da raça Lovina que é de muito pouca corpulencia; de lebres, coelhos, etc. Quanto aos peixes não se encontram facilmente porque são muito rapidas todas as correntes de agua, havendo, porém, abundancia de hippopotamos.

As noticias sobre os usos e costumes dos povos são curiosissimas; algumas já de ha muito conhecidas entre nós, outras apenas indicadas muito resumidamente por um ou outro viajante isolado, merecem comtudo bastante attenção e hão de ser lidas com agrado.

Ao terminar o sr. Ollivier agradeceu ao governo e ás auctoridades portuguezas a protecção que lhe haviam dispensado e referindo-se ás construcções ultimamente mandadas fazer em Bolama, disse que esta capital estava em muito melhores condições hoje do que ha meia duzia d'annos e que havia muito que esperar do seu progressivo desenvolvimento.

O illustre conferente foi muito applaudido no fim do seu discurso.

A sociedade de geographia a quem foi offerrecida a conferencia publical-a-ha, na integra, no seu boletim.

— Os territorios cedidos á Grecia pela Turquia são divididos em seis secções:

A primeira secção está comprehendida entre Aspropotamos e Arta.

A segunda entre Aspropotamos, Portaicos, Salembria e Kutchuc-Chainarli.

A terceira estende-se desde o norte de Portaicos e de Selebria até Zarca.

A quarta está comprehendida entre Kutchuk-Chainarti, Salembria, Karatchair e o lago Karlas na direcção do golfo Volo não entrando Velestino.

A quinta comprehende o territorio restante ao norte de Salembria e toda a zona até ao monte Pelio.

A sexta Volo e a peninsula.

ASIA

— De *l'Explorations* transcrevemos o seguinte:

Da comparação feita entre os recenseamentos da população em 1871 a 1878 na colonia portugueza de Macau conclue-se que tem havido uma diminuição sensivel na população.

Em 1871 aquella nossa colonia tinha 71:730 habitantes; em 1878 só havia 59:959: uma diminuição de 11:771 em menos de sete annos.

A diminuição tem sido, tanto na população chinesa, como na europêa. Em 1871 os chinezes eram em numero de 66:267; em 1878 eram apenas 55:450: uma differença de 10:817. Em 1871 havia 5,463 europeus, portuguezes e d'outras nacionalidades; em 1878 só existiam 4:509.

AFRICA

Escrevem de Mossamedes o seguinte:

Os colonos Boers que formam a colonia de S. Januario, estabelecida na Hungria, estão muito satisfeitos, e reina uma animação geral entre elles, já pela maneira como foram recebidos e tractados pelo sr. coronel Matta, governador d'este districto, que esteve entre elles perto de dois mezes, escolhendo e distribuindo-lhes terrenos para as casas de suas habitações e quintas, o que se effectuou antes do seu regresso á séde do governo. Os colonos Boers no espaço de 25 dias abriram um canal a que assistiu o sr. governador Matta, tendo 4 Kilometros de comprimento e metro e meio de largura, trazendo as aguas do rio Neve até á povoação; é um grande melhoramento, e agora tractam dos córtes de madeira para as novas casas que vão construir, e depois tratarão da agricultura.

Esta colonia de S. Januario, por si é importantissima para o engrandecimento d'este districto; torna-se porém de absolutissima necessidade uma mestra portugueza completamente habilitada, para o ensino e educação de cem creanças do sexo femenino que alli existem.— Consta-nos que o sr. governador Matta, já fez ver esta necessidade ao ex.^{mo} governador geral, e estamos certos que s. ex.^a fará tudo quanto possa para o seu desenvolvimento, e solicitará do governo da metropole que seja mandada para aquella colonia uma mestra de reconhecida probidade.

O sr. conselheiro Dantas providenciou já sobre a administração do concelho da Huilla e de que faz parte a colonia de S. Januario, estabelecida na Humpata, nomeando um chefe para aquelle concelho, cuja nomeação foi geralmente acolhida com muita satisfação, por ter recahido a escolha n'um cavalheiro digno de todos os respeitos, como é o sr. capitão Macedo.

O estado de agricultura é animador. O commercio tem sido regular, o estado sanitario não tem sido mau, apenas tem havido algumas febres intermitentes, proprias da estação.

Lisboa, 10 de junho de 1881.

A. L.



UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VIZELLA — Segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex. m. sr. Carlos Rolvas e gravada de Severini.

UMA PAYSAGEM DE VIZELLA

Não conheço nada mais formoso do que os arrabaldes de Vizella. A aldeia immunda, d'uma grande hediondez repugnante, sente-se envergonhada no centro d'aquellas bellezas com que a natureza a rodeou.

A *Lameira*, o coração da aldeia, é uma pequena alameda, onde os banhistas espaírem n'uma grande promiscuidade nauseante de porcos, de gallinhas, de pobres premeditadamente andrajosos, mostrando chagas repellentes, cuidadosamente conservadas em proveito do seu preguiçoso viver; mas as paysagens que circumdam este chiqueiro são d'uma belleza encantadora!

É uma d'essas paysagens que a nossa gravura representa. No alto vê-se o *chalet* mandado construir por um inglez, Vilby creio eu que se chama, a dominar o rio Vizella que em muitos logares se despenha em pequenas cataractas espumantes e que em outros corre manso com um sussurro meigo por entre as suas margens viçosas d'uma verdura constante.

Um escriptor elegante, D. Antonio da Costa no seu livro, hoje já raro, intitulado — *No Minho* —, descreve assim os arrabaldes de Vizella:

«Era nado o sol, quando, ao abrir a janella do meu quarto, sorri instinctivamente á formosura da pittoresca aldeia.

«Está situada n'uma baixa.

«Ao longe um semi-circulo de cordilheiras cinzentas compunha o fundo do quadro. A linha recortada no extremo horisonte variava airosamente. Parte d'esse fundo era de montes escaldados. Outra parte um grande pinheiral. Do pinheiral até á aldeia a vegetação mais luxuriante de que meus olhos tinham memoria. No intervallo desde os montes até Vizella, ponto central, monticulos formavam amphitheatros caprichosos, vestidos de verdura, afigurando alguns d'elles estarem suspensos no ar.

«Para a esquerda uma planicie sobranceira a outro amphitheatro apparecia-nos toda coberta d'arvores, cujo verde-escuro servindo de tecto campestre se destacava

em lindo contraste da planicie verde-esmeralda, entremeando-se estes dois verdes de modo que nos offerencia um matiz d'effeito encantador. Do meio de toda essa verdura surgia a igreja parochial, branca de jaspe, tendo á direita uma planicie verdejante; á esquerda um quadrado de arvoredos, e casas de diversas côres matisando ora a planicie, ora os amphitheatros.

«A aldeia ápezar de situada n'uma baixa, fica sobranceira ao pittoresco rio e ás formosas margens que elle banha, de maneira que as ramarias marginaes, em grande abundancia, estendem-se como largas alcatifas. O rio meio encoberto com tanta vegetação, já saltando d'entre fragas, já serpeando por entre arvoredos, alarga os braços debaixo da ponte nova, o sitio mais pittoresco, e reflectindo ao longo d'elle os castanheiros, os carvalhos e os salgueiraes, offerece então aos olhos um limpido espelho e aos ouvidos um dôce queixume produzido pelo som melancolico das successivas quedas de agua que nos accordam a saudade.

«O que nos encanta sobretudo em Vizella não são destacadamente os montes, nem as planicies, nem as margens do rio espelhando-se nas agoas, nem as casas de côres meio escondidas nas ramagens, e como que a espreitarem-nos curiosas; o que nos encanta é a phantasiosa desharmonia de todos aquelles elementos campestres d'onde brota uma das mais formosas harmonias que podem deliciar o espirito.

«Assim como os milhões de rostos humanos formados de poucas feições são todos differentes, assim os quadros da natureza compostos de pouquissimos elementos diversificam até ao infinito e combinados em cada localidade representam uma impressão geral. Estou presentindo o leitor a pedir-me a impressão geral de Vizella. Aqui lh'a deixo como a estou sentindo. Vizella não é magestosa nem pensativa, é sobretudo formosa. É uma linda criança a rir-se para nós, toda exuberando de vida, a pular, a palmear, a fazer-nos festas, e possuindo o dom mais sympathico d'este mundo ao coração humano: a preciosidade da meiguice.

«Não ha extensão, ha graça em toda aquella paysagem. A extensão, como na vista do Bussaco, parece tel-a creado a magestade; a graça, como na vista de Vizella, creou-a a phantasia. A primeira inspira-nos a grandeza, como o firmamento, o mar, o deserto; a segunda dá-nos a candura. A primeira faz pensar, elevando o espirito; a segunda encanta a alma, faz estar bem alli, lograr a felicidade entre sorrisos. Na primeira o espirito quer irromper o corpo a demandar mundos novos; a segunda parece dizer-nos que o nosso mundo se acha alli encerrado d'aquelles montes a dentro, e gosando, n'aquelle encerro, de um tranquillo encanto que nos seduz. A primeira é a fascinação da mulher que sonhamos, a segunda é a amovavel mulher que estremecemos».

Taes são na realidade os arrabaldes de Vizella.

A povoação é um accumulado de casas altas, enormes, construidas fortemente com pesadas massas d'um granito feio, internamente divididas a simular penitenciarias. Alli não ha casinos, tabolagens onde se arrisquem fortunas, mulheres provocadoras a incitar-nos desejos; alli não ha o luxo elegante, a vida estroina das aguas estrangei-

ras. Quem fôr para Vizella deve contentar-se com os sorrisos da natureza, com a excellencia das suas aguas mineraes e ter coragem para resignar-se com a dura cama que lhe derem no hotel e com o arroz de frango quotidiana e pontualmente servido á meza redonda.

Se as obras dos homens se tivessem harmonisado um pouco com os dons que a natureza por alli prodigalisou, Vizella seria um paraíso delicioso a que não faltaria abundancia d'Evas tentadoras; mas, assim, é apenas o logar onde se vão depositar ataques de rheumatismos, achaques de velhice, vicios de mocidades desprevenidas e cegas. Causa cruel impressão vêr aquellas formosissimas cercanias da aldeia sem que a arte tenha entrelaçado o bom gosto e a commodidade com os ricos dotes naturaes.

Quando o *touriste* por alli passa sente na alma a dôr profunda de que o indigena tantos encantos desaproveite e, algumas vezes, chega a dormir, n'aquelles antros adornados com o nome de hoteis, uma noute, tanta é a fascinação que n'elle exerce as bellezas que o rodeiam.

...

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XXIV

UMA CÔRTE TARTARA

NESTA magnifica sala de Kremlin, a que chamam o thesouro de Moscou, vê-se um personagem ricamente vestido e armado; é um boyardo do tempo de Ivan IV. Armas, vestuario, equipamento tudo é d'um *mirza*, d'um nobre Tartaro: uma inscripção gravada no alfange de Damasco ensina ao russo que: «Só Deus é Deus e Mahomet o seu propheta» e todavia o personagem é na realidade um boyardo do tempo de Ivan IV.

D'entre os soberanos que teem governado a Russia não ha outro cuja missão e character seja mais difficil de comprehender. Apezar

d'um grande numero de actos atrozes é tido por um grande numero d'historiadores como um sabio reformador, como um principe patriota e sem duvida a critica imparcial pode apresentar em sua defeza muitos actos justos. É a elle que os moscovitas devem o seu libertamento do jugo tartaro. Foi elle que lhes conquistou o reino de Kazan, a Siberia, o *khanat* d'Astrakhan. Em todas as fronteiras elle fez retirar o Crescente deante da Cruz. Luctou sem desvantagem, muitas vezes até gloriosamente, contra os Suecos e os Polacos. Abriu os portos do paiz ao commercio estrangeiro, creou portos no Baltico, no mar Caspio, no mar Branco. O seu reinado ficou marcado por muitos progressos. Chamou das margens do Rheno typographos e publicou os *Actos dos Apostolos* em lingua nacional. Fez vir de Francfort habeis medicos, de Lon-

dres esculptores em madeira, fundidores de cobre. Reunindo na cidade de Vologol operarios constructores, mandou fazer um grande numero de jangadas e de barcos de todos os tamanhos, afim de estabelecer com o mar Branco communições tão faceis e regulares, quanto possivel. Convocou um parlamento para deliberar sobre diversos assumptos

d'interesse publico. As tradições, que eram a unica guia para a justiça, foram colligidas e reunidas n'um codigo. Prohibiu a mendicidade no imperio e, levando as suas reformas até ás coisas da igreja, publicou um Credo para uso da communiidade religiosa de que elle era o chefe.

Ivan era um selvagem, mas um selvagem



BATCHI-SÉRAI — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

popular; um chefe terrivel, mas terrivel para os ricos e para os grandes. Verdadeiro reformador tartaro, não receou ser arbitrario e violento; mas se opprimia os negociantes com impostos, construia aldeias para os habitantes do campo; se destruia as cidades livres, agasalhava milhares de pobres; se esmagava os principes e os boyardos como membros d'uma classe ambiciosa e turbulenta; se governava duramente, tentou tambem governar por meio da imprensa; se saqueou Novogorod e Pskov, edificou um grande numero de sanctuarios e d'aldeias. Era edifica-

dor por temperamento e por politica: encontrando um imperio feito de madeira, legou a seu filho um construido de pedra. Erigiu quarenta igrejas e sessenta e um conventos. Mandou construir o elegante monumento de S. Vassile, junto dos muros de Kremlin e deu-lhe o nome do sancto patrono de seu pae. Dizem ter tambem construido cento e cinquenta castellos e mais de trezentas povoações.

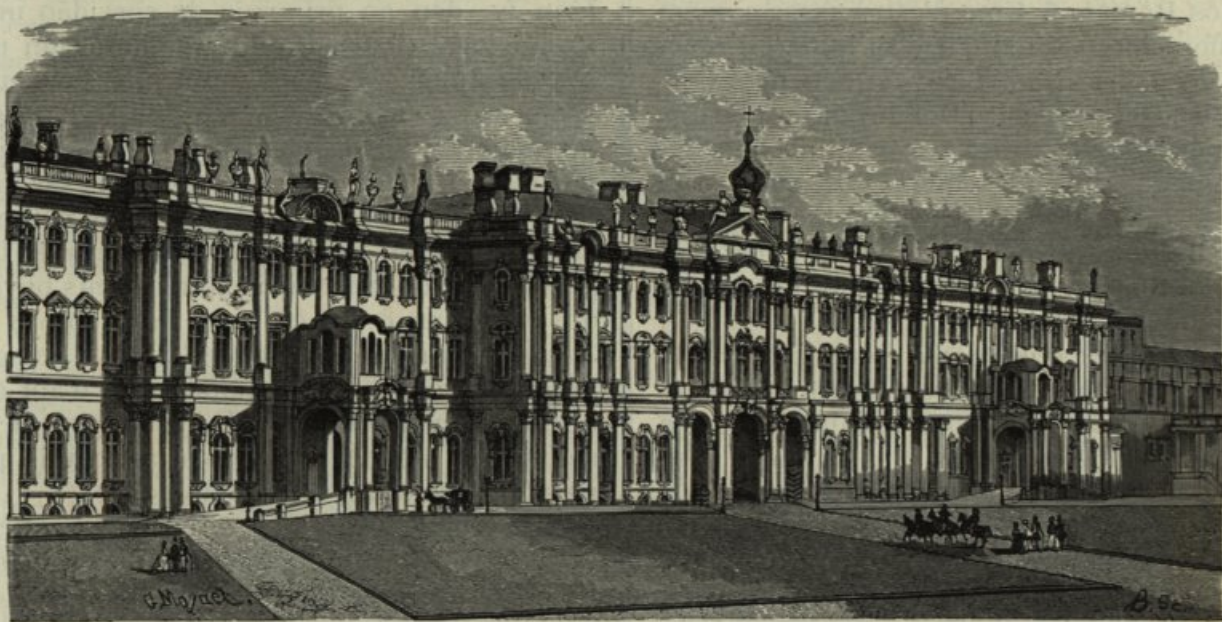
Para tornar o seu povo sedentario e civilisal-o estudou a organisação das provincias tartaras que recentemente subjugára. Kazan

e Batchi-Séraï eram cidades muito mais sumptuosas que Vladimir e Moscou; o mais insignificante príncipe do sequito do Grande Khan eclipsava pelas suas armas e vestuário todos os boyardos da cõrte do czar.

Ivan começou por dividir o seu reino em duas partes: uma que submettia á sua direcção pessoal, outra que governava por delegados revestidos do mesmo poder que os beys tartaros. Creou um exercito regular, o primeiro, o unico que por essa epocha existiu na Europa e equipou-o á tartara. Em fim

como o Grande Khan transformou o palacio em harem e retirou as suas mulheres e suas filhas da vista do publico; a moda d'excluir o bello sexo da cõrte foi por elle transformada em regra severa. Os duques e os boyardos seguiram o seu exemplo; a reclusão das mulheres tornou-se tão apertada como em Bagdad e em Bokhara.

Este uso subsistiu até ao reinado de Pedro, o Grande. O paiz era governado por beys provinciaes chamados boyardos e voyevods; o exercito, uniformisado como o exercito tur-



O PALACIO D'INVERNO EM S. PETERSBURGO — Desenho de I. Moynet, segundo um esboço tirado do natural

co, manobrava como este; as mulheres estavam encerradas em harens como as odaliscas do sultão. O czar Pedro aboliu esses costumes musulmanos: abriu as portas do seu serralho imperial, mostrou a czarina em publico, convidou as damas a apparecerem no palacio. Todavia ainda hoje se encontram vestigios d'essa moda turca principalmente nas cidades da provincia. Do mesmo modo que toda a casa rica tinha o seu harem, onde nenhum extranho podia ir, assim tambem tinha um cemiterio separado para as mulheres. Muitos d'esses antigos cemiterios foram transformados em conventos: taes são o Novo-Devictchie, convento para mulheres n'um arrabalde de Moscou e o mosteiro de Ascensão em Kremlin, juncto da Porta Santa, que durante dois seculos, até ao reinado

do Czar Pedro, foi o lugar onde se enterraram todas as czarinas.

Ivan tinha a habilidade de promover dissidencias entre os seus duques e os seus boyardos; tinha um talento especial para asedar as disputas, para provocar as inconfidencias e d'isto tirava sempre ensejo para confiscar os bens, tanto do accusador como do accusado. Assim conseguiu tirar aos grandes quasi todos os seus direitos e privilegios seculares e reduziu-os a ficarem seus dependentes. Aos homens, que ostensivamente elle não podia deixar de poupar, enchia-os d'honras e confiava-lhes postos importantes nas provincias mais distantes; d'este modo conservava a distancia, n'uma especie de Siberia politica, os homens que elle julgava perigosos. O poder dos duques

foi restringido, as riquezas dos boyardos confiscadas. Os principes eram muito numerosos para que elle os tivesse podido illiminar; no tempo d'Ivan em Moscou, de tres homens um era necessariamente principe e não era raro vêr estas altas personagens limpar os seus cavallos, ou engraxar as botas d'um negociante inglez. Bem poucos dos antigos ducados chegaram até nós; todavia os Narichkin, os Dolgoronki, os Galitzin e quatro ou cinco outros escaparam á ruina dos seus; hoje essas antigas familias olham com um ar de protecção um pouco altiva a dynastia reinante. Os Narichkin ligaram-se com os Romanof. Uma d'estas casas a quem foi offerecido o titulo d'Alteza imperial recusou, dizendo: «Não, Sire; eu sou um Nari-chkine». Quando Pedro Dolgoronki soube que o imperador lhe tirara o seu titulo de principe disse: «Vós pretendeis, vós, aviltar um homem tal como eu! Arrancae-me primeiro os meus antepassados, que eram já Grã-duques da Russia, quando os vossos eram apenas condes de Holstein-Gottorp!»

Moscou era governada como um campo tartaro. Os guardas de Ivan (Opritchniki) vagueavam pelas ruas com a cabeça coberta com os bonnés orientaes, insultando as pessoas de todas as classes, boyardos e burguezes, artistas e moujicks, como se julgassem ser d'outra raça e d'outra fé; saqueavam as casas, raptavam mulheres, assassinavam os homens, de fórma que um estrangeiro que encontrava um bando de soldados debaixo dos muros de Kremlin podia imaginar que a cidade tinha sido abandonada á furia da soldadesca.

Os esforços d'Ivan para organizar o paiz segundo os principios tartaricos suscitaram na Egreja uma opposição energica: Athanasio retirou-se, Germano foi despedido; o czar nem mesmo recuou ante o assassinato. S. Filippe foi martyr n'esta epocha de violencia: morreu defendendo a sua patria e a sua Egreja contra este imperador, que tudo queria submeter ao espirito tartaro.

Entrae na grande cathedral da Ascenção, seja a que hora fôr do dia e em qualquer epocha do anno, encontrareis um grande concurso d'homens e mulheres prostrados deante d'um tumulo de prata. E' aqui que estão guardados os restos de S. Filippe. Todos alli correm, todos querem beijar o pé da estatua.

O assassinato do martyr é um d'esses crimes nacionaes que espiacões de muitos seculos não conseguem redimir. O penitente invoca nas suas orações a S. Fillipe; é em seu nome que elle jejua, que accende cirios; pranteia-se deante do seu tumulo, como se implorasse o perdão para um crime pessoal.

XXV

OS SERVOS

Boris Godounof, parente e successor de Ivan IV, deu ao principio da servidão uma fórma legal (1601). Habil, resoluto, com um grande amor pelo bem publico, concebeu o projecto de colonisar as steppes solitarias e margens desertas dos rios. Não era inimigo dos aldeões; pelo contrario pretendia ser-lhes util. Fixar á terra o habitante dos campos era então uma reforma desejada e util. Depois de se ter aconselhado com os seus boyardos escolheu o dia em que se celebrava S. Jorge, o patrono das cidades livres e dos antigos Russos para proclamar que d'ahi em deante o camponez cultivaria e possuiria, sem nunca a poder abandonar, a terra de que n'esse momento estivesse de posse.

Até então a ideia que se fazia da propriedade territorial era a ideia que d'ella faziam os povos asiaticos. Do golfo de Veneza até a bahia de Bengala a posse da terra variava segundo a raça e o clima; mas em todas as regiões em que reinavam os tartaros, a propriedade inicial era attribuida ao sultão, ao schah, ao Khan ou ao mogol. Abandonando os usos de seculos melhores, os Russos tinham delegado no seu principe victorioso os direitos que lhe tinham sido conferidos pelos beys tartaros.

Ivan IV dividiu a terra como lhe aprouve, fundando aqui aldeias, ali dando terras a um voyevod cujos serviços queria recompensar, mais além comprando um inimigo a troco da concessão de florestas e de direitos de pesca, exactamente como Batou, Khan e Timour. Houve n'esta distribuição uma tal prodigalidade, uma tal desordem que quando Godounof subiu ao throno em 1598, os ducados e os Khanats eram compostos d'uma multidão de dominios sem agricultores em quanto que uma quantidade prodigiosa de trabalha-

dores em outros logares se accumulavam sem terem um palmo de terra.

Os camponezes formavam bandos errantes. Godounof resolveu tornar sedentarias estas classes nomadas ligando cada familia ao solo por um interesse pessoal, hereditario. O mal que era preciso curar era oriental e elle applicou-lhe um remedio oriental. Os khans tinham procedido do mesmo modo; Godounof apenas deu mais latitude ao systema, de maneira a fazer agriculturalar maior porção de terrenos.

E' provavel que este dia de S. Jorge (1601) fosse saudado pelo camponez e pelo boyardo como um dia glorioso; que, a lei, estabelecendo a servidão na Russia, fosse acolhida como uma medida de grande alcance e popular. Para comprehender este facto, devemos rectificar certas ideias e recordar-nos que a servidão em Moscou de modo nenhum se assemelhava ao systema feudal tal como existia no condado de Surrey, ou na ilha de França.

A servidão foi um grande acto de colonisação. Uma sabia politica, uma nobre generosidade inspiraram Godounof, pois elle abandonou ao seu povo milhões d'hectares de terreno que pertenciam aos dominios da corôa. A terra foi cedida em condições suaves. Os vagabundos eram obrigados a viver na terra concedida, a construir uma casa, a pagar os impostos e servir a patria durante a guerra. E em troca da concessão apenas se lhe exigia que sacrificasse os seus habitos de vagabundo.

Para vigiar se o servo — o homem adstricto á terra — observava as clausulas do contracto, o chefe do Estado estabeleceu em cada provincia um boyardo ou um voyevod com o titulo d'Inspector, medida necessaria, mas fatal. Este commissario, homem poderoso encarregado de tratar com humildes, tinha recebido a educação tartara; assim como o czar tinha succedido ao Khan, assim tambem o boyardo se reputava successor do bey. Os abusos não tardaram a dar-se e o maior de todos foi o uso do *knout*, que os senhores tinham aprendido com os governadores asiaticos. Os servos tinham-se de submeter a essa barbaridade, não na qualidade de servo, mas na sua qualidade de Russo. Todo o homem podia bater no que lhe estava inferior. O czar batia no boyardo, este vingava-se tam-

bem n'aquelle que apenas tinha o titulo de principe; o coronel muitas vezes fazia sentir ao capitão o pezo das suas botas, o capitão desancava os soldados. Este uso é em todos os povos do Oriente um signal d'auctoridade; um boyardo que podia mandar applicar o *knout* a um seu trabalhador que não agriculturasse bem o campo, que não fizesse reparos na sua cabana, precisava ter uma dóze de virtude extraordinaria para não se julgar o senhor do servo, cuja vigilancia lhe era confiada.

Comtudo não era esse o espirito da lei. O aldeão recebia da Corôa as terras exactamente como o boyardo. Um contracto bilateral tinha sido feito entre o nobre e plebeu, ficando este na posse d'uma certa propriedade territorial, composta de lagos, de campos, de florestas, com os differentes direitos inherentes á posse: o direito da caça, da pesca, etc. Era uma convenção que ligava as duas partes contractantes, tanto o rico como o pobre, tanto o forte como o fraco. Era prohibido ao servo o abandonar a sua terra, mas o boyardo tambem não o podia expulsar; o servo tinha o dever de servir o senhor, mas tinha o direito de, pelo seu trabalho e com as suas economias, adquirir uma propriedade livre de qualquer onus. Emfim, se os usos locais e a violencia dos caracteres permittiam o multar e castigar com o *knout* os servos, estes mesmos servos, encontravam uma consolação em pensar que os campos fertilizados pelo seu suor lhes pertenciam em virtude d'um titulo que nunca poderia ser annullado.

Um *moujik*, dirigindo-se ao seu senhor, ennumera assim os seus direitos e os seus deveres:

A alma a Deus,
A terra a mim,
A cabeça ao czar,
As costas a ti.

Até ao reinado de Pedro I os abusos do systema foram sempre em augmento. O inspector dos servos tornou-se o seu senhor. Em districtos isolados quem os protegia? Eu ouvi um Ancião condemnar um camponez a ser castigado com o *knout*, simplesmente porque dois viajantes o accusaram de se ter embebedado e não estar em estado de lhes guiar a *tarantasse*. Estes homens estavam tam-

bem bebados, mas o Ancião conhecia-os e nem sequer lhes pediu as provas d'accusação. Um villão accusado por um burguez deve necessariamente ser culpado. «Deus está muito alto e o czar está muito longe» diz o proverbio russo. N'esses tempos calamitosos, a dureza dos costumes poude mais, do que a letra da lei; os servos foram espancados, mortos de fome, vendidos; mas tudo isso feito violando-se a lei.

Pedro fez algumas modificações que, contra sua vontade, aggravaram o mal em vez de o remediar. Prohibiu que os servos fossem vendidos em outra parte que não fosse o dominio em que viviam: medida excellente, mas de que elle paralisou a benevola acção, convertendo a antiga contribuição predial n'um imposto colectivo pelo qual o senhor era o responsavel, ficando a este o direito de receber dos servos a capitação. Um senhor armado com um tal poder devia necessariamente tornar-se peor do que um demonio, ou melhor do que um anjo! Pedro caçou ás comunidades religiosas o direito de possuir servos nas suas propriedades, assim como aos boyardos e aos principes. Os frades não tinham correspondido ao que d'elles se esperava quando tal privilegio lhes tinha sido conferido; como eram proprietarios dos seus dominios em virtude d'um titulo superior áquelle que a lei podia conceder-lhes, era difficil ao servo d'um mosteiro o poder acreditar que o campo que elle agriculturava lhe pertencia sob qualquer forma.

Catharina continuou a cruzada de Pedro o Grande contra o costume, os usos e as tradições tartaras; seguindo o exemplo d'este principe occupou-se egualmente d'assumptos essencialmente nacionaes. Estava animada pelo amor do bem publico e a carta que ella outhorgou aos nobres deu origem na Russia a uma classe media instruida. Teve o pensamento de libertar as propriedades dos servos de qualquer onus e de as transformar, assim se pode dizer, em propriedades allodiaes. Confiscou os servos aos conventos para os submeter a uma jurisdição differente; publicou leis tendo por fim melhorar a posição do servo. Todavia os seus esforços obtiveram o resultado d'attrahir sobre o habitante dos campos males maiores, do que soffria, por que a servidão que não era senão o costume local — seguida por uns desprezada por ou-

tros, adoptada nos governos de Moscou e de Veronéje, repellida nos de Kieos e Karkov — ficou desde então sancionada, definida, reconhecida como lei do Imperio. Ambicionando introduzir nos seus Estados a ordem que fantasiava Catharina, tornou tambem adstricto á terra o camponez da Littmania e da Pequena Russia, exactamente como Godounof o fizera para o camponez da Grande Russia, dando-lhe uma casa, uma propriedade. Paulo, filho de Catharina, foi mais longe: limitou o direito do senhor sobre o trabalho do servo a tres dias por semana e, posto que esta ideia nunca tivesse tido força de lei, foi o bastante para tornar a sua memoria querida ás communas, muitas das quaes lhe prestam honras como a um martyr da sua causa. Todavia Paulo deve ser contado entre os principes que ampliaram a servidão no Imperio. Creou uma nova cathegoria de servos, os d'apanação, que pertenciam aos membros da familia imperial da mesma maneira que o aldeão da Corôa pertencia ao dominio da corôa.

Alexandre I deu a esta espinhosa questão uma nova face, creando uma classe de aldeões livres; mas as guerras do seu reinado não lhe deram nem tempo, nem meios para dirigir uma transformação social tão difficil e tão perigosa; alguns annos mais tarde todos os vestigios da sua generosa tentativa tinham desaparecido. Nicolau não tinha temperamento para reformas; era dominado pelo velho e imobil espirito tartarico; alargou as bases da servidão collocando os aldeões livres, colonos, forasteiros, menores, sob a direcção do Estado, de fórma que todo o habitante do campo que não tinha senhor, se tornou servo da corôa.

Mas desde o reinado de Ivan (1598) até á morte de Nicolau (1855) todo o patriota que tinha a necessaria audacia para fallar livremente, protestava contra os abusos da servidão, instituição desconhecida no paiz nos tempos mais felizes da sua primitiva historia. Todo o pretendente, todo o rebelde que pegava em armas contra o seu soberano escrevia na sua bandeira: «Liberdade dos servos». Em 1670, Steuka-Razin expedia do seu quartel general, perto d'Astrakhan, uma proclamação decretando a deposição da casa reinante e a abolição da servidão. O chefe d'uma insurreição mais moderna e mais de receiar que a de Razin, Pougacheff, tinha em 1770



VISTA GERAL DE MOSCOU — Desenho de I. Moynet, tirado do natural

tomado por divisa a liberdade dos servos; arancava os servos aos senhores e dava-lhes a propriedade das suas terras. Pastel e os conspiradores de 1825 também não tiveram outro grito de revolta.

Foram as manifestações de Pougacheff que levaram a imperatriz Catherina a estudar a questão da servidão. O proprio Nicolau soffreu uma influencia analogá. Na vespera do dia em que elle suffocou a insurreição na praça de Santo Isaac tinha nomeado uma commissão secreta encarregada de fazer um relatório sobre o estado social do Imperio e especialmente sobre a servidão.

Esclarecido pelos factos descriptos n'esse relatório redigiu uma serie de disposições (1828-1829) todas com o fim de subtrahir os servos ao poder dos senhores. Estes decretos imperiaes nunca foram impressos, porque, tendo-se aquietado a effervescencia publica, o imperador deixou de julgar necessaria qualquer reforma. A revolução de julho de 1830 causou-lhe susto e desviou-lhe completamente qualquer ideia de concessão. Depois de ter recordado aos senhores que os seus servos eram christãos e como taes deviam ser tratados, depois de lhes ter prohibido que exigissem mais do que tres dias de trabalho em seu beneficio em cada semana, segundo

o desejo do imperador Paulo, o autocrata julgou ter feito o bastante e o seu acto d'emancipação não appareceu á luz publica.

Todavia nos ultimos annos da sua vida esta questão preoccupou-o de dia e de noite. Apesar da brilhante organização das suas tropas elle comprehendia que a servidão era um perigo para o imperio enfraquecido já pela grande scisão do povo em Orthodoxos e Velhos-Crentes. Os estragos produzidos por estas duas causas dissolventes só elle os conheceu no seu leito de morte; então chamou, dizem, seu filho e disse-lhe o que tinha feito, o que deixava por concluir e recomendou-lhe que estudasse e completasse a sua obra.

Foi uma felicidade para os servos que Nicolau os tivesse feito esperar. O projecto de emancipação, redigido segundo a vontade do severo imperador, não era nacional nem pelo espirito, nem pela fórma; este documento, d'inspiração germanica, baseava-se na falsa ideia de que a servidão não era outra coisa mais do que o feudalismo com um nome menos antipathico. Nicolau sustentava o principio de que o servo devia alcançar a sua liberdade pessoal, mas que a propriedade da terra devia pertencer ao nobre.

(Continúa).

ESBOÇO DE MYTHOLOGIA IBERICA

O TANGRO-MANGRO

NAS locuções populares portuguezas encontramos empregada com frequencia: *Deu-lhe o TANGRO-MANGRO*, por: *aconteceu-lhe mal, perdeu-se*. E nas cantigas repete-se uma parlenda em fórma dithyrambica com vestigios de character magico, o que nos leva a inferir que o *Tangro-Mangro* não é uma palavra sem sentido, uma neuma poetica para encher o verso, mas o nome de uma divindade primitiva, que conserva ainda, como decahida, o espirito malevolo, e como tal persistindo nas superstições populares. Esta palavra é commum a varios pontos da peninsula hispanica, com fórmas variadas, como *Tango y Mango* na Andalusia, e *Tangomáo* no castelhano usual, e *Tángano-mán-*

gano na Galliza, e *Trangolo-mango*, ou *Tangro-Mangro* em Portugal. A generalidade d'esta expressão já por si bastava á inferencia de um fundo commum de raças, e esse achava-se naturalmente na persistencia de caracteres e costumes da raça iberica da peninsula.

A expressão é porém quasi geral á Europa, e encontra-se na Lei Salica sob a fórma de *Tangano*, e no francez de Froissart na fórma de *Tangre*, e ainda na Italia, como se vê pela palavra *Tanghero*, do dictionario da Crusca. Diante d'estes factos o problema ethnico adquire uma maior importancia, e se na peninsula hispana esta divindade provém da persistencia das tradições dos povos ibericos, no occidente da Europa só pôde ex-

plicar-se pela persistencia d'esse fundo ethnico turanião ou sythico, que precedeu na Europa a entrada das raças ariacas. De facto essa raça invadida pelos ramos áricos, refluuiu para o sul da Europa e estacionou n'esse triangulo geographico da Aquitania; o ibero pertencendo a essa mesma raça differenciou-se d'ella pela sua entrada na Europa depois de uma longa persistencia na Africa, como se descobre pela formação do elemento berber. Portanto esta tradição do *Tanglo* accusa a homogeneidade dos dois ramos aquitanico e ibérico, e leva-nos á investigação das fórmulas por que a divindade é ainda conhecida entre os diversos ramos das raças altaicas.

Diz Max-Müller: «Na lingua mongol achamos *Teng-ri*, (em turco *Tangry*,) e esta palavra significa primeiramente o céo, em segundo lugar deus do céo, depois Deus em geral, e por fim espirito ou demonio, em bem ou em mal ¹.»

Max-Müller aproxima esta palavra da sua fórmula primitiva simples, de que os chinezes se servem para designar a divindade *Tien*; nas relações historicas ácerca dos Hunos, pelos escriptores chinezes, conservam o nome que os hunos davam aos seus chefes, que era *Tangli-kutu* (Tchen-jü) que significava filho do céo, nome ainda hoje peculiar dos imperadores na China, (*Tient-tse*, correspondendo ao antigo *Tangli-kutu*.) «De tudo isto, diz Max-Müller, concluo que o *Tangli*, dos Hunos, o *Tengri* dos Mongoes e o *Tien* dos Chinezes, não são senão um mesmo nome.» ² Max-Müller leva a comparação mais longe, remontando aos Tukin, ou antepassados dos Turcos, que chamavam aos Espiritos do seu fetichismo exclusivo Pur-Teng-i-li, sendo o Teng-i-li conservado ainda no *Tengri* dos Mongoes, e com o mesmo sentido de espirito em geral na palavra *Tangara* do yakute moderno, bem como entre os christãos convertidos da Siberia tem o *Tangara* a significação de Santos. Entre os selvagens do Brazil apparece tambem a palavra *Tanganano*.

A fórmula acadica de *Dingir*, é a que degenera em outras designações como o *Ten-*

ghiri do Hing-Na, em *Tagri* de Tartar-kusch, no *Tangry*, dos Turcos, e no *Tengli*, dos Hunos; não crêmos que haja duvida sobre estas aproximações confirmadas pelas correlações ethnicas de varios elementos das raças altaicas.

O nome de *Tangli* anda ligado ao de outra divindade *Manyos*, e é n'esta agglutinação, tão peculiar das linguas altaicas, que nos apparece em Portugal nas locuções populares de *Tanglo-Mango*. Nas inscrições lapidares da peninsula hispanica, colligidas por Hubner, apparece com frequencia o nome da divindade *Manyos* em composição como em *Aegia-MUNI-Aegus*, *Ael-MANIUS* e *Bor-MANICUS*. Como se sabe, a religião dos Persas soffreu uma transformação no Magismo pelo contacto dos Medas com as tribus turanianas; assim *Dranga* e *Angro* são derivados de algumas das fórmulas turanianas de *Tangry* ou *Tengri*, e a divindade malevola dos Persas *Anromainyus*, isto é, o espirito que mata, é a que na peninsula hispanica se conserva na tradição inconsciente; do *Tanglo-Mango* ou *Tangro-Mangro*.

A parte preciosa d'esta parlenda popular, é a personificação *Tranglomango*; a personificação do mal no magismo da Media é *Angroimanyus*, «o inimigo»; fórmula derivada por decadencia de Ahriman da Persia; nas inscrições cuneiformes do rochedo de Behistun (Tabl. 4, § 4) mandadas gravar por Dario, encontra-se esta mesma personificação do genio do mal na fórmula *Dranga* «a mentira ¹;» esta fórmula explica-nos como a palavra *Tranglomango* se liga ao nome magico *Angromainyus*, e ao mesmo tempo qual a origem e o valor talismânico do *Trasgo*, das superstições populares portuguezas de Trazos-Montes, que personifica um vento devastador. A conservação d'estes nomes está no caracter da propria magia acadica, porque uma das principaes virtudes ou poderes da feiteiceiria consistia na invocação do nome das divindades decahidas por causa de outras concepções que lhe foram substituidas. Das fórmulas magicas acadicas lidas modernamente pelos assyriologos, diz Lenormant:

«Reconhece-se n'ellas com espanto acclamações que permaneceram ainda na magia

¹ *Science des Religions*, p. 124.

² *Ib.*, p. 125.

¹ Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 199.

da idade media, se é que então se lhe comprehendesse o sentido, como a famosa fórmula *hilka, hilka, béscha, béscha!* Com effeito eis aqui quatro palavras puramente assyricas, significando: *Vae-te, vae-te, maligno, maligno!* Penetraram no occidente com os magicos chaldeus da decadencia romana, e os adeptos das sciencias occultas transmittiram-nas entre si de geração em geração, como palavras mysteriosas cujo poder era soberano sobre os espiritos das trevas ¹.

Uma imprecação portugueza e ao mesmo tempo um designação theologica do povo é: *Com a breca; levar a breca!* Parece ligar-se a esta ultima imprecação chaldaica da idade media da Europa. Nas imprecações das Ilhas dos Açores existe: *Vae-te Arreque!* Será *Uru-ku*, o monstro dos charcos, o demonio dos desertos da Chaldêa?

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

O MAIS importante dos rios que desagôa ao sul do archipelago Bissagos, é o Rio-Nunez, ainda que este rio é mais um golpho, onde desagua o Siquilenta, o collecter de todas as aguas que se escoam das vertentes mais occidentaes do systema montanhoso do Fonta-Diallon.

As aguas do Siquilenta saltam os contrafortes d'estas montanhas por meio d'uma grande cascata e veem precipitar-se na bacia do Rio-Nunez, a algumas milhas acima de Boukey. Esta queda d'agua esburaca a rocha que é porosa. As pedras que a corrente traz introduzindo-se n'estes orificios, em virtude d'um trabalho mechanico, tornam-se ovas, ou redondas, dando-lhe um magnifico polido. As pedras que vi com estas formas eram amarellas, pertencendo a um calcario impregnado de saes ferruginosos.

Em 1842 demorei-me algumas semanas no Rio-Nunez, o que me deu logar a que fizesse a plannta hydrographica d'este rio e a que colhesse differentes notas sobre os costumes d'estas regiões.

O solo á entrada do Rio-Nunez é baixo, as praias estão cobertas de lodo, no qual as mangas introduzem as suas raizes nodosas; subindo o rio, o nivel do solo vae-se elevando. Cascabouly, principal aldeia dos Nalous, que com os Bagas vivem na parte inferior, está acima do nivel das aguas do rio apenas sete metros; um cotovêlo que n'estas alturas

fórma o rio, colloca o chefe dos Nalous em circumstancias de poder impedir a passagem de qualquer caravana.

Para além de Cascabouly as margens tornam a abaixar; ao longe avistam-se as altas colinas que separam o Rio-Nunez do Rio-Pongo. Algumas excavações por mim feitas permittiram que podesse apreciar a composição geologica da região do Rio-Nunez. Bocados de terreno que eu examinei, continham schistos carregados d'oxido de ferro, entre os quaes encontrei pyrites de ferro e schistos de talco; o solo por toda a parte apresenta uma côr avermelhada em virtude do carbonato de ferro pulverisado que o cobre.

O reino vegetal do Rio-Nunez é d'uma grande riqueza, assim como era de esperar n'um terreno em que a camada d'humus attinge a espessura d'um metro e trinta.

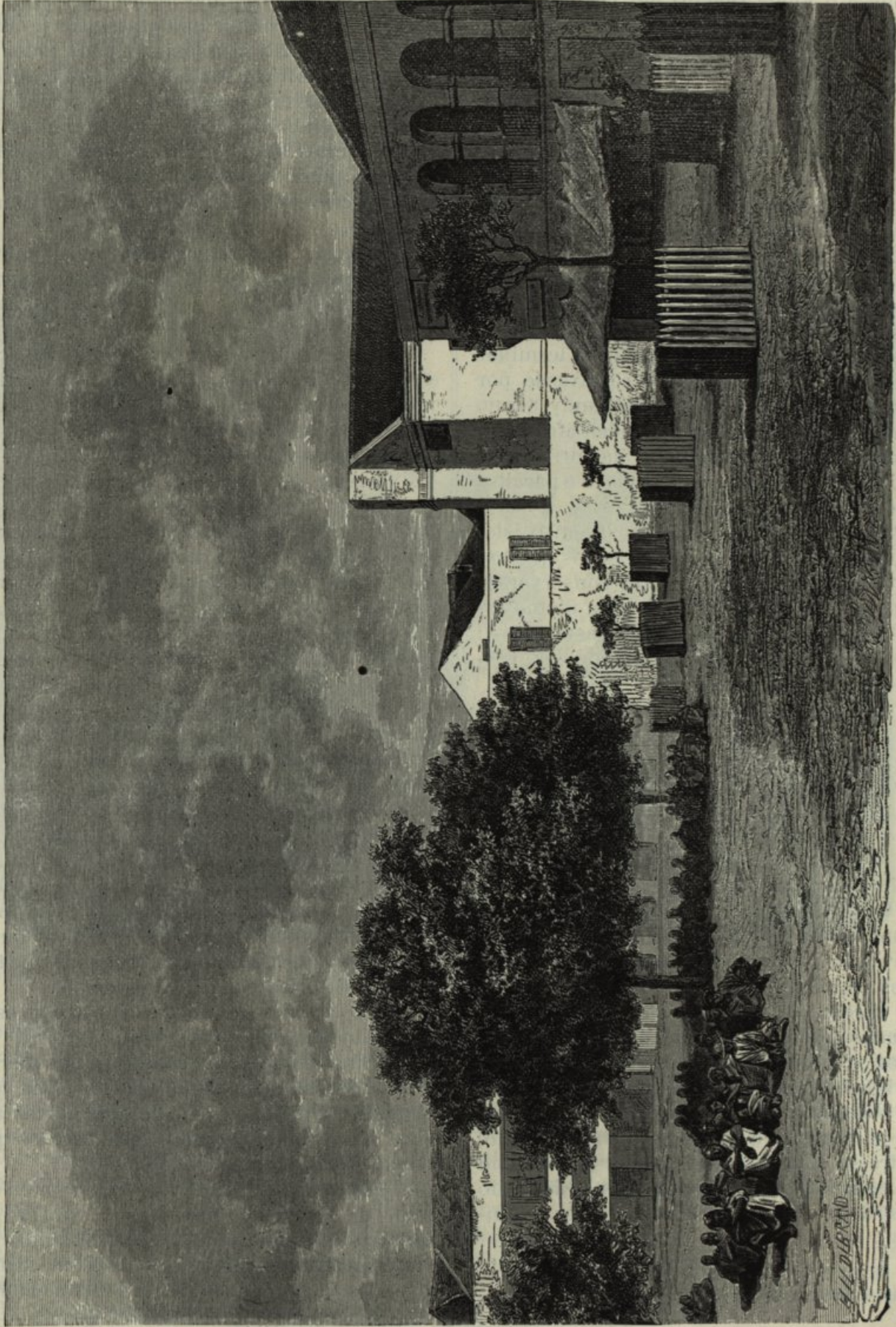
Em Rio-Nunez é opinião quasi geral que todos os povos habitando a costa, desde Bissao até á Serra Leôa, eram montanhezes expulsos de Fouta-Doallon pelos Foulahs que lhe impozeram tributos.

A lingua dos Bagas que habitam á beira mar é a mesma que a dos Landoumans; a dos Timanis da Serra-Leôa e a dos Diolas tem affinidades com aquellas.

Os Nalous, visinhos d'estes, estão espalhados desde o Rio-Grande até Rio-Pongo e são mahometanos; o *sousou* que fallam é uma lingua malinké muito semelhante á dos Mandingues, dos quaes os Nalous devem ser um ramo. O *sousou* falla-se n'uma parte do valle do Niger.

Os Sandoumans interpõem-se entre os

¹ *Man. d'Hist. ancienne d'Orient*, II, 175.



MERCADO NA GOREA — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia

Nalous e o Fonta-Dialon; em virtude d'esta disposição parece que os Nalous devem ter-se mettido violentamente entre os Bagas e aquelles.

A provincia habitada pelos Sandoumans tem o nome de Karkandy; depois de 1815 os europeus fundaram aqui feitorias em Wakaria e em Bokey. Os Landoumans pagam um tributo ao almamy de Fouta ao qual os europeus, que queriam estabelecer-se em Karkandy, tinham igualmente de pagar.

Os Landoumans são ladrões e quizeram abusar da sua posição geographica, o que completamente arruinaria o commercio do rio se a auctoridade franceza, para terminar estas continuas luctas, não resolvesse por fim o levantar um forte em Karkandy. Como em quasi todas as nacionalidades africanas, o poder real é o ponto de mira das principaes familias, o que enfraquece a nação e paralisa a auctoridade do chefe.

Posto que os Nalous abraçassem o islamismo, como todos os outros povos que habitam as margens d'este rio conservaram em uso o juizo de Deus. A casca d'uma arvore chamada *mélis* servê para esta prova; é sempre um veneno mortal tomada em grande dose.

Os Landoumans conservaram-se idolatras. Acreditam n'uma divindade, a que chamam *Sinto* e que, segundo elles, habita os bosques, apparecendo algumas vezes aos que os frequentam. Por entre as suas crenças descobre-se uma certa ideia de metempsychose que sobretudo se applica ás pessoas submettidas á prova terrivel do decocto de *mélis* e cujas almas passam então para corpos d'orangotangos¹. Esta mesma crença se encontra nos povos do Gabão e nos de muitas outras regiões.

O direito de asylo existe nos costumes africanos; o seu ceremonial é pouco mais, ou menos, o mesmo que entre os arabes.

O homem que desempenhou qualquer função e deseja subtrahir-se á vingança dos seus inimigos, vae ter com um chefe visinho, prostra-se a seus pés de mãos atadas com uma espada do lado direito e um chicote do esquerdo; assim, tornando-se vassalo, adqui-

¹ No Rio-Nunez encontram-se chimpanzés. Os macacos do Senegal pertencem a tres ou quatro variedades dos cynocephalos.

re a sua protecção, mas nunca mais pôde aspirar a desempenhar qualquer logar politico.

A escravidão tem existido em todos os tempos na Africa. Muitos crimes de direito commum levam á escravidão; o adulterio com a mulher do chefe arrasta muitas vezes á escravidão a familia dos dois culpados, que são punidos com a morte.

O escravo deve á gente livre um grande respeito.

Os Bagas, que vivem á beira-mar entre o Rio-Nunez e o Rio-Pongo tem costumes particulares e só poucas relações conservam com os Nalous e com os Sousous.

Vivem do producto do sal que fabricam e do oleo de palma que colhem em abundancia; formam entre si uma espécie de sociedade communista, dividindo entre as familias os lucros. As mercadorias collocadas debaixo d'um cobêrto são sagradamente respeitadas.

Não creem na vida futura; teem a convicção de que só n'este mundo se vive.

Quando de Karkandy se caminha para Timbo, em dois dias, depois de ter passado o cêrro que separa as aguas do Rio-Nunez das do Cogou, conhecido com o nome de Rio-Cassini, alcança-se Guémé. Em seguida indô para o Nordeste encontra-se Competudon; um desvio para este-sudoeste leva a Faucomba, a cidade sancta de Foutala, equidistante de Labé e de Timbo. Esta cidade gosa do privilegio d'eleger o almamy de Fouta-Diallos.

É para suppor que o caminho de Labé e de Timbo a Karkandy, cuja distancia é pouco mais ou menos de cem legoas, seja o mais facil dos que conduzem á costa, pois que é percorrido por numerosas caravanas que trazem ás feitorias pelles seccas e café.

As caravanas caminham durante a estação calmosa.

Os Foulahs que se encontram nos mercados da costa teem muita suavidade na phisionomia e é isto principalmente devido aos seus olhos bem rasgados guarnecidos por longas sobrançellas aveludadas.

Trazem as mercadorias á cabeça, n'um cesto de fórma oblonga, feito de vimes; geralmente marcham em grupos de quinze ou vinte individuos sob as ordens d'um chefe e armados com arcos e frechas envenenadas.

A mais passiva obediencia é devida ao al-

mamy e aos seus logares-tenentes. Antes da construcção do forte francez em Bokey, o almamy enviava cavalleiros seus visitar as feitorias para ahi manterem a ordem.

As correntes d'agua intermediarias entre o Rio-Nunez e o Rio-Pongo são pouco importantes. O Rio-Pongo por muito tempo serviu de centro ao commercio dos negociantes

d'escravos. Seis bahias permittiam que elles se podessem esconder dos crusadores. As bahias mais frequentadas são Mud-Barr, a preferida pelos Francezes, e Sand-Barr. A occupação do Rio-Nunez teve, a contrabalançal-a, a occupação do Rio-Pongo, onde se estabeleceu uma feitoria franceza.

Mellacorêa é um importante rio, onde o



GRIOTS DA GORÊA — Desenho de J. Fesquet, seguido uma photographia

commercio do amendoim está muito desenvolvido. Por causa das guerras intestinas, os indigenas entregaram-se á França, que annualmente fazia alli uns cem carregamentos de amendoim e de oleo de palma.

O rio Mellacorêa recebe os productos dos seus affluentes, o Foiricareah, o Mourebaia, o Sangareka.

A hydrographia d'estes rios é muito imperfeita; os praticos para pouco servem; os naufragios são n'elles frequentes.

Os habitantes d'esta região pertencem aos Bagas, aos Sousous, aos Timonis. Rivalida-

des de raças, pretensões á dominação exclusiva d'estes ricos e ferteis terrenos crearam um regimen de terror, que teve por consequencia o assassinato de muitos chefes. Estas raças teem a testa muito pequena e nunca attingem a belleza dos Foulahs.

O clima da Africa tropical divide-se em duas estações: a estação secca e a estação das chuvas; os ventos geraes seguem o movimento da declinação do sol.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA

SOB a presidência do dr. Mendes Correia, teve no dia 21 à noite lugar a instalação da 4.^a secção de estudos da sociedade de geographia commercial do Porto, ficando investidos dos seguintes cargos os snrs.: dr. José Carlos Godinho de Faria, vice-presidente; Tito de Noronha, secretario; e Eduardo Augusto Ramos, vice-secretario.

Em seguida procedeu-se à nomeação de duas commissões: uma, incumbida de estudar o assumpto de que trata o officio que, à sociedade de geographia dirigiu, em 10 do corrente, o socio snr. Antonio Anthero de Menezes e Vasconcellos, sobre a necessidade de incorporar no meio das disciplinas ensinadas nos institutos de Lisboa e Porto, a geographia commercial, e que ficou composta dos seguintes membros: dr. Antonio de Oliveira Monteiro, presidente; e os vogaes: dr. José Carlos Godinho de Faria, Tito de Noronha, Oliveira Ramos, e José Nicolau Raposo Botelho; e outra, encarregada da redacção do *Boletim* da sociedade, composta dos seguintes vogaes, os snrs: Oliveira Ramos, e Tito de Noronha e dos archivistas os snrs.: Eduardo Ramos e Almeida Outeiro.

— A sociedade de geographia d'Italia acaba de enviar uma commissão ao paiz do Assab Gallas, afim de procurar vestigios da desgraçada missão que se supõe torturada e assassinada no caminho de Bailuf.

— Depois de vinte e um dias de viagem, dos quaes onze foram por terra e dez por mar, com o descanso d'um dia em Hammerfest, a missão scientifica enviada pelo ministerio d'instrucção publica à costa oriental da Fiumark (Laponia) chegou a Vadso, onde desembarcou.

Esta missão, dirigida por M. Jorge Pouchet, está encarregada de recolher na costa oriental do extremo norte da Noruega objectos de historia natural, especimens de historia natural, rochas das duas margens do Varenger Fjord, situado no limite das influencias do Atlantico e do mar Glacial e d'estudar a sua fauna maritima. Foram dadas instrucções às auctoridades civis e militares das provincias de Fiumark com o fim d'auxiliarem os exploradores que foram transportados à Noruega pelo aviso a vapor *Coligny* e que são acompanhados pelo conservador da collecção zoologica de Christiania.

— Na floresta de Haguenau (Alsacia) ha um carvalho celebre que segundo todas as probabilidades tem mais de 1200 annos. Este gigante ergue-se a cem passos da casa chamada «do carvalho» a 6 kilometros de Haguenau. Este carvalho tornou-se celebre, graças a S. Arbogastio que veio da Aquitania para a Alsacia nos fins do setimo seculo e que como eremita viveu um certo tempo na floresta de Haguenau; S. Arbogastio foi depois bispo de Strasburgo em 673 e está enterado no bairro Nacional no sitio onde hoje está edificado o convento de Santa Barbora. Este Carvalho tem 7^m,52 de circumferencia, uma altura de 18^m,35 e produziria 69 steres e meio de lenha. Uma pedra collocada perto da arvore tem a seguinte inscripção: «Aqui

viveu outr'ora S. Arbogastio decimo-nono bispo de Strasburgo. A Alsacia venera-o como seu patrono.»

ASIA

— Dois portos commodos e seguros existem na costa occidental do mar Caspio: Pétrowsk e Bakon.

Pétrowsk é um abrigo artificial protegido por dois molhes. Posto que este porto seja um excellente refugio para os navios não é todavia sempre accessivel. Em dezembro e janeiro está muitas vezes impedido pelos gèlos.

Bakon situado mais ao sul é accessivel durante todo o anno. Esta cidade está situada nas margens d'um golfo e é protegida por uma série de ilhas; é o melhor porto de toda a costa occidental do mar Caspio. Além d'isto a sua vastidão e a profundidade das suas aguas permite que alli possam entrar um grande numero de navios da maior tonelagem.

Em face de Bakon encontram-se os dois portos, Krasnovodosk e Astrabad. O golfo de Krasnovodosk é muito grande e pôde abrigar uma grande esquadra.

Ao sul de Krasnovodosk encontra-se o porto d'Astrab. De Bakon a linha mais recta para as Indias é a que passe por Astrabad.

Este golfo é sempre accessivel aos navios que calem n'agua até dez pés. Todos os pontos da costa, a partir d'aldeia Salouga para o norte até ao rio Kara Son e mesmo um pouco mais longe seriam convenientes para ahí se estabelecerem desembarcadiros.

AFRICA

— Annuncia-se a partida de Marselha dos representantes d'uma companhia franceza que vão tomar posse do territorio d'Obock que em 1862 o sultão de Haussa vendeu à França, territorio situado no litoral do mar Vermelho quasi em frente d'Aden.

Estes enviados foram encarregados d'entregar ao sultão uma carta de Grevi e de brindal-o com valiosos presentes.

— Lê-se no *Economiste* do Cairo: Temos a alegria de noticiar que Carlos Piaggia, o illustre viajante italiano, chegou a Kartoum a 30 d'abril passado gosando de magnifica saude.

Em Kartoum corre o boato de que Piaggia será provavelmente nomeado Mondir do Fashoda e Marno, Mondir da provincia do Rio Azul.

Marcopulo, Lopton e Marno que tambem estão em Kartoum, foram elevados á dignidade de Bey e igualmente se affirma que Lopton será nomeado governador do Bahr-el-Gazar em substituição do Bahr-el-Gazar de Gessi.

— Uma noticia enviada do Cairo no dia 11 diz que chegava alli uma embaixada do rei d'Abyssinia composta de setenta e duas pessoas, trazendo cartas affectuosas e ricos presentes do rei para o Khédiva. A embaixada deve tambem offerecer ao patriarcha cofta 225:000 francos, que será convidado a nomear um bispo para Abyssinia.



TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL. — Desenho de Casanova, gravura de F. Pastor, segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex. mo sr. Carlos Relvas

TRAZ-OS-MONTES

ARREDORES DE VILLA REAL



GRAVURA que damos hoje, é cópia d'uma formosa photographia cedida pelo ex.^{mo} snr. Carlos Relvas, distincto photografo amator, e representa uma das mais bonitas paisagens de Traz-os-Montes nos arredores de Villa Real.

É realmente a provincia de Traz-os-Montes uma das mais importantes, e pena é que a agricultura se ache alli tão pouco desenvolvida, como, e é bem triste ter de confessal-o, succede em quasi todas as provincias de Portugal.

Sendo como é a industria agricola uma das fontes de maior riqueza de qualquer paiz, e sendo o nosso solo magnifico para a producção, Portugal seria um paiz agricola por excellencia. É lamentavel porém que os nossos governos olhem com tanta indifferença para o estado em que se acha a agricultura do paiz. Se a agricultura estivesse desenvolvida e os nossos campos fossem arados segundo os processos modernos, dar-se-hia n'elles trabalho a um bom numero de braços e evitaríamos assim a enorme emigração annual.

Hómens, mulheres e creanças todos partem para a America á procura de fortuna, e o resultado é serem uns escravos n'aquellas paragens e morrerem, a maior parte das vezes, de fome e miseria.

Se alguma coisa vêmos feito e algum serviço prestado á agricultura devemol-o, é certo, á iniciativa particular e ás sociedades agricolas que infelizmente tem deixado de progredir, e algumas mesmo d'existir pela falta d'auxilio e indolencia d'aquelles que deveriam ser os primeiros a prestar-lhes a sua coadjuvação.

Temos uma publicação *O jornal official d'agricultura*, que é quasi desconhecido pelos agricultores do paiz, principalmente pelo pequeno lavrador. Desejariamos que aquella excellente publicação, em vez de se arrumar para um canto fosse distribuida gratuitamente pelas camaras municipaes, juntas de parochia, escolas etc., tornal-a emfim popular,

fazendo assim crear gosto pelos estudos agricolas.

Não é grande a despeza que a distribuição e publicação gratuita d'aquelle jornal traria comsigo aos governos; é ella até mediocre se olharmos ás vantagens que d'isto resultariam.

Voltando ao fim principal d'este artigo do qual nos iamos desviando pelo grande prazer que temos de fallar da agricultura e de vêr Portugal collocado em tão importante assumpto á sua altura, diremos:

É na bella provincia de Traz-os-Montes que se encontra a lindissima serra do Marão ¹ a qual se deixa vêr n'uma parte da nossa gravura. É no inverno quando coberta de neve, que a serra produz um effeito deslumbrante, uma verdadeira maravilha. Tivemos occasião de passar por lá no mez de janeiro de 1877 em digressão a Villa Real, Vidago, Chaves etc., e com quanto a temperatura fosse frigidissima, não podemos resistir ao desejo de saltar fóra da mala-posta que nos conduzia para tomarmos logar na imperial, podendo assim desfructar melhor tão esplendido panorama.

A viagem desde Amarante ao alto da serra é incommoda e aborrecida, quando feita em pleno inverno e sem companheiros alegres, como succedeu ao que escreve estas linhas. Imaginem os leitores que ainda não fizeram aquella digressão, que para ir do Porto a Villa Real se gastavam em mala-posta ou diligencia 16 a 18 horas, das quaes durante seis são os carros puxados até ao alto da serra por duas juntas de bois.

Tudo isto porém passa desapercibido quando no alto da serra, onde se descança um pouco, se descobre diante de nós um panorama lindissimo, uma paisagem fantastica. A estrada que se acaba de percorrer e que pela inclinação do leito é feita em espiral pro-

¹ A Empreza tem em seu poder duas excellentes photographias sahidas do esplendido atelier do distincto photografo amator o ex.^{mo} snr. Carlos Relvas, representando o «Marão», e que proximatemente serão reproduzidas n'este jornal.

duz quando se chega ao alto e olhamos em redor, um effeito surprehendente, figurando-se-nos vêr outras estradas que não aquella que já passamos.

Seguindo a estrada, e desejosos já de chegar a Villa Real para descansar e obter algum lenitivo para o corpo regelado de frio, depara-se aos nossos olhos uma verdadeira preciosidade. De cada lado da estrada levantam-se enormes rochedos formando uma especie de portas, que denominaram «As portas do Inferno».

Surprehendeu-nos o titulo, mas é realmente bem cabido se attendermos que ao chegar áquelle logar é tal o vento que se sente que precisamos segurarmo-nos bem para não correremos o risco de sermos arrastados pela sua impetuosidade. Algumas vezes ha, segundo nos disseram, que os cavallos estacam repentinamente com a violencia do vento.

A estrada no inverno acha-se coberta de neve formando algumas vezes uma camada de 0,50 centimetros d'altura, e n'estas occasiões apparecem por alli matilhas de lobos que acoçados pelo inverno e pela fome assaltam os viandantes.

Para se fazer aquella digressão é preciso que o viajante se previna; que na estrada pouco ou quasi nada se encontra de confortavel para ajudar a supportar a temperatura frigidissima com que se tem de lutar.

Chegados enfim a Villa Real encontramos então alli tudo aquillo de que se carece. Hoteis muito regulares, magnifico serviço etc. etc.

Santo Antonio de Villa Real, que assim se denomina a cabeça do districto da provincia de Traz-os-Montes, é uma terra de provincia muito commercial, de grande movimento e riqueza. Tem magnificos estabelecimentos commerciaes e industriaes, lyceu, collegios particulares, edificios antiquissimos e de muito merecimento archeologico. Bonitos largos e ruas. Possui tambem além de muitas agencias bancarias, um importante estabelecimento — O Banco Commercial e Agricola de Villa Real — um dos melhores Bancos, com séde na provincia; devido isso ao zelo incansavel das suas gerencia e direcção. Existem alli tambem boas livrarias particulares, e é uma das terras da provincia onde ha mais homens que se entreguem á leitura.

Realisa-se alli annualmente e no mez de junho uma grande feira que dura quinze dias e na qual se fazem importantissimas transacções commerciaes em gados, solla etc. etc. que faz com que ainda hoje seja tida como um dos melhores mercados annuaes do paiz.

Os arredores de Villa Real são realmente d'uma belleza encantadora, e provam-no bem a gravura que hoje publica este jornal e mais algumas photographias que a Empreza tem em seu poder, pertencentes ao ex.^{mo} snr. Carlos Relvas, que as cedeu obsequiosamente, e de que a seu tempo faremos a reproducção.

Lisboa, 12 de julho de 1881.

SOUZA PINTO.

ESBOÇO DE MYTHOLOGIA IBERICA

O TANGRO-MANGRO

(Continuado do numero antecedente)

TENDO-SE provado pela leitura dos caracteres cuneiformes a existencia de varias fórmulas magicas da Chaldêa nas ensalmos e esconjuras da edade media da Europa, transmittidas pela tradicção dos Romanos, é crível que muitos outros vestigios se vão encontrando pelo estudo das superstições conservadas nos povos modernos. Em Portugal uma palavra com que se exprime o

mal, é a personificação magica — o *Tranglomango*; eis o começo de uma parlenda popular em que se repete. São doze Freiras, que a Abbadeça vae mandando para certos serviços:

D'essas doze que ellas eram
Mandaram-lhe buscar bronze,
Deu o *Tranglomango* n'ellas
Não ficaram senão onze.

D'essas onze que ellas eram
Mandou-lhe lavar os pés :
Deu o *Tranglomango* n'ellas
Não ficaram senão dez.

D'essas dez que ellas eram
Mandou dar esmola ao pobre ;
Deu o *Tranglomango* n'ellas
Não ficaram senão nove.

D'essas nove que ellas eram
Mandou-lhe comprar biscoito ;
Deu o *Tranglomango* n'ellas
Não ficaram senão oito.

D'essas oito que ellas eram
Mandou-lhe comprar molete ;
Deu o *Tranglomango* n'ellas
Não ficaram senão sete...

Esta mesma parlenda foi colligida da tradição oral de Penafiel, e publicada por Ad. Coelho no *Zeitschrift für Romanis die Literatur*; transcrevemos algumas estrophes da sua lição :

Nasceram dez meninas
Metidas dentro d'um fole,
Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'ellas
Não ficaram senão nove.

E essas nove que ficaram
Foram vêr passar o broito
Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'ellas
Não ficaram senão oito.

E essas oito que ficaram
Foram vêr passal-o valete,
Deu o *Tangro-Mangro* n'ellas
Não ficaram senão sete.

Essas sete que ficaram
Foram vêr passal-os reis,
Deu o *Tangro-Mangro* n'ellas
Não ficaram senão seis.

E prosegue até ao um, terminando com a estrophe :

E esse um que ficou
Foi vêr amassal-o pão,
Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'elle
Acabou-se a geração.

Considerando pelo lado poetico esta par-

lenda popular, vêmos a fórmula dithyrambica na sua maxima simplicidade, de modo que espontaneamente se pôde improvisar esta oração de numeros. Este mesmo espirito revela a sua remotissima antiguidade. Ha aqui evidentemente syncretismo com um genero de orações em que prepondera a virtude dos numeros; mas tanto a ideia da divindade iberica está reduzida á simples expressão generica de mal, como a virtude da fórmula dos numeros está abandonada, reduzindo-se a parlenda a um mero pretexto para improvisações nos jogos infantis, como ainda se observa nos costumes da Andaluzia.

Tangomáo, empregado na *Arte de furtar* e nas *Ordenações philippinas*, e colligida no *Vocabulario* de Bluteau, é uma palavra abreviada de outra que se repete ainda na linguagem popular, com sentido supersticioso, e que anda em cantigas de formula-numerativas com caracter magico do *Tanglo-Mango*.

O snr. Manuel de Mello, nas suas Notas bexicologicas, esforçando-se debalde para descobrir a significação primitiva d'esta palavra *Tangro-Mangro* (*Rev. brasileira*, t. vi, p. 163) consigna alguns factos que importa aproximar das nações portuguezas. Diz elle: «Aqui no Brazil ainda dizem do que se furtar e levar a seu dono, que lhe deu o *tângoro-mangoro*.» E accrescenta: «O que sei é que a expressão *Tangoro-mangoro*, variamente pronunciada ¹, figura como estribillo de um lundu ou cantiga popularissima no Brazil, analoga a uma ou outra das *formulettes numeratives* inseridas por Eugène Rolland na *Mélurine* e por Ph. Kuluff nas *Enfantines du bon pays de France*.» (Ibid.)

Em hespanhol tambem é conhecido o *Tangomáo* (*Dicc. da Acad.*) Tubino fallando dos monumentos megalithicos da Andaluzia, diz ácerca do Menhir de las Virgenes: «Los lobriegos de la comarca cantan a proposito de este monumento :

jilaca, jilanco
puso aqui este *tango*
y *Menga* e *Mengal*
lo volvió á quitar. ²

¹ *Tangano-mango* em uma imitação litteraria Lyra de Apollo, p. 79; *Tango-mai-ango*, em umas trovas do dr. Teixeira de Freitas, no Globo de 30 de maio de 1865.

² *Les aborigenes ibericas*, p. 24.

Este documento tradicional leva-nos ao culto das pedras e á epocha ante-historica da península, por onde se póde determinar o caracter de uma discudidade turaniana. Á sua antiguidade corresponde a profundidade em persistencia nos costumes e tradições do povo.

Na Galliza é tambem conhecida a palavra *Tangano-mangano*, e a locução *entras ó Tán-gano n'el*, isto é acontecer-lhe mal ou morrer; na tradição popular gallega colligiu Sacc y Aree esta versão :

Elas eran once damas
Todas amigas d'o xuez,
Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas
Non quedaran senon dez.

D'aquelles dez que quedaran
Foram a xugar o pobre,
Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas
Non quedaran senon nove.

D'estas nove que quedaran
Deran en comer biscoito,
Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas,
Non quedaran senon oito, etc.

Esta fôrma gallega parece-se bastante com a versão portugueza do Porto, que acima deixamos.

Não é para admirar, que na tradição portugueza que data para esta nacionalidade do seculo XII, persistam certos vestigios dos ritos magicos da Chaldêa, por que esta corrente veiu confluir no nosso paiz pela acção dos Romanos e dos Arabes. Os povos ibericos encontraram nos novos povoadores da península condições para reviviscencia dos seus caracteres ethnicos; mais tarde os proprios Romanos e ainda os Arabes favoreceram esse phenomeno com relações ás fôrmas cultuaes primitivas que na epocha do seu dominio já haviam decahido em ritos magicos; diz Lenormant: «para a antiguidade grega como *romana*, como tambem para a tradição *judai-ca* e *arabe*, o Egypto e a Chaldêa são as duas fontes de toda a magia erudita.»¹ Nas inscrições lapidares da península acham-se nomes de divindades egypcias, o que justifica o acceitarmos o ponto de vista de Lenormant, para assim explicarmos a reviviscencia de tradições ibericas. Estes pequenos estudos comparativos tem a vantagem de contribuir para a definição antropologica dos povoadores ante-historicos da península, como se vê pela aproximação do *Tangro* em *Tangano* com os nomes da divindade entre os povos altaicos.

THEOPHILO BRAGA.

TEMPESTADES E NAUFRAGIOS

por

ZURCHER E MARGOLLÉ

Perda do *Captain* — Tufões no Japão — *Cyclones* no Atlantico — Cyclone apanhado pelo *Amazon* — Furacão em Zanzibar — Golpe de vento no Baltico — Perda do *Northfleet* — Naufragio do *Ville-du-Havre* — Incendio do *Cospatrick* — Barco salvavidas de Camaret — Leis da tempestade — Meteorologia thegraphica — Os pharoes — Sociedades de salvação.

JÁ uma vez em resumo descrevemos as tempestades e os naufragios mais notaveis havidos durante os annos de 1838 a 1869. Os desastrosos acontecimentos que em seguida feriram a nossa patria fizeram voltar a attenção de todos para os grandes sinistros que a nação acabava de soffrer e cu-

jos vestigios profundos só se poderão apagar n'um grande periodo de socego e de perseverante actividade. Voltando hoje ás commoventes narrativas dos dramas maritimos originados pelas violentas perturbações atmosfericas, não temos por unico fim agitar a sensibilidade do leitor, mas principalmente desejamos mostrar, como o progresso da sciencia unido ao abençoado desenvolvimento dos sentimentos humanitarios, dia a dia, faz com que as victimas d'essas perturbações diminuam e com que se estreitem tambem

¹ *La Magie des les Chaldéens*, p. 70.

os laços que, no meio do flagello da guerra, preparam a paz duradoura, a fecunda alliança das nações christãs.

Tanto quanto fôr possível reproduziremos as descrições das testemunhas dos sinistros que apresentarmos, pezando-nos o resumil-as, mas tendo o maior cuidado em não omitir qualquer facto essencial.

PERDA DO CAPTAIN—Nos primeiros mezes de 1870, a fragata de Torres o *Captain* da marinha real britanica fez as primeiras experiencias no mar. Construida segundo os

planos do capitão Colas, este navio blindado ao principio mostrou qualidades nauticas bastante notaveis e depois d'experiencias comparativas feitas em presença do inspector da marinha n'uma divisão da esquadra da Mancha, concluiu-se que navegava de uma maneira satisfatoria.

O tiro das peças das torres fazia-se com facilidade e precisão, apesar do mar ligeiramente picado, inundar a coberta do navio. N'estas circumstancias a ponte de combate disposta acima das torres offerece á tripu-



OS ROCHEDOS D'AR-MEN — Desenho de Th. Weber, segundo um esboço dos auctores

lação um abrigo semelhante á coberta superior dos couraçados ordinarios de bateria. Os receios levantados sobre a habitabilidade d'este navio estreito, demandando muita agoa e mui pouco alteroso, perderam-se e depois d'um novo cruzeiro que confirmou os resultados das primeiras experiencias á vella e a vapor, o *Captain* foi geralmente tido como um navio que podia aguentar mar e formidavel pelo seu armamento. Comtudo, á vista do modelo apresentado na exposição de 1867, esta fragata, segundo um relatório notavel de M. Reed, constructor em chefe da marinha, não tinha condições de estabilidade sufficientes e podia correr grande risco se mettesse a borda debaixo d'agoa, previsão que infelizmente em breve se confirmou.

A 7 de setembro de 1870, o vice-almi-

rante sir Alexander Milne, commandante da esquadra da Mancha dirigia ao almirantado pelo navio *Psyché* o seguinte despacho: «Um profundo pezar em dar-vos más noticias. O *Captain* deve ter sossobrado esta noite. Estava a vista do meu navio ás duas horas da manhã: de repente saltou um golpe de vento do sudeste acompanhado de fortes aguaceiros; ao nascer do dia não se via o *Captain*. Depois do meio dia alguns escaleres e destroços que lhe pertenciam foram encontrados. Infelizmente a tripulação pereceu toda: amanhã parte o *Inconstant* com o meu relatório».

Na vespera o proprio almirante tinha inspeccionado minuciosamente o *Captain* que tinha tomado parte n'um exercicio de vella feito por alguns navios da esquadra durante



NAUFRAGIO DO VILLE DU HAYRE a 30 de novembro de 1873 — Desenho de Riou

o qual a brisa refrescára bastante. Perto da meia noite o vento augmentou, cahindo fortes aguaceiros; o signal de caçar vellas e augmentar as distancias foi feito. Á uma hora e cincoenta minutos, segundo o relatório do almirante, ainda se via distinctamente o farol vermelho do *Captain*. Ao nascer do dia amainára o vento, o céu dasanuviara-se, mas não se via o navio. Os diversos navios enviados em todas as direcções á distancia de dez e de quinze milhas nada avistaram e foram chamados, depois dispostos em linhas de frente encetaram novas pesquisas. Então uma grande quantidade de destroços foram apanhados e entre estes um marinheiro morto. Desde este momento adquiriu-se a convicção de que o *Captain* naufragára durante um dos fortes aguaceiros da noite. Crusando a esquadra nas alturas do cabo de Finisterra e a pouca distancia da costa o almirante mandou navios á Corunha para tomar informações. Um d'estes navios o *Monarch* teve o prazer de conduzir um official e dezassete homens que tinham conseguido salvar-se n'um escaler e que tinham aportado perto de Cabo Verde ás quatro horas da manhã.

Contaram que por occasião do golpe de vento o *Captain* soffrera um grande balanço a estibordo; antes de se equilibrar foi açoiado por uma enorme vaga, a ponte de mau tempo offerecendo ao vento uma grande superficie fel-o voltar e em poucos minutos foi a pique, começando a afundar-se pela ré.

D'accordo com a opinião de M. Reed um certo numero d'officiaes de marinha tinham sempre dito que um navio com mastros e vellas como as do *Captain* e com tão pequeno borda não podia navegar. Se com effeito as qualidades nauticas tinham em parte sido sacrificadas para que se construísse uma fortaleza mobil formidavel, era necessario que as experiencias tivessem sido feitas no mar com mais prudencia.

O almirante Milne termina do seguinte modo o seu relatório: «Eu tinha a maior confiança no commandante Burgoyne e nos demais officiaes do *Captain*; o navio não podia estar mais bem commandado. A marinha fica enluctada pela perda d'um official de tanta habilidade e futuro. Egualmente sinto um grande pezar pela perda do capitão Colles. Tinha já feito um grande numero de viagens n'este navio e tinha-lhe uma grande affeição.»

TUFÕES NO JAPÃO — E' muito importante ter observações precisas sobre estes phenomenos, cuja theoria ainda não foi estabelecida e que frequentemente percorrem os mares da China e do Japão. Vamos dar aqui o resumo do relatório official do tenente de marinha Guenux feito sobre o tufão que cahiu sobre o *Alma* no porto de Yokohama a 24 de agosto de 1871, completando-o alguns extractos d'uma descripção feita por um jornal francez, publicado no Japão:

Durante o dia 23 d'agosto as apparencias do tempo eram más e o mar agitado sem causa faziam-nos suspeitar um furacão. O barometro marcava 754,5.

No dia 24 o barometro ás duas da manhã marcava 746,5; o vento este-nordeste refrescava constantemente. Ás cinco horas o barometro marcava 744; as rajadas de vento augmentavam sempre, o mar encapellava-se; chuva forte; não se avista a terra e dentro em pouco até não se avistam os navios fundeados em volta de nós.

O barometro então desce rapidamente; ás seis horas marca 738,7; ás 7 horas 730. O mar está furioso. Ás sete horas e meia o tufão está no maximo da violencia. O barometro desce com uma rapidez espantosa. Ás sete horas e quarenta e cinco minutos marca 715. O vento subitamente abranda; os elementos socegam, o horisonte illumina-se. Estamos no centro do tufão. A chuva, até agora continua, cessa. O vento salta para o sul-sudoeste e abrandando salta rapidamente para o sul, sul-sudoeste, e para o sudoeste. O vento amainou, a vaga enorme.

Ás duas horas e quinze minutos o vento sopra subitamente do oeste-sudoeste. O firmamento encobre-se e a chuva recomeça; a vaga diminue. O barometro sobe com a rapidez com que desceu. Ás oito horas e meia marca 725; ás nove 736,5; ás dez 740; ás onze 743. A chuva cessa por momentos; o vento vae declinando lentamente e varia entre o sul-sudoeste e sudoeste. Ás seis horas da tarde o céu desanuveja-se do sul ao oeste; o pôr do sol é formoso. O céu vae cada vez esclarecendo mais.

D'estas differentes observações conhece-se que Yokohama esteve na trajectoria do tufão que percorria o primeiro ramo da sua parabola com a orientação sul-sudoeste, norte-sudoeste. A rapidez extrema com que o ba-

rometro desceu prova que o cyclone estava animado d'um movimento de translação muito rapido e o curto tempo da sua duração affirma que o seu diametro não era extenso.

No ancoradouro de Yokohama houve uma terrivel confusão nos pequenos barcos japonezes. Muitos foram esmigalhados d'encontro ao caes e sete ou oito pesssoas morreram. Quasi todas as casas do caes soffreram grossas avarias.

Benten Yshikawa soffreram tambem com o tufão. Felizmente era maré baixa, aliás os estragos teriam sido incalculaveis.

Pouco mais ou menos pela mesma epocha, a 6 de julho, um tufão caminhando na direcção norte-noroeste com uma velocidade consideravel tinha produzido grandes estragos em Kobé, perto do mar interior. A violencia do vento juncta com o vacuo parcial determinado pelo redemoinho do vento fez que o mar saltasse fóra do seu leito e esmigalhou os navios e os juncos d'encontró ás casas derrocadas.

A 9 d'agosto um outro tufão fez dar á costa muitos navios em Keelung, na ilha Formosa, e occasionou o naufragio do Batavia



BARCO SALVA-VIDAS — Desenho de Riou, segundo um esboço dos auctores

Packet, de mil toneladas, a trinta milhas ao sul da Formosa.

CYCLONES NO ATLANTICO. — A 21 d'agosto a ilha de S. Thomaz foi assaltada por um furacão que a devastou. No porto, uma bacia muito abrigada, ninguem morreu durante a tempestade, mas na cidade infelizmente não aconteceu o mesmo. Faremos um pequeno extracto do relatorio de M. Etroyat, tenente de marinha, commandante do *Ville-de-Saint-Nazaire* vapor da Companhia geral transatlantica que estava fundeado no porto na occasião do furacão e que, graças ás precauções tomadas e á solidez das suas amarras, nada soffreu. De quatro outros navios tambem alli fundeados tres deram á costa. «Na cidade as ruas estão por toda a parte jun-

das de destroços de todo o genero: telhas, tijolos, moveis quebrados, bocados de travejamento, cadaveres d'animaes estão misturados em montões; arvores enormes, arrancadas pelo furacão e arrastadas pelas agoas estão estendidas pelas ruas; a igreja catholica e o hospital, solidamente construidos com cantaria estão em ruinas; aqui está uma casa destelhada; acolá uma outra levantou-se cerca d'um metro e ameaça ruina. Cerca de trinta cadaveres foram encontrados nas ruinas; as perdas materiaes são immensas. A parte oeste da cidade pouco soffreu. O solo da ilha foi devastado, toda a vegetação desapareceu, a maior parte das arvores perdeu os ramos e todas ficaram completamente despidas de folhas. Uma aldeia inteira foi arrebatada

pelo cyclone e o solo em que estava edificada parece ter sido recentemente lavrado.»

CYCLONE DO «AMAZONE». — A 10 d'outubro o vapor transporte *Amazona* apanhou no mar largo um cyclone, que o seu commandante, M. Brondet, capitão de fragata, descreveu n'um relatorio enviado ao ministro da marinha de que vamos dar o resumo:

«... A 9 d'outubro (latitude norte: 25°15' — longitude oeste: 68°10') o tempo indicava um golpe de vento violento, como os que nos assaltam nas Bermudas distantes das quaes apenas estariamos umas cento e vinte legoas. — Às quatro horas da manhã o tempo tomou peor aspecto e marcando o barometro 749, comecei a ter inquietações que o continuado abaixar do barometro aggravava; mas depressa tomei uma deliberação: deviamos estar no percurso central d'um cyclone e apezar da minha repugnancia de deixar um navio, tido como pouco solido principalmente na popa correr deante de mar tão procelloso, mandei a derrota para o sudoeste. Eram cinco horas e eu de panno só conservava a vella da mezena nos segundos rises: rompeu-se e foi arrebatada pelo vento. Das cinco ás seis horas podemos fazer derrota para sodoeste em arvore secca; mas, tendo augmentado a vaga e o vento, o navio foi impellido para o sul-sud'este e mesmo para o sudeste. Não havia que hesitar: mandei cortar os brandaes do papafigo da mezena para fazer cahir o mastro da mezena e tentar arribar; o mastro cahiu, mas o navio não arribou; o barometro marcava 730.

«O vento e o mar tornaram-se medonhos; a chuva cahia a torrentes; o *Amazona* rangia d'um modo assustador. A agoa no interior do navio batia d'encontro ás suas paredes; quasi toda a tripulação estava ás bombas e todavia ainda não era este o momento mais terrivel da tempestade.

«Às septé horas e meia o barometro marcava 725 e continuava a descer com uma grande rapidez; avisinava-se o momento mais violento do meteoro. Sem que eu desse por tal o mastro real partira-se; o pequeno mastro da gavea e os paus dos cutellos tambem; os filaretos estavam desfeitos; a lancha do navio e os sobresalentes em completa liberdade rolavam pelo convez com estampidos terriveis, a fazer julgar que tudo se despedaçava; um barulho de moveis, d'escadas

que se desfaziam, ouvia-se por todos os lados. O mar em ondas de cristas espumantes invadia o convez e entrava pelo buraco do helice. Por fim até o leme nos foi arrebatado. Na machina a agoa por duas vezes se tinha elevado até á altura das grelhas e uma outra vez a chama repellida de cima para baixo pelo vento invadira o recipiente do vapor; por tres vezes os machinistas tiveram de fazer parar a machina. Toda esta medonha scena esteve no seu auge entre as sete e meia e oito horas e vinte e cinco minutos, momento em que o barometro, que tinha descido até 698°, começou a mostrar tendencias para subir. N'este intervallo apenas houve dez minutos d'interrupção, tempó em que o centro do meteoro passou exactamente por cima de nós, mostrando no zenith um céu puro e estrellado n'uma circumferencia nitidamente descripta por um grande numero de nuvens. Calculei que essa circumferencia não era relativamente grande e que tinhamos cortado o centro do Cyclone n'uma corda muito pequena e parallella ao diametro traçado no sentido da marcha do meteoro, tendo nós ficado do lado do semi-circulo em que o vento actuava com menos força. Á meia noite o tempo melhora sensivelmente; o barometro que tinha subido por saltos marcava 940° e continuava regularmente a subida.

«Só temos a lamentar a morte d'um homem, um Annamita a quem tinha sido perdoada a culpa e regressava á patria. Este infeliz conservára-se dentro da lancha do navio e foi ahi esmagado. Foi verdadeiramente um milagre o, em tantos e tão grandes perigos, apenas termos perdido um unico homem. Uma cousa bem feliz tambem e não menos para admirar foi a machina, as caldeiras e a chaminé não terem avarias graves.


«Posto que seja do meu dever enumerar n'um outro relatorio os individuos de qualquer classe que, n'estas gravissimas circumstancias, mostraram energia e dedicação sem limites, não posso n'este momento esconder a admiração que o procedimento dos officiaes e marinheiros me inspiraram n'essa memoravel noite de 10 d'outubro. Os passageiros validos teem tambem direitos a verdadeiros elogios: nem um unico grito, nem uma palavra de desanimo foi proferida, mes-

mo na occasião em que muitos d'elles encômendavam a sua alma a Deus e acreditavam ter chegado a sua ultima hora. Todos obedeciam á voz socegada e firme dos offi-

ciaes: todos trabalhavam resolutamente com a obediencia que caracteriza os bons serviços.»

(Continúa).

AS VIAGENS DE FRANCISCO DE HOLLANDA ¹

s artistas portuguezes viajaram pouco até á segunda metade do seculo xv, epoca em que a invasão de artistas e artifices estrangeiros, trazendo novas ideias, novas concepções, novos typos e padrões artisticos, despertou a attenção dos nossos, e desviou alguns, poucos, da enorme caravana que sem cessar caminhava para as Indias.

Verdade é tambem que elles estavam menos habilitados para a viagem na Europa do que para a vida de aventuras no novo Eldorado. Na Europa encontravam as maravilhas da antiga arte flamenga, contra a qual não poderam lutar mesmo dentro da patria. Do organismo architectonico, das suas leis de desenvolvimento não tinham senão uma vaga ideia, porque a tradição das *Bauhütten* nunca chegou a fixar-se n'um codigo como o de Villard de Honnecourt, Gil de Ontañon e outros. A esculptura não chegára a desprender-se da architectura, porque nem mesmo a estatua do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, chegou a executar-se, pelo bom senso do principe. As artes industriaes, emfim, sofriam as consequencias da confusão dos elementos decorativos na grande arte. Em qualquer campo faltava-nos a instrucção theorica, a tradição de um ensino que se organisa lentamente e que só lentamente produz os seus fructos. Com o ouro das conquistas subemos comprar o que era raro e precioso, e juntámos uma quantidade enorme de curiosidades (é o termo), que foram imitadas e

phantasiadas com pouco exito, porque não havia criterio artistico; não havia principalmente a comprehensão clara de uma lei fundamental da arte, a intelligencia do que eram formas *structivas* e *decorativas* n'uma qualquer obra, fosse ella um templo gothico, ou um simples calice, ou uma custodia. Este defeito organico revela-se principalmente na nossa arte do seculo xv e xvi; e tanto mais evidentemente, quanto maior fôr no critico o conhecimento das obras primas da arte flamenga e italiana contemporanea. Francisco de Hollanda tinha todo o direito de falar do seu ponto de vista, com desdem, de artistas e artifices que andavam sem nórte nem bussola, combinando ecclecticamente elementos contradictorios, e que não tinham coragem para abandonar o estylo antigo e entrar com intelligencia nas novas formas da arte ¹. A opposição que se manifestava no campo litterario entre Sá de Miranda e Gil Vicente é um facto parallelo e intimamente relacionado com a lucta dos artistas. O poeta, que voltava da Italia em 1526, pôde com tudo triumphar, porque encontrava uma sociedade cosmopolita, preparada de antemão, uma còrte de poetas fidalgos, muitos dos quaes tinham viajado, e reconhecido já no seculo xv a superioridade dos modelos estrangeiros (escóla hespanhola).

Hollanda chega vinte annos depois (1547-1548) e encontra a confusão que apontámos! Que havia elle de dizer, senão o que escreveu nos seus tratados? Os pintores imitando mal, com um archaismo ingenuo, uma escóla vencida desde o principio do seculo. Os architectos e esculptores sem uma noção clara

¹ O presente artigo é um fragmento de uma biographia inédita sobre documentos novos, que sahirá á frente do tratado *Da Pintura antiga*, unico que nos falta publicar, e que está no prélo. Sobre os outros tratados vide o nosso estudo de 1879. Os desenhos, a que alludimos, ainda não foram estudados, devidamente, no seu conjuncto, apesar das noticias de Ponz (1772) até ás do sr. Tubino. Este ultimo confunde cousas elementares, como a Venus Ludovisi com a figura de Cleopatra, etc.

¹ Estes reparos não querem dizer que carecessemos de bons artistas; uma cousa é a concepção genial de uma obra, a invenção de formas novas e originaes, e a execução technica de formas recebidas da tradição, ou mais ou menos dependentes de modelos estranhos. D'estas ha muitas; as primeiras contam-se.

da profunda transformação iniciada pelos Pisanos e por Brunellesco (tres seculos de trabalho!); as artes industriaes sem direcção — eis o que Francisco de Hollanda veio encontrar. Só depois da sua chegada é que D. João III incumbiu a André de Resende a tradução do *Tratado de architectura* de L. B. Alberti, impresso havia meio seculo ¹. O tratado de Sagredo (*Medidas del Romano*, Lisboa, 1542) que, de resto, confirma as asserções de Hollanda, não podia transformar a situação em 5 annos. Um facto succedido em 1563, revela a resistencia opposta ás novas ideias da Renascença, em materia de arte. N'esse anno ainda Antonio Prestes, o discipulo de Gil Vicente, cobria os partidarios de Vitruvio de ridiculo, a proposito da tradução de Serlio pelo hespanhol Francisco de Villalpando. No *Auto da Ave Maria* põe na boca do Diabo todo o cathecismo vitruviano. Era o cumulo da heresia. Francisco de Hollanda deu então a campanha por perdida, porque as suas ultimas declarações de 1571 são mais um desforço contra a injustiça da sorte (isto é dos governantes) do que uma obra de propaganda ².

Era porém o nosso artista um critico sufficientemente autorisado para julgar claramente a situação, e correspondiam as obras ás palavras? Os documentos provam que sim. Os seus desenhos são excellentes, e revelam profundo estudo, não só dos monumentos que viu durante as suas longas viagens, mas tambem dos phenomenos da natureza, dos usos e costumes dos povos que visitou. Já dissemos em outro logar que Francisco de Hollanda deve ser considerado como architecto propriamente, e não como pintor ou illuminador, primeira arte que aprendera de seu pae. Os seus estudos de architectura são os mais notaveis de todos os que fez. Ser architecto era a mais elevada aspiração de um artista de Renascimento, mesmo d'aquelles que já antes d'isso haviam sido eminentes pintores e esculptores, como Rafael e Miguel Angelo.

¹ *De Re aedificatoria libri X.* Florentiae, 1485. Resende foi amigo de Hollanda, e talvez este influisse na traducção, já citada em 1553.

² *Da sciencia do desenho.* Nossa ed. Porto, 1879 e os documentos das Notas, onde pela primeira vez accentuámos a importancia da passagem do *Auto*.

Transformar Lisboa, ornal-a, fortifical-a, dar-lhe a *Agua livre* (melhoramento que só D. João V realizou!) saneal-a, fixar alli a côrte pela construção de um grandioso palacio ¹; abrir estradas, construir canaes e pontes, levantar fortalezas e defender o reino indefeso — tudo isto lhe refervia na mente. Parece que Hollanda lançára um olhar sobre os mysteriosos manuscritos de Lionardo!

E para fazer tudo isto, vinha elle munido dos melhores estudos e modelos. Alliado por amizade aos grandes archeologos e humanistas nacionaes, Goes, Pedro Sanchez, Jorge Coelho, Antonio Pinheiro e sobretudo a André de Resende, que tinha vencido, havia pouco, a celebre questão do *Aqueducto de Sertorio* contra D. Miguel da Silva (cerca de 1530) — facil foi a Hollanda revelar a D. João III o plano de grandiosas obras romanas, existentes no paiz, e demonstrar a sua utilidade, instigando-o a restaural-as e--a immortalisar o seu nome. O monarcha já não tinha porém os recursos de D. Manoel. A nação gastava ainda generosamente o seu sangue e o seu ouro contra os turcos, que ameaçavam a civilisação do Occidente, mas no paiz nada ficava. D. João III, sempre generoso, apesar de pobre, sempre consequente e leal na sua politica externa, dispendia o pouco, que vinha do Oriente, na Hungria, em Veneza, em Tunes — onde quer que avistasse um turco!

Que ficava á arte no meio d'esta lucha incessante? Alguma obra que se fazia por devoção (porque não se attendia a outros motivos) dava-se a extranhos, que sabiam adular e transigir. Hollanda vinha de Italia transformado. A nobre independencia de character, o genio altivo, a violencia mesmo, que punha a sorte, não raras vezes, na ponta de uma boa espada de Milão, eram predicados caracteristicos dos grandes artistas da Renascença. Erã principes a seu modo, e podiam sel-o n'uma epoca em que a arte reinava soberana; foram insoffridos, porque viveram n'uma sociedade sem lei, nem freio. Não se anda nove annos, impunemente, n'um meio d'estes, e Hollanda escreve ainda em 1571, isto é, perto dos sessenta annos, n'um tom que não devia agradar a ouvidos portuguezes,

¹ A fixação da côrte em Lisboa era a resolução de uma grave questão economica, porque a côrte, com a sua vida nomada, arruinava todas as terras onde pousava.

n'uma côrte severa e intransigente em materia de etiqueta. Demais, sete annos depois do seu regresso morria o seu protector, o grande Infante D. Luiz, e com a morte de D. João III, dous annos depois (1557), foram-se as suas ultimas esperanças. El-Rei havia-o mandado á Italia em 1537-1538, e por influencia do Infante pôde continuar alli até 1547, trazendo-lhe em paga um livro de desenhos que é presentemente, com os projectos relativos a Lisboa, o documento mais precioso para a avaliação do seu merecimento como artista e, ao mesmo tempo, uma especie de autobiographia.

Que fez Hollanda n'esses nove annos? Correu toda a Italia, desde a Lombardia até á Sicilia, visitou a região dos Alpes, percorreu uma grande parte da França e da Hespanha, isto é, os paizes que haviam collaborado mais activamente para o renascimento artistico, porque os paizes de Flandres haviam-se tornado, mesmo em pintura, tributarios da Italia, desde o principio do seculo XVI.

As antiguidades pagãs de Roma e da Campagna, de Siena, de Napoles, de Veneza, de Ancona; os grandes templos christãos de Padua (basilica do nosso Santo Antonio) de Pisa, de Loreto, S. Marcos de Veneza, S. Pedro de Roma; as grandes obras da architectura militar em Ferrara, em Genova, em Gaeta, em Napoles, em Cerzana, em Padua, em Spoleto, em Minturno, em Civita-Castellana; os trabalhos hydraulicos em Orvieto; as fontes e jardins de Tivoli; as esculpturas celebres das grandes colleções, os frescos e os mosaicos, os palacios, os arcos triumphaes, as columnas e estatuas, inclusive os fragmentos de menor importancia, tudo isto se desenrolla diante do espectador, de per meio com projectos notaveis de reconstrução, payagens, scenas de costumes e — reminiscencias da patria! Nos campos da Toscana aco-dem-lhe á lembrança as vinhas de *enforcado* do Minho, tambem alli usadas.

Em Napoles sobe ao Vesuvio para examinar de perto a cratera, e nos Alpes escala o Mont-Cenis, no meio do inverno! Depois desce pela Saboia ao valle do Rhône para entrar na Provença, cheia das recordações de Petrarca; ahi visita todos os logares que o poeta immortalisou, as fontes do Sorga, Vaucluse, etc.

Nos Pyreneus detem-se a estudar as fortificações francezas e hespanholas da raia, Salsas, Perpignan, S. Sebastião, Fuenterrabia. A sua viagem pelo interior da Hespanha devia de ser muito rapida, tanto na ida, como no regresso, porque não ha desenhos d'essas regiões. De volta a Portugal, nem por isso descançou, completando em successivas viagens pelo paiz os seus estudos de topographia romana.

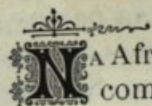
Em 1549 vae com o Infante D. Luiz em romaria a S. Thiago, declarando muito positivamente que era quasi a unica que lhe faltava das de Hespanha, porque já tinha ido a Nossa Senhora de Guadalupe, a Nossa Senhora da Antiga em Sevilha, a Nossa Senhora de Monserrate, a S. Maximino na Provença, a S. Pedro e a S. Paulo em Roma, a Nossa Senhora do Loreto, a S. Marcos em Veneza e a Santo Antonio em Padua, tudo isto por devoção e por amor á arte, porque todos esses templos eram riquissimos museus. De 1548 até 1583, epoca da sua morte, não consta que sahisse outra vez para fóra da peninsula. Dos estudos que elle fez durante as suas viagens pelo paiz, e dos varios projectos architectonicos, que elle delineou, dá noticia o tratado que já publicámos em 1879.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

P. S. — Em outro artigo daremos a lista critica, completa, de todos os desenhos de Hollanda, como documentos illustrativos das suas viagens.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)



NA Africa tropical do norte a estação secca começa em dezembro; os ventos geraes

do nordeste descem então até ao 5° de latitude sul. Os ventos variaveis, que durante a estação das chuvas reinam, n'uma larga região,

apenas n'esta estação imperam n'uma região de sessenta legoas; as brisas da terra e do mar alternam-se na costa e algumas vezes, durante dias, um vento da terra secco e abraçador que, na costa occidental d'Africa, é chamado *harmattan*, sopra violentamente; as aves da terra são frequentemente impellidas para o largo por este vento e procuram nos mastros dos navios, que não estão muito afastados da costa, um refugio.

Então um pó vermelho cobre as vellas e todo o apparelho dos navios que percorrem as costas do Sahara, a casca das arvores fende-se, as pontes desconjuntam-se e a colheita da gomme será tanto melhor, quanto mais prolongado e forte fôr o *harmattan*.

Em Rio-Nunez e em Rio Pongo a estação das chuvas começa em junho. N'este tempo muitas vezes a atmospherá está carregada de vapores e a electricidade adquire uma tensão extrema.

As nuvens negras que os relampagos rasgam, correm lentamente para éste, um arco concavo, do qual a parte inferior se apresenta nitida, formosa, sendo percorrida por milhares de faiscas que se cruzam. Quando, elevando-se sempre, este arco attinge o 45° acima do horisonte, o vento rebenta com violencia; começa pelo nordeste, salta ao sudeste e ao sudoeste e quando chega ao oeste o bom tempo irradia novamente. Os marinheiros devem cuidadosamente precaver-se contra estes phenomenos.

Durante a estação das chuvas a natureza adquire todo o seu esplendor.

Nas florestas as arvores formam abobadas de verdura atravez das quaes alguns raios do sol infiltrando-se produzem cambiantes de luz formosissimos. Uma grande variedade d'orchideas pende dos troncos decrepitos e o sussurrar dos insectos brilhantes e os aromas subtis de vivas flores dão-nos sensações deliciosas.

As cubatas dos indigenas estão geralmente encostadas a arvores e rodeadas d'algumas arvores de fructa.

As febres africanas contrahem-se principalmente nas mudanças d'estação. O mais das vezes desenvolvem-se depois d'um periodo de incubação de quatorze ou quinze dias. Qual é a causa da febre? será devida á aspiaração dos sporulus vegetaes que andam em suspensão no ar; ou será devida a outra

causa? Eu examinei ao microscopio as aguas do orvalho condensadas em paredes arrefecidas por meio de gêlo artificial; este orvalho continha verdadeiros sporulus vegetaes e via-se em cada gota desenvolver-se rapidamente todo um mundo microzoario. A opinião dos medicos sobre as causas originarias d'estas febres ainda não foi definitivamente formulada. Algumas reinam na Africa epidemicamente e então victimam em larguissima escalla.

Em novembro de 1843, depois de tres semanas de demora em Rio-Nunez, toda a minha tripulação, e ao mesmo tempo, foi atacada; os laptots da Gorêa adoeceram tambem, mas esses rapidamente recuperaram a saude. Felizmente em cinco dias alcancei a Gorêa, por que, não sendo assim, fatalmente teria perdido metade da tripulação que eu mandei tratar para terra, em Dakar, em barracas, onde rapidamente convalesceram.

De tempos a tempos a febre amarella faz tambem grandes estragos no Senegal e na Gorêa.

Os indigenas para a debellarem empregam os purgativos e os sudorificos e conservam durante a noite o lume aceso nas cubatas para impedir que os miasmas ahi penetrem.

X

Aspecto da serra Leôa — O pharol — Free Town — As lavadeiras crumanas — Visita a Free Town — O warf — A rua principal — Casas — Palacio do governador — Quartéis — Arrabalde — Cubatas dos libertos — Sua susceptibilidade — Cavalgata — Um accidente.

O viajante que visita a Serra Leôa sente-se impressionado com o contraste que lhe offerecem as margens do rio.

Os terrenos do norte não teem relevo; são retalhados por pequenos rios lodosos, cujas embocaduras se occultam na espessura das florestas; a ilha Leopardo é o unico ponto saliente que mostra uma perturbação no solo e que dá a conhecer a existencia d'uma amplissima bahia, de mais de duas legoas de largura. Este lado da costa é defendido por bancos d'areia que lhe vedam o accesso e estreitam a entrada do rio.

Os territorios do sul formam uma península montanhosa. As partes mais altas d'este promontorio que termina no cabo Silling

estão á altura de mil e quinhentos a mil oitocentos metros; em dias claros avistam-se á distancia de quinze ou dezeseis legoas; quando o céo está nublado as suas altanei-



HOTEL DES MESSAGERIES — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

ras cristas penetram muitas vezes nas nuvens pairando a meio da montanha, como que separando a base do vertice e dando-lhe formas phantasticas.

Não é raro ver, quando ha calma, as nu-

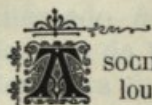


VISTA DE DAKAR — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

A costa é alcantilada e recortada por bahias. As ilhas Bananas erguem-se na extremidade do cabo Skilling e fecham o horizonte para o lado do sul. As areias accumuladas n'estas enseadas são banhadas pela vaga do largo que n'ellas vem quebrar com furor e que renova por um movimento sem fim a facha de espuma branca que emoldura este quadro.

(Continúa).

PELO MUNDO



EUROPA

SOCIEDADE de geographia de Lisboa já formulou e apresentou ao ministro da marinha o seu plano sobre estações civilisadoras na Africa.

Não sabemos oficialmente quantas sejam as estações organisadas e mandadas para a Africa, comtudo podemos afirmar que se trata com o maximo empenho de promptamente organisar o pessoal da que por todo o mez d'outubro deve sahir do nosso porto com destino ao Zaire.

— O jornal official francez de 21 de junho publica uma lei tendo por objecto os melhoramentos do porto de Bayona.

Os trabalhos a executar serão declarados d'utilidade publica conforme o disposto pelo conselho geral das pontes e calçadas.

A despeza a cargo do estado avaliada em 3.500:000 francos será inscripta nas despezas extraordinarias em cada exercicio. Pelo governo foi acceite o offercimento da municipalidade de Bayona de contribuir para a despeza com a somma de 124:000 francos.

— Um d'estes dias deve apresentar-se á sociedade de geographia de Lisboa e fazer uma conferencia sobre as suas viagens de Africa, o illustre e respeitavel missionario francez o rev. padre Duparquet, uma das grandes notabilidades da historia da civilisação africana, a que consagrou mais de vinte annos de dedicada evangelisação. O padre Duparquet hade ser ouvido com a mais subida attenção e respeito em Lisboa.

Acompanha o illustre explorador o sympathico official prussiano Von Meckon, que ultimamente fôra explorar o Cuango e que teve de retroceder por haver sido abandonado pelos carregadores e atacado pelas tribus selvagens. O padre Duparquet foi no dia 5 do corrente apresentado ao snr. ministro da marinha pelo snr. presidente da sociedade de geographia. Von Meckon foi apresentado ao governo no dia 6 para agradecer-lhe as recommendações que lhe déra para as auctoridades portugezas d'Africa.

ASIA

Nas margens do rio Min, a 20 milhas de Fochan, acaba de descobrir-se um campo de ouro, que se diz ser muito abundante d'este precioso metal. Apesar da agitação que entre os chinas e os estrangeiros se desenvolveu os mandarins não consentem qualquer exploração, e são tão estupidos que mandarão fazer um muro ou sebe em volta dos terrenos onde se fizeram escavações para experiencia, e onde é evidente que os nativos já ha tempo apanhavam ouro, sem se lembrarem que deixam fóra dos seus tapumes a maior extensão dos campos mineraes. Havia já, ha muito tempo, a certeza de que as montanhas d'aquella provincia eram abundantes de cobre, ferro e excellente carvão de pedra, e o ouro era apanhado pelos nativos nas areias dos rios e ribeiras. Os mandarins, porém, receiosos de que falem braços para a agricultura, resistem por emquanto a toda a idéa de exploração de mi-

nas. A China não tem moedas d'ouro, e este metal é apenas empregado em enfeites de objectos de curiosidade, tendo por isto pouco valor entre estas celestias creaturas.

AFRICA

De uma carta enviada do Dombe Grande; pelo nosso presado collega Malheiro, transcrevemos o seguinte:

«A missão americana, que se dirige ao Bihé, partiu já de Benguella ha mais de dois mezes, mas não chegou ainda ao termo da sua viagem. Está na libata do Soba do Bailundo, a uns quatro dias de viagem do Bihé.

A missão pertence á sociedade de temperança e é claro portanto que partam sem vinho, nem aguardente; com fazendas apenas.

Ora para o Soba de Bailundo ha uma unica coisa verdadeiramente veneravel — é a cachaça.

Como os americanos lhe appareceram sem aguardente, facto inteiramente estranho, os Sobas e os seus *macotas* (ministros), depois de maduro pensar, resolveram que aquillo *não é gente*, ou como elles se exprimem — é uma *gente á toa*, a quem ligam muitissimo pouca importancia.

E' costume dar a estes Sobas presentes, na occasião da passagem, e nenhum viajante passa sem isso. Os presentes consistem principalvnte em aguardente e algumas fazendas. A missão americana quer dar somente fazendas; hade gastar muito mais, e terá sempre difficuldade em arranjar carregadores que os acompanhem.

Qualquer portuguez pôde fazer a viagem de Benguella ao Bihé em 15 dias; a missão americana já gastou mais de dois mezes e não chegou ainda ao Bihé, nem chegará tão cedo. O chefe da missão voltou a Benguella no principio de maio para conduzir o resto das suas cargas para cima.

Ha pouco tempo enviamos nós uma missão para o Congo; por que se não enviaria uma para Bihé, ponto commercial de primeira importancia e onde o seu estabelecimento seria facillimo?

— Mr. de Lesseps apresentou á academia das sciencias de Paris uma memoria de Mr. Boudaire acerca da formação d'um mar argelino pela inundação dos *chotis* ou pantanos hoje quasi dessecados, no sul da Argelia e de Tunis. Mr. Boudelaire intenta cortar o referido isthmo de Gabés, construindo um canal que dê entrada ás aguas do Mediterraneo na vasta depressão de terreno que forma o conjuncto de *chotis* ou pantanos. A abertura d'este novo canal não é difficil pecuniariamente. Mr. Lesseps calcula-a no maximo custo de 24 ou 15 mil contos. A obra tem tambem um alto fim politico no interesse da influencia franceza ao norte d'Africa, principalmente depois dos successos de Tunis.

A França pôde quanto quer por que a sua enorremissima riqueza está assombrando o mundo! Felizmente é ella empregada em bem da humanidade.

Lisboa, 10 de julho de 1881.

A. L.

A CASA DOS BICOS

EM 1860 publicou o *Archivo Pittoresco* (vol. III) uma serie de artigos sobre esta casa, como commentario historico a uma mediocre gravura em madeira.

O auctor guardou o anonymo com desu-

sada modestia, privando-nos do prazer de lhe dar aqui os nossos sinceros agradecimentos pelas suas valiosas noticias.

Em dez longos artigos respondeu o auctor a uma serie de quesitos historicos importantes, e a outros que, fundamentando-



CASA DOS BICOS, EM LISBOA

se apenas na tradição popular, ficaram em branco.

Eis o questionario formulado:

- 1.º Quando foi edificada a casa dos Bicos?
- 2.º Acabou-se ou foi embargada?
- 3.º Teve ou não teve diamantes?
- 4.º Se os não teve, por que se chama nos livros impressos *Casa dos diamantes*?
- 5.º Em que tempo residiu n'ella o grande Affonso de Albuquerque?
- 6.º Por que pertence hoje esta casa a

um dos vinculos do antigo Secretario de guerra?

7.º Acaso viria parar esta casa á familia dos Albuquerque por alliança matrimonial de alguns d'estes fidalgos, como parente dos ascendentes do doutor Lourenço Martins Bacalhau, appellido illustrado da magistratura portugueza?

8.º Era bacalhoeiro o pae ou avò do doutor Martins Bacalhau, homem rico, como sempre foram entre nós os d'este commercio, e por isso esta casa serve ha seculos de

armazem de bacalhau, como quem puxa para os seus e não degenera?

9.º Por que é que a fazenda nacional pôz a casa dos Bicos em praça, no tempo da Infanta-Regente?

10.º Como é que por este casebre deu o honrado e já fallecido bacalhoeiro Caetano Lopes da Silva 14:500\$000 em praça, e depois lhe foi pedida judicialmente?

11.º Explica-se bem a generosa abnegação com que o dito Caetano Lopes abriu mão da casa dos Bicos, logo que a sua arrematação se pôz em litigio, não querendo nunca pedir á fazenda nacional a restituição dos 14 contos, e a sisa que por ella pagára na superintendencia das decimas do bairro de Alfama? Louva-se a bizarrria d'este honrado homem do povo.

12.º Em conclusão, muita parte da tradição e das conjecturas a respeito da casa dos Bicos, virão a *ficar em agua de bacalhau*, genero cujo deposito tem sido ha tantos annos?

Copiamos, muito de proposito, este longo questionario por varios motivos. Primeiro: orientará rapidamente o leitor sobre a importancia d'esta historica casa; segundo: dará uma ideia da abundancia de noticias historicas contidas nos artigos do *Archivo*, aguçando a curiosidade do leitor mais exigente, que achar pouco o que offerecemos n'um canto d'esta revista; e em terceiro lugar caracterizará o estudo do autor anonymo, ao qual não faremos injustiça, dizendo, depois do que fica transcripto, que elle deixou completamente de parte a *questão artistica*, que tentaremos resolver.

Valia bem a pena transformar n'um quesito relativo á historia da arte alguns dos que citámos, e que são secundarios, mesmo porque, resolvida a questão artistica, os quesitos 3.º e 4.º ficavam respondidos de um modo satisfactorio, e racionalmente explicada a tradição popular dos *bicos* e dos *diamantes*, encastoados n'esses bicos. Parece porém que o escriptor do *Archivo* omittiu a questão artistica de proposito, porque o seu silencio é absoluto n'esta parte; nem uma palavra sobre o estylo da construcção, sobre a ideia provavel do architecto ao escolher o motivo de ornamentação da fachada, etc.

Depois de publicados os artigos do *Archivo* tem-se gasto bastante papel e tinta

para explicar esta raridade archeologica da capital; tem-se fallado, com pasmo, do grande numero de estrangeiros, (inglezes provavelmente) que a tem retratado na carteira de viagem, como uma cousa unica em Portugal e talvez no mundo.

Que a casa seja apreciada em Lisboa, na modernissima Lisboa, transformada pelo terremoto e pelo genio dos architectos nacionaes n'um montão informe de casas sem estylo, sem solidez e sem hygiene; que as grandes tradições historicas, ligadas ao edificio, lhe attraíam as sympathias do patriota é natural, mórmente n'uma capital que ha um seculo e meio não sahe da moda franceza, do ouropel rocócó, que lhe vestiu o seculo XVIII, ou quando muito, de um pseudo-classicismo que tem a mesma duvidosa origem; mas que se exagere, de um modo absurdo, o seu valor artistico, quando nos achamos em face de uma quasi ruina, e se realce o seu valor archeologico, como se não houvesse outro exemplar na Europa, é prova só de ignorancia em materia de historia da arte. Basta transpôr a fronteira visinha e ahi teremos que admirar, mas admirar sinceramente *bicos e diamantes*; não uma ruina, mas construcções esplendidas. Deixemos porém isso para o fim e digamos, em resumo, o que se sabe da historia da casa dos Bicos.

Foi seu constructor, não Affonso de Albuquerque (1453-1515) mas sim seu filho natural, Braz de Albuquerque, cujo nome foi mudado por D. Manoel no de seu pae, para honrar o grande capitão — depois de morto. Este filho recebeu do monarcha uma parte das mercês que eram devidas a seu pae, e com esses recursos construiu a casa dos Bicos cerca de 1523. N'essas paredes meio arruinadas e reduzidas a metade da sua primitiva altura se fundiu pois uma boa parte das soldadas, que foram regateadas ao grande capitão. A casa representa no estado actual apenas um fragmento da construcção antiga; são armazens ao rez do chão e sobrelojas. Ainda em 1745 se falla, n'um auto de posse, de *casa nobre*, com loja por baixo, onde se vendem bebidas. O terremoto de 1755 reduziu-a á sua actual condição.

Uma medição da casa, feita em 28 de fevereiro de 1756 dá as seguintes proporções:

Frente 93 palmos e dous terços; fundo até á rua do Albuquerque (hoje do Almargem)

96 palmos, isto é quasi um quadrado; além d'isso diz: «doje, sobreloje e dous andares, com paredes commuas com as vesinhas.» A metade superior, que falta, seria então demolida, talvez por ameaçar ruina.

O dono e auctor da construção fundou solidamente a sua casa, de outro modo não resistiria ao terremoto, ao fogo e á invasão das ondas, porque todos estes elementos concorreram para a catastrophe de 1755.

Braz de Albuquerque não possuia o genio de seu pae, mas teve, como o filho de Colombo, o talento de lhe escrever a vida. Os seus *Commentarios* (1557) são uma obra classica pela linguagem, e o que é mais: um espelho fiel da sua vida, um quadro historico grandioso da epocha das conquistas. N'esta casa dos Bicos e na Quinta de Azeitão, tambem chamada do Paraiso, escreveu o filho as memorias do heroe. A sua vida publica não foi das mais brilhantes, por ter de sustentar questões com D. João III; mas, ainda assim, soube captivar as sympathias dos seus patricios, que o elegeram Vereador e depois Presidente do Senado de Lisboa. Quando todos, Rei, clero, nobreza e povo abandonavam a capital, fugindo á terrivel peste de 1569, o Presidente do Senado ficou na cidade, partilhando todos os perigos, e adoptando as medidas mais efficazes contra o flagello.

N'este posto de honra continuou até á entrada de Felipe II, pedindo então a sua demissão.

No meiado do seculo XVII (1649) já a familia dos Albuquerque estava tão reduzida, em numero, que D. João Affonso de Albuquerque e sua mulher D. Violante de Tavora, descendentes directos, tiveram de adoptar por herdeiro seu sobrinho, Antonio de Albuquerque, para conservar o glorioso appellido, «por quanto de todo se vai extinguindo.» Rendia então a casa dos Bicos 464\$000 réis, quantia avultada para a epocha, estando em 1860 por só 500\$000 réis, a longo praso, é verdade, e tendo rendido antes do terremoto 700\$000 réis.

A casa de Braz de Albuquerque está hoje desfeita, sendo divididos os bens por algumas familias que ainda hoje existem.

O palacio dos Bicos ficou ao morgado Pedro de Mello. Em 1827 foi a casa dos Bicos vendida por execução da fazenda ao negociante de bacalhau Caetano Lopes da Silva,

mas restituída amigavelmente por este ao senhorio, por não ter o estado o direito de vender, embora por execução fiscal, uma propriedade vinculada. O negociante fez mais; perdoou ao estado o engano que lhe custára 14 contos e meio, além da siza. Em 1860 era arrendatario um filho do auctor d'esta generosa acção, o qual pagava pelos armazens a quantia citada e ahi tinha deposito de bacalhau.

Vejamos agora a questão artistica.

E' a data: cerca de 1523, adoptada pelo escriptor do *Archivo*, a data provavel da construção? Parece-nos que sim. O estylo da casa é o do Renascimento, que triumphou entre nós entre 1530 e 1540, definitivamente. Os *bicos*, que deram tanto que fallar, são um motivo de ornamentação muito usado na architectura, desde a epocha *romanica* (seculo XII); foi muito usado nas construcções normandas e nas allemãs da região do Rhenô.

Depois de ter desaparecido na epocha gothica, torna o motivo a ser empregado no ultimo periodo d'esta epocha, na transição para a Renascença, adquirindo então nova importancia. Foi então empregado tambem nas artes industriaes e, com mais accento ainda, na architectura, cobrindo a base do edificio, e ás vezes, alagando toda a fachada.

Os arcos das portas, que estão ainda razoavelmente conservados, accusam a construção polycentrica, vulgarissima no estylo de transição para o Renascimento, chamado: *manuelino*.

Em Segovia, junto á porta de S. Andrés, póde o leitor estudar uma casa muito semelhante á de Lisboa, cuja fachada, se acha inteiramente coberta pelo mesmo motivo, e se chama alli tambem *La casa de los picos*. As tres janellas de sacada, de dimensões consideraveis, apresentam uma verga direita, mas foram provavelmente de volta redonda, como a da (unica) porta d'entrada.

A casa tem approximadamente o mesmo cumprimento da de Lisboa, mas mais um terço d'altura, e compõe-se de rez-do-chão e andar nobre. Está perfeitamente conservada (menos nas janellas, como dissemos) até á cornija, estribada em pesados modilhões,

¹ V. Otto *Archäolog. Wörterb.* Pag. 51. Fig. 46. all. *Diamantverzierung*; francez: *pointe de diamant*; ingl. *Diamond moulding*. Ou n'uma obra mais vulgar A. Demmin. *Encyclop. des Beaux-arts plastiques*. Vol. II, pag. 804.

que ainda nas suas molduras apresentam a ponta de diamante. Notaremos ainda que as quatro primeiras fiadas de cantaria da base (granito) são lisas. A casa de Lisboa teria provavelmente esta mesma disposição muito racional; devemos-nos lembrar que ella está soterrada, o que não foi ainda notado, ao que parece. A casa de Segovia pertence á familia dos marqueses de Quintanar e foi, antes d'isso, chamada *dos judeus*. O novo proprietario, irritado contra o vulgo, que teimava em conservar ao edificio a antiga denominação, combinaria com o architecto, e por conselho dos jesuitas, (sic) a singular ornamentação, depois de destruir a antiga fachada. D'ahi em diante ficou a casa com o nome que hoje tem. Assim diz a tradição local; é quasi escusado lembrar, que a construcção é muito anterior á influencia artistica dos jesuitas (Pozzo, s. xvii); é provavelmente do primeiro terço do seculo xvi, como a de Lisboa. Um edificio ainda mais notavel, e mais conhecido, em que se observa a ornamentação dos *bicos de diamante* é o *Palacio del Infantado* em Guadalajára, pertencente á familia Ossuna.

A construcção é sumptuosa, como convinha a uma das primeiras casas de Hespanha; é um verdadeiro palacio que se compõe de rez-do-chão, andar nobre, segundo andar e galeria (hoje murada)¹. Contém esplendidas salas e um pateo celebre pela sua admiravel ornamentação *mudejar* (gothico florido com reminiscencias arabes) e do Renascimento. O diamante não está collocado sobre um dos lados, como em Lisboa, mas sim sobre um dos bicos do quadrado (posto em losango). A galeria do palacio Ossuna apresenta a mesma ornamentação da fachada, apenas em bicos mais miudos, e não espaçados, mas sim juntos, formando um tapete. A construcção do palacio remonta a 1461, mas não foi decerto concluida antes do fim do seculo; attribue-se a Juan Guas, o celebre architecto de *San Juan de los Reyes* (Toledo). Citaremos ainda algumas casas particulares em Roma² em

¹ V. Caveda. *Ensayo historico sobre los diversos géneros de arquitectura empleados em España*. Madrid, 1848, e melhor ainda a traducção allemã, ampliada por Kugler. Stuttgart, 1858, c. grav. Photogr. de Laurent n.º 139 e 1450.

² Na *Via flaminia*; no *Vicolo del Governo vecchio* e no *Vicolo Cellini* v. Hauser *Styl-lehre der architekton. Formen der Renaiss.* Wien, 1880 p. 25-27.

que a ornamentação dos bicos está fingida por meio do *sgraffito*; a ideia está ahi racionalmente aproveitada, como meio de ornamentar o edificio, sendo conservadas as suas linhas structurivas.

Por estes exemplos se vê que não temos o privilegio dos *bicos*; que este processo de ornamentação era vulgar desde a idade média, e que da archivolta romanica passou á columna, e d'esta á frontaria do edificio, envolvendo tambem as artes industriaes. Os nossos documentos do seculo xv e sobretudo do xvi já indicam a predilecção de ambos os sexos pelo diamante e as variadas fórmas em que era lapidado (*chão*, de *ponta*, de *naife de ponta*, de *tavoleta*, *barroco*, *japulado* etc.).

O genio romantico da epoca, a predilecção por fórmas raras e exóticas, o amor do fausto, no meio de recursos que pareciam inexgotaveis, tudo isto concorreu para a adopção de fórmas ornamentaes desusadas¹, e mesmo absurdas, porque foram transpostas de uma para outra industria, sem se attender á natureza do material, ao destino do monumento, etc. Dadas estas explicações, é ocioso discutir o quesito 3.º do auctor do *Archivo*: se os bicos estiveram guarnecidos de diamantes, ou não.

O 4.º quesito: se os não teve, por que se chama nos livros impressos «casa dos diamantes», fica tambem respondido.

Essas pedras talhavam-se assim, como se vê na *Casa dos Bicos* de Lisboa, na de Segovia e no *Palacio de Guadalajára*.

A historia do Creço que guarneceu esses bicos de pedras preciosas, a ponto de excitar a inveja d'El-Rei, que mandou embargar a obra; a outra historia da rainha preta que ahi abrigou as suas immensas riquezas etc., são invenções da imaginação popular, que, não comprehendendo a razão de ser d'esse singular lavor, phantasiou logo uma lenda para supprir o que não sabia. E ainda hoje acredita n'ella, como se vê pelo anexim popular: «Ora não se perca a casa dos Bicos»!

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

¹ Assim temos em Salamanca, a *casa de las conchas*, de estylo gothico florido cuja fachada se acha coberta de conchas. Pertence ao: Marqueses de Valdecarzana.

TEMPESTADES E NAUFRAGIOS

(Continuado do numero antecedente)

SEM leme, sem mastreação, só com o auxilio da machina, o *Amazona* desarvorado levou seis dias de penosa travessia com vento fresco, e mar picado para aportar a Porto-Rico. Aqui navios da estação franceza nas Antilhas estavam ancorados e feitas as reparações urgentes no *Amazona*, comboyaram-nó até á Martinica.

FURACÃO DE ZANZIBAR.—A 15 de abril de 1872 a ilha de Zanzibar foi atravessada por um terrivel cyclone, de que o *Times* publicou a descripção, segundo a narração de testemunhas que presencaram os estragos e a marcha do furacão. D'essa descripção transcrevemos o seguinte:

Pela meia noite do dia 14 o vento oeste-sudoeste que tinha augmentado desde as nove horas soprava tempestuoso. O barometro que já baixara até 756 continuava a descer. A's oito horas da manhã o vento do sudoeste com tendencias para saltar para o sul era um pouco menos violento, mas o barometro, que já marcava 743, continuava a baixar rapidamente. A chuva era sempre forte e o céu ameaçador. Uma hora mais tarde, o vento soprava violentamente do sul. Das dez horas ao meio dia o vento saltou para o sul-sudeste. Ao meio dia o barometro marcava 729.

Depois do meio dia o vento foi diminuindo e pouco depois da uma hora e meia amainou completamente. Ao norte e ao noroeste o céu estava coberto de nuvens côr de chumbo que pareciam beijar a superficie do mar. A este appareciam sombrios vapores avermelhados; para o sul e para o oeste o céu estava azul claro, o que parecia indicar que d'aquelle lado já nada havia a receiar.

Às duas horas o barometro marcava 729; uma brisa suave soprava do nordeste pouco depois seguida por uma outra do norte-noroeste, cuja força augmentou rapidamente. Às duas horas e dez minutos um golpe de vento violento do norte-noroeste cahiu sobre a cidade. O barometro subiu rapidamente em quanto que, de minuto a minuto, a violencia do furacão augmentava. Às duas horas e trinta minutos o barometro estava a 735; o

vento variavel, saltando do norte-noroeste para o norte. Das duas até ás tres horas o furacão attingiu o seu maximo de violencia; o vento arremessava sobre a cidade enormes nuvens que escureciam a atmospheria de tal maneira que se tornava impossivel enxergar qualquer cousa a mais de dois metros de distancia. Alguns desgraçados, que se tinham aventurado a ir á praia durante o intervallo socegado que precedeu a extrema violencia do furacão, foram lançados por terra e foram arremessados a grandes distancias, como se fossem pequenos fragmentos de palha; uns foram mortos, outros ficaram mutilados.

Às tres horas o barometro marcava 745 e continuava a subir. Das tres ás quatro o furacão abrandava sensivelmente. Às quatro horas o barometro estava a 748; o céu desanuveu-se, a chuva diminuiu. O barometro continuou o seu movimento ascendente até á meia noite, momento em que marcou 756.

A direcção do cyclone parece ter sido do nordeste para o sudeste; o centro passou quasi por cima de Zanzibar. Muitos navios e um grande numero de pequenas embarcações ficaram escangalhadas. Em terra, as casas e os armazens dos europeus soffreram muito; os telhados foram arrancados, as janellas arremessadas a grandes distancias, os muros deitados a terra. A parte da cidade occupada pelos indigenas pôde-se mesmo dizer que desapareceu.

GOLPE DE VENTO NO BALTICO.—A «Revue maritime e coloniale» deu uma descripção d'este furacão desastroso publicada primitivamente no jornal allemão o «Hansa» por M. L. Fiessinger, tenente de marinha, da qual descripção vamos transcrever alguns trechos.

«A 12 de novembro de 1872 posto que, em todos os portos, se estivesse inquieto por causa do elevamento das aguas do mar, estava-se longé de esperar um desastre como o que nos feriu. O furacão rebentou na noite de 12 para 13, mas foi só na tarde de 13, quando já diminuia d'intensidade desde as doze horas d'esse dia, que o mar attingiu a sua maior altura.

«E provavel que tivessemos estado sob a acção de dois furacões: um do sudeste, produzido pela aspiração, que cahiu sobre o pharol de Wesser, Kíel e Puthus, antes de chegar a Memel; o outro, um golpe de vento polar do nordeste annuciado d'Arkangel desde o dia 11 de novembro.

«Havia duzentos annos que no Baltico não cahira tão violenta tempestade junto com uma tão grande elevação das aguas do mar. A reunião d'estas duas circumstancias foi terrível para as costas do mar do Norte e para as do Baltico.

«Nos portos d'Oldemburgo e da Frise oriental, onde os navios são protegidos por um forte dique contra os mares mais encapellados, nunca, nem mesmo durante as mais violentas tempestades, se recebeu pelo dique.

«Mas o que então aconteceu já succedera em dezembro de 1825. Ao começar a lua cheia, o mar tinha-se elevado e um golpe de vento de nordeste rebentou depois de muitos dias de ventos frescos do sudoeste que tinham impellido atravez do canal da Mancha as aguas do oceano Atlantico. A costa foi invadida pelas agoas até duas legoas e meia para o interior e quando, depois de se ter navegado pelos campos se chegou ao logar onde alguns dias antes, estava um dique de vinte pés, viu-se que elle estava arrasado e que tinha sido levado pelas aguas.

«D'estes factos resulta que se Riga, Windan, Memel tivessem annuciado o temporal que soffreram no dia 12, os portos do oeste teriam tido seis horas para se preparar, para receber o furacão e mais de dezoito horas para se proteger contra o seu maximo de violencia».

Sabem todos que as violencias do mar impellidas pelas tempestades durante as marés vivas algumas vezes teem produzido verdadeiros diluvios nas costas do mar do Norte. Em 1634 um furacão que lançou sobre a ilha de Nortrand o mar furioso, causou n'uma só noite a perda de trezentas casas, de seis mil habitantes e de cinco mil cabeças de gado. Tres pequenas ilhotas que as vagas devoram são os unicos restos d'esta ilha que, com algumas das suas visinhas, formavam na edade media, debaixo do nome de Nord-Friesland, uma florescente peninsula arrancada ao continente pelos fins do decimo terceiro seculo.

PERDA DO «NORTHFLEET». — O *Northfleet*, navio transporte d'emigrantes, de setecentas e cincoenta toneladas, tripulado por quarenta homens, transportava para Hobart Town trezentos e cincoenta passageiros com mulheres e filhos. Pouco depois de largar de Londres, em frente de Gravesende, um temporal obrigou-o a abrigar-se junto do cabo Northforeland, onde esteve todo o dia de terça-feira, 21 de janeiro de 1872. Tendo melhorado o tempo desceu o canal e no dia 22 por uma formosissima noite ancorou á vista de Dungeness. Os passageiros tinham-se recolhido aos seus beliches, sobre o convez só estavam os officiaes e a tripulação de quarto, quando, pelas onze horas a vigia avistou um navio a vapor que navegava a toda a velocidade direito ao *Northfleet*. Os gritos de aviso fizeram subir o capitão Knowles ao convez, onde chegou mesmo no momento em que o outro vapor arrombava o seu abaixo da linha de fluctuação. Depois d'este choque terrível o vapor que abalroara desapareceu rapidamente, sem que a sua tripulação desse a menor attenção aos gritos afflictivos que sahiam do navio abalroado.

Nós reproduzimos parte do depoimento feito pelo mestre da tripulação ante o *coroner*:

«As oito horas da noite da catastrophe estavam ancorados na bahia do Este á vista do pharol e junto de duzentos outros navios. Unicamente no convez estavam os marinheiros do quarto da noite; o resto da marinhagem e os passageiros tinham descido aos seus beliches. O mestre da tripulação esteve em cima até ás dez horas e meia, e a noite, posto que escura, estando socegada elle desceu para o seu beliche. Não havia descido havia vinte minutos quando ouviu a vigia gritar: «Olá do vapor, attenção!»

«Este grito não recebeu resposta e no momento em que era repetido o navio foi abalado por um choque terrível. O mestre correu para o seu posto e a primeira pessoa que encontrou foi o capitão. «Arriba toda a tripulação e todo o mundo ás bombas!» gritou este ultimo. Deviam ser onze horas.

«Ao correr para chamar a marinhagem o contra-mestre viu distinctamente o casco negro d'um vapor que marchava lentamente á ré.

«Os passageiros aterrorizados tinham sal-

tado fóra dos leitos e accumulando-se no convéz, principalmente do lado em que estava o navio que nos tinha abalroado, gritavam: «Salve-nos! vamos a pique»!

«O capitão e o piloto nos ovens supplicavam ao navio que se affastava que parasse. Mas nem uma palavra lhe responderam e o vapor continuou a sua marcha, deixando á mercê das vagas o navio que acabava d'arrombar.

«Então o capitão, vendo-se abandonado,

ordenou ao mestre da tripulação e ao piloto que descessem ao porão para conhecerem a avaria, em quanto que elle ia ter com os passageiros a vêr se restabelecia a ordem.

«Um relancear d'olhos bastou para terem o convencimento que o rombo feito no navio tornava inutil o trabalho das bombas. A agua entrava ás toneladas. O mestre do navio subiu e contou ao capitão o que vira que então estava á pôpa onde, ajudava a lançar foguetes em signal de perigo.



BOIA DE SALVAÇÃO LUMINOSA PELO PHOSPHORETO DE CALCIO — Desenho de Th. Weber, segundo um esboço dos auctores

«Carregue a peça contra-mestre e faça fogo, em seguida escaleres ao mar! É tudo quanto nos resta fazer».

«Se tivessem podido dar um tiro teriam chamado a attenção dos navios ancorados na proximidade que confundiram os foguetes com os signaes pedindo piloto. Mas o soquete quebrou-se e foi impossivel carregar a peça. Por ultimo recurso só restavam os escaleres.

«Esta ideia já se tinha apoderado dos passageiros que n'uma lucta desesperada, se precipitavam para os barcos, em quanto que o capitão supplicava e ameaçava para que abrissem passagem ás mulheres e ás creanças. Se os desgraçados tivessem estado socegados teria sido possivel salvar-os a todos. Tinhamos bastantes escaleres para os transportar para o rebocador que estava perto de

nós. Mas foi impossivel convencel-os d'isto. O medo tornara-os loucos. Logo que o primeiro barco foi posto a nado a massa precipitou-se sobre elle. O capitão confiara-me a esposa; eu, prompto a largar, esperava as suas ordens; o capitão aproximou-se da borda do navio e eu disse-lhe que se entrava mais gente iamos a pique. «Larga, respondeu elle e que Deus te ajude!»

«Não o tornei a ver: comtudo no momento em que iamos a atracar ao rebocador, voltei a cabeça e pareceu-me avistal-o á ré com o doutor. Todo o navio estava illuminado com fogueiras e viam-se todos sobre o convéz como se fosse dia claro. Os seus gritos eram dilacerantes. Ainda mais duas ou tres remadas e estavamos a bordo do rebocador. Então voltei-me de novo para lá, mas as fogueiras estavam apagadas e os gritos ti-

nham cessado. O *Northfleet* tinha desaparecido».

A maior parte dos naufragos eram trabalhadores contractados para ir construir um caminho de ferro na Tasmania. O *Northfleet* levava uma carga de rails para esse caminho e esta pesada carga acelerou a sua perda.

O vapor desconhecido era o *Murillo* de nacionalidade hespanhola, que foi preso em Cadiz. A condemnação da opinião já antecipa a justa sentença que castigou o capitão, auctor do sinistro que acabamos de descrever.

NAUFRAGIO DO «VILLE DU HAVRE». — Uma descripção detalhada d'esta terrivel catastrophe foi publicada por um dos passageiros n'uma carta de que vamos reproduzir as principaes passagens.

«A bordo da barca americana *Trimountain*, a 29 de novembro de 1873.

«O *Ville du Havre* foi a pique ás duas horas da madrugada da noute do dia 21 para o dia 22 d'este mez, a trezentas milhas das costas de França. Eramos trezentos e treze a bordo, duzentos e vinte e seis morreram.

«Tinhamos partido de New-York a 15 do corrente por um tempo magnifico. Segunda-feira ao anoitecer rompeu uma tempestade bastante violenta; no dia seguinte apanhamos outra que nos levou uma aba do helice. A partir d'este momento um nevoeiro denso cobriu o oceano, e durante tres dias e tres noutes o valente capitão Surmont nem por um instante abandonou o seu posto. Emfim na quinta-feira 20 o tempo aclarou, o vento acalmou, as creanças continuaram a brincar no convez; tudo respirava alegria e segurança.

«Sexta-feira ás duas horas da manhã, um choque violento abalou o vapor de pôpa á prôa. Todos se levantam, se vestem á pressa. Depressa o convez se cobre de passageiros e marinhagem. A duzentos metros um navio de tres mastros, o *Loch-Earn* está com a prôa destruida. O *Ville du Havre* inclina-se levemente. Vamos a pique?...

«O navio tinha um rombo a estibordo e a água engolfava-se por uma abertura de muitos metros. O navio oscila, os mastros quebram-se e ao cahir esmagam uma lancha que tinha já mais de 30 pessoas e que estava para se fazer ao largo. Numerosas victimas

fluctuam por todos os lados. A' popa do navio um grupo de senhoras reza e faz as suas commoventes despedidas. Um padre, esquecido do perigo e apenas tendo no pensamento os seus deveres, vae de grupo em grupo dando a absolvição. Coisa extraordinaria! ninguem grita, ninguem se move: o grupo, das mulheres rezando, parece inspirar a todos resignação.

«Emfim doze minutos depois d'abordagem a prôa do navio mergulha no mar e eu sinto-me arrastar para o abysmo com uma sensação de vacuo. Como me encontrei á superficie nunca o poderei explicar; mas ajudado por um bocado de madeira a que me segurei, encontrei um nadador sustentado por duas boias do *Ville-du-Havre*. Deu-me uma e momentos depois fui d'encontro a um estrado de madeira que era o tecto da cosinha do navio naufragado. Depois de prolongados esforços, consegui pôr-me em cima d'esta especie de jangada e d'ali com horror contemplei a scena que em volta de mim se passava. Acolá fluctua uma verga a que vinte naufragos desesperadamente se agarram; a todos os instantes vão desaparecendo cabeças, e por fim, dos vinte apenas restam dois que um barco salva no proprio momento em que sem forças iam desaparecer. Os gritos *salve-me! salve-me!* ouvem-se de todos os lados: oh! meu pae! meu filho! depois prolongados gritos de desespero, em seguida o silencio apenas interrompido pelos sinistros rumores das vagas. Um escaler francez recolhe-me e põe-me a bordo do *Loch-Earn*, o navio que nos metterá no fundo. Emquanto que o capitão e a marinhagem se apressam em dar vestuarios e aquecer os naufragos, escaleres pertencentes aos dois navios sulcam o mar, e vão trazendo algumas victimas. Aqui está o capitão Surmont que se conservou no seu posto até ao ultimo instante, dando ordens para deitar ao mar os escaleres. Aqui estão muitos dos valentes officiaes do *Ville-du-Havre*; os snrs. Garay, o immediato, o primeiro tenente Gaillard; Vié commissario; só põem os pés no convez do *Loch-Earn* depois de ter salvo grande numero de naufragos e depois de estarem convencidos que nenhum mais resta a salvar.

«A penna recusa-se a descrever os horrores de tão grande catastrophe passada